

NATÁLIA DE SOUSA MARTINS

TRAGÉDIA FAMILIAR:
uma análise de *Os Corumbas*, de Amando Fontes

ASSIS
2015

NATÁLIA DE SOUSA MARTINS

**TRAGÉDIA FAMILIAR:
uma análise de *Os Corumbas*, de Amando Fontes**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP - Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Márcio Roberto Pereira

ASSIS

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

M386t

Martins, Natália de Sousa

Tragédia familiar: uma análise de Os Corumbas, de
Amando Fontes / Natália de Sousa Martins. Assis, 2015
103 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Márcio Roberto Pereira

1. Fontes, Amando, 1899-1967. 2. Os Corumbas .
3. Literatura e sociedade – Brasil.
4. Regionalismo na literatura. 5. Representações sociais. I.Ti-
tulo.

CDD 869.909

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida e por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e por ter colocado as pessoas que me amparam em toda jornada da Graduação e Pós- Graduação.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado de confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador Márcio Roberto Pereira, pelo suporte dado desde o terceiro ano da graduação até o mestrado, onde seguimos juntos e ele sempre paciente e perfeccionista em suas correções estava sempre disposto a me ajudar, nunca deixando de me apoiar diante de tantas dificuldades.

Agradeço ao professor Rubens Pereira dos Santos, grande homem e mestre responsável pela minha iniciação no meio acadêmico desde o primeiro ano da graduação, onde realizávamos projetos de iniciação científica, e ele nunca me deixou desistir e ainda continua presente em minhas realizações da Pós-Graduação.

Aos professores, Adriana Silene Vieira, Ana Paula Franco Nobile Brandileone e Francisco Claudio Alves Marques, que, em pouco tempo, leram meu trabalho atentamente de forma a contribuir grandemente.

A todos os *professores* por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de *formação profissional*, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos *professores* dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Agradeço a minha mãe Maria Cristina Ferreira de Sousa, heroína sempre, que mesmo sem condições financeiras me incentivou a estudar, mostrando que a educação e o conhecimento eram os únicos caminhos para uma mudança concreta e efetiva do ser humano, e também por todo suporte dado a mim nas horas difíceis, de desânimo e cansaço e principalmente por seu amor incondicional.

A minha irmã, Nadine de Sousa Martins, amiga, que soube entender e respeitar todos os momentos que trocava muitas atividades e lazeres devido ao estudo e trabalho.

Meus *agradecimentos* aos amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Cristina Ferreira de Sousa, instrumento para que eu chegasse a esse mundo, e que me fez trilhar o caminho da honestidade e da sabedoria, meus agradecimentos por ter me ensinado, ainda em idade pueril, como alcançar a estrada do bem.

MARTINS, Natália de Sousa. ***Tragédia familiar: Uma análise de Os Corumbas, de Amando Fontes***. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

Neste trabalho, fez-se o levantamento das representações contidas no romance *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes. O tema central desse estudo é a abordagem de cada uma das representações que o romancista fez: o senso de moralidade; a degradação do herói; deslocamentos (exílios), papel da mulher na sociedade e a representação da realidade. O levantamento desses níveis de realidade na obra foi pertinente, já que todas as representações indicam não apenas um retrato da sociedade aracajuense, mas também porque depreendem um momento histórico de uma sociedade em transformação econômica e cultural. E toda essa transformação é delineada na narrativa por meio da família Corumba, protagonistas do enredo, família que tem sua degradação familiar a partir do momento que se auto-exilaram na cidade de Aracaju em busca de uma ascensão social, o que nunca aconteceu.

Palavras-chave: Amando Fontes. *Os Corumbas*. Literatura e sociedade – Brasil. Regionalismo na literatura. Representações sociais.

MARTINS, Natália de Sousa. ***Familiar Tragedy: an analysis of Os Corumbas, by Amando Fontes***. 2015. 103 p. Dissertation(Master Degree in Arts). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

ABSTRACT

It was made in this work a survey of the representations contained in the novel *The Corumbas* (1933), by Amando Fontes. The central theme of this study is to approach each of the representations that the novelist did: the sense of morality; the hero's degradation; displacements (exiles), women's role in society and the representation of reality. The survey of these levels of reality in this study was relevant, because all representations indicate not only a portrait of aracajuense society, but also because infer a historic moment of economic and cultural transformation of the society. And all this change is outlined in the narrative through the Corumba family, the protagonists of the plot, family that has its degradation from the moment that they exile themselves in the city of Aracaju looking for a social mobility, which never happened.

KEYWORDS: Amando Fontes. *The Corumbas*. Literature and society- Brazil. Regionalism in the literature. Social representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – AUTOR E OBRA	
1.0 Amando Fontes	14
1.1 Recepção da obra e do autor	21
CAPÍTULO II – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
2. Regionalismo	29
2.1 Elementos de tragédia no romance	41
2.2 Enlaces do exílio.....	49
2.3 O híbrido no romance	61
CAPÍTULO III – O PAPEL SÓCIO-CULTURAL DA MULHER EM AMANDO FONTES.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

INTRODUÇÃO

Amando Fontes (1899 a 1967) romancista e também jornalista, autor de *Os Corumbas* (1933) e *Rua do Siriri* (1937), retratou em seus romances a vida dos nordestinos contemporâneos a ele, isso porque o autor, além de ser de família nordestina, também morou no Nordeste grande parte de sua vida. Embora seus romances sejam de grande importância para a história da literatura, devido ao vigor de sua representação literária no nordeste após 1930, fator que explica *Os Corumbas* ter chegado a mais de trinta e três edições.

Luís Bueno, em seu estudo acerca da atualidade de Amando Fontes, descreve que algumas críticas depreciativas e severas podem ter ajudado a causar o esquecimento do autor:

Veja-se, por exemplo, a crítica severa de Álvaro Lins, que não faz sentido em alguns momentos. Como era de seu feitio, ele faz sugestões de duas supressões, (n' *Os Corumbas*) uma delas de um trecho já discutido aqui, em que o Dr. Barros e seus amigos comentam o caso de Caçulinha, obrigada a deixar os estudos. Opiniões como esta sem dúvida contribuíram para que o romance de Amando Fontes tenha perdido prestígio mais do que seria justo acontecer. Afinal, se não é a suprema maravilha que pareceu ser quando veio a público, está longe de ser um livro irrelevante. (BUENO, 2006, p. 197)

Toda a ideia exposta anteriormente acerca do esquecimento de Amando Fontes por parte da crítica evidencia-se quando se folheiam obras críticas da história da literatura brasileira. Tome-se, por exemplo, alguns críticos renomados, como Alfredo Bosi, ao tratar dos autores e obras da década de 30, faz uma sucinta citação de Amando Fontes e de suas obras.

Porém, apesar de Amando Fontes ser esquecido, não se pode negar que ele realizou o projeto da geração de 30.

Os romancistas de 30 tinham a ideologia de focar os problemas sociais e políticos brasileiros e a tendência a voltarem-se para os problemas sociais e econômicos, sobretudo no Nordeste. O grande projeto dos escritores dessa geração, assim também como o de Fontes, era retratar a realidade, a sociedade com o máximo de objetividade possível. A geração de 30 foi o desdobramento do realismo

do século XIX, e assim como eles desejavam pintar o quadro da sociedade, para Flora Sussekind “são escritores que se negam enquanto ficção, enquanto linguagem, para ressaltar o seu caráter de documento, de espelho ou fotografias do Brasil”. (1984, p. 43)

Esse levantamento da ideologia da representação do homem por parte de Fontes pode ser estendido a todo projeto dos romancistas de 30, que mantêm estreita relação com o que Auerbach afirmou em seu estudo acerca da representação da realidade: “Imitação da realidade é imitação da experiência sensível da vida terrena”. (2004, p. 166). Também abordando essa mesma linha de estudo, Ítalo Calvino, ao falar da representação da realidade em literatura, afirmou:

A literatura não conhece a realidade, mas somente *níveis*. Se existe a realidade de que os vários níveis não são mais do que aspectos parciais, ou se existem somente níveis, isto a literatura não pode decidir. A literatura conhece a *realidade dos níveis* e esta é uma realidade que conhece, talvez, melhor de quanto não se chegue a conhecê-la por meio de outros procedimentos cognitivos. (1978, p. 10)

E ainda acrescentou: "dentro do universo da palavra escrita podem-se individualizar muitos níveis de realidade". (CALVINO, 1978, p. 3). Fontes, como um escritor neorrealista abordou diversos níveis em sua obra: o senso de moralidade; a degradação do herói; o deslocamento (exílio); o papel da mulher na sociedade e a representação da caridade.

Fica nítida ainda a representação do senso de moralidade no romance, pois na narrativa em estudo há vários aspectos morais, como, por exemplo, em Josefa e Geraldo Corumba, que se mostram sempre preocupados com a moral do lar e com a conduta dos filhos. Quando os pais ouvem histórias de moças que se tornam prostitutas, ficam apreensivos de verem as filhas seguirem o mesmo caminho, e, por isso, eles sempre as alertam para não “caírem na vida”, serem meretrizes, algo considerado imundo pela sociedade da época.

Também os pais mostram-se preocupados com as ideias políticas do filho Pedro e alertam a ele para tomar cuidado e não perder o emprego bom que tem, já que o patrão gosta tanto dele e acabara de promovê-lo. Fica nítido, ainda, que Josefa e Geraldo vão embora de Aracaju quando suas convicções ficam abaladas. Pelos exemplos expostos, ficam perceptíveis os elementos de moralidade do

romance, uma vez que o narrador sempre ressalta a preocupação de uma mãe e um pai preocupados com a moral do lar e as condutas dos filhos.

Outro elemento representado no romance é a trajetória dos heróis, a família Corumba, que sai de sua terra natal, Ribeira, e vai para Aracaju, em busca de uma condição social melhor e eles possuem uma melhora num primeiro instante, pois conseguem o que almejam: emprego para os filhos mais velhos e escola para as caçulas. Porém eles vão decaindo com o tempo, ocorre com toda a família uma degradação pessoal e social, e devido a esse fato, este é unicamente o romance da trajetória da degradação de uma família. Nota-se, assim, que a família Corumba nada mais é do que a representação do herói moderno, decaído, que luta pela sobrevivência.

Ainda, outro elemento representado no romance é o deslocamento que se dá por meio da família Corumba, e esses deslocamentos no romance são considerados exílios, já que o exílio implica num deslocamento impingido de certo sentimento e, para Edward Said (2003), o exílio é como uma alternativa às instituições que dominam a vida moderna. E foi assim para a família Corumba, que teve no deslocamento a única alternativa de mudarem de vida.

Além disso, cada personagem é empurrada para o espaço do tipo social a que pertence, espaço que melhor representa e caracteriza suas ações ou pensamentos. As prostitutas são empurradas para a Rua do Siriri, onde estão os prostíbulos de Aracaju, menos Caçulinha, que se torna "prostituta de luxo" e Bela Corumba, que falece. Já os pais voltaram para a terra natal, pois lá estavam suas raízes e todo o valor que construíram.

Terry Eagleton acerca do papel da mulher na sociedade diz que: "Para a sociedade dominada pelos homens, o homem é o princípio fundamental e a mulher é o oposto excluído desse sistema; e enquanto tal disposição for rigidamente mantida, todo o sistema pode funcionar com eficiência" (2006, p. 199). E essa foi uma representação que Fontes fez em seu romance, o desvendamento do papel da mulher, a condição dela na sociedade da época.

O narrador mostrou a culpa que elas carregaram por não se guardarem até o casamento, o destino que essas foram obrigadas a seguir, a exclusão das jovens pela sociedade e pela família. É só ver as moças Corumba, desejavam uma ascensão social pelo casamento e quando perdem a virgindade antes do matrimônio elas se veem obrigadas a entrar no mundo da prostituição, não lhes restando outra

escolha. Toma-se o caso de Joana como exemplo, a filha Corumba caçula, que quando perde a virgindade, desapropria-se de seu posto de secretária, pois não é mais digna para exercer tal função:

Foi ao próprio Geraldo que entregaram o último ordenado de Caçulinha, juntamente com uma nota, em que a despediam do serviço.

Era este um velho hábito, que desde sua fundação as Fábricas vinham mantendo com rigor: - Não permitir nunca o trabalho, na seção do escritório, a moças que não tivessem vida honesta.

E Caçulinha entrara nesse rol, desde o dia em que sua infelicidade correu mundo. (FONTES, 1967, p. 163)

Quando as mulheres são desvirginadas perdem seus valores, a sociedade as estigmatiza como depravadas, tem-se medo delas “contaminarem” as moças dignas. Por meio das Filhas Corumba é posto em evidência que o preço a ser pago pelas mulheres é sempre maior, fruto de uma sociedade ainda muito machista e injusta.

Outra representação feita pelo romancista é a caridade representada apenas por uma única pessoa no romance, o Dr. Barros, homem que se mostrava sempre disposto a ajudar quem lhe procurava, porém era quase impossível ajudar a todos, ainda mais num lugar como aquele, onde havia muita miséria. Ainda, há também, a falsa caridade, posta em evidência pelo Dr. Fontoura, médico que prestou assistência à Bela Corumba, a enferma, sem pedir dinheiro da família pelo tratamento da paciente, pois o médico desejava unicamente aproveitar da situação para conquistar Albertina.

A respeito da caridade no romance, Luís Bueno afirmou que: "Não há nada que os pobres possam esperar da elite, exceto alguma compaixão, que poderia resolver certos problemas, mas não ajuda a sair do lugar". (2006, p. 189). É posto em evidência que a única coisa que os pobres têm a fazer é esperar, sonhar com a caridade alheia, caridade essa que na maioria das vezes nunca vem.

Por todos os níveis, representações da realidade presente *n'Os Corumbas*, pode-se dizer que para atingir a verossimilhança em sua obra – outra representação – Fontes conseguiu fundir esses níveis com harmonia entre si. Como mencionou Ítalo Calvino, essas representações estão no “mesmo nível de realidade”. (1978, p. 3) Sabe-se que a busca da verossimilhança na obra literária era o objetivo dos romancistas de 30, uma forma de retratar a realidade, e Fontes de boa maneira atingiu esse objetivo.

Há de se notar no romance que há a representação do coletivo, não do proletário, mas sim do coletivo que é a família Corumba. O título do romance já indica que não é o romance de alguém, mas de algumas pessoas, membros de uma família e no decorrer de todo o romance as ações, os fatos que o narrador expõe, inclusive ao tratar dos personagens secundários, tudo circunda a família.

Até certo momento da narrativa os personagens protagonistas representavam um coletivo, uma família, estavam juntos, faziam as coisas um pelo outro e para o outro, cada membro da família mostrava-se preocupado com o outro. Porém, com a saída de um por um dos filhos de casa quebrou-se o coletivo no romance, e é onde cada personagem começou a se expor individualmente e a unidade e equilíbrio doméstico foi desfeita e a tragédia da família Corumba, o sair de cada um dos filhos, trouxe o rachar da coletividade, pelo qual acontece a fragmentação do romance.

CAPÍTULO I- AUTOR E OBRA

1. Amando Fontes

Amando Fontes, além de jornalista, também foi advogado e deputado estadual constituinte em 1946. Filho de um farmacêutico e uma dona de casa, ficou órfão ainda criança e foi criado pelos avós em Aracaju. Durante sua vida residiu no Rio de Janeiro, Salvador e Curitiba.

Aos quinze anos, começou a trabalhar como revisor do jornal *Diário da Manhã*, em Aracaju, em seguida, no ano de 1919 foi para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Nacional de Medicina, no entanto, por motivo de doença abandonou o curso e retornou a Sergipe, período que iniciou a escrita d' *Os Corumbas*. Também nesse tempo que cursava medicina frequentou a roda literária, que, inclusive participava Jackson de Figueiredo (advogado que atuou intensamente como professor, jornalista, crítico, ensaísta, filósofo e político)

Porém, após a Revolução de 1930, Fontes voltou novamente para o Rio de Janeiro, onde se dedicou à advocacia, e retomou a escrita d' *Os Corumbas* – publicado em 1933 pela Editora José Olympio¹. Publicou em 1937, *Rua do Siriri*, também pela José Olympio e escreveu algumas poesias desconhecidas pelo público, mas que acarretaram elogios de Manuel Bandeira.

Fontes, em 01 de dezembro de 1967, quase deixou pronto seu terceiro romance já com oitenta capítulos, cujo nome seria *O deputado Santos Lima*, que retrataria os últimos anos da República Velha, revelando e reforçando o compromisso de representação histórico-social do meio em que vivia , com sua veia

¹ A Livraria José Olympio Editora foi fundada por José Olympio Pereira Filho, em 1931, na cidade de São Paulo. Publicou vários romances de José Lins do Rego, como *Banguê*. Em 1936, a editora pulicou 66 novas edições, tornando-se o maior editor brasileiro de obras de ficção, de natureza não-didática.

Nos anos 40 e 50, Olympio se tornou o maior editor do país, publicando dois mil títulos, com 5 mil edições, os quais nos anos 80 atingem 30 milhões de livros de 900 autores nacionais e 500 estrangeiros.

José Olympio publicou uma grande variedade de obras, cujos escritores vão desde Manuel Bandeira, Raquel de Queirós, Fernando Sabino, Orígenes Lessa, Ligia Fagundes Telles, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Amando Fontes, até escritos do presidente Getúlio Vargas.

jornalística na literatura, no entanto esse romance jamais foi publicado, pois: “Distúrbios neovegetativos o impediram de terminar o romance. (CONDÊ, 1966, p. 5)

Os Corumbas foi muito bem recebido pela crítica e escritores da época que teciam elogios ao romance, como é o caso de Otávio de Faria², quando fala de Amando Fontes. Já *Rua do Siriri* (1937), não obteve tanto sucesso. Tal romance retrata as vidas das prostitutas de Aracaju, que em sua estrutura parece mais uma crônica, já que cada capítulo retrata a vida individual das mulheres, capítulos que não tem em si ligação uns com os outros e não há protagonista, não há um personagem a ser focado ou uma história, mas sim o retrato geral das vidas dessas mulheres.

Há dramaticidade e muita desgraça em *Rua do Siriri*, retrato de vidas miseráveis que vendem seus corpos, não porque o queiram, mas porque a vida as obrigou e, assim, foram mulheres enfeitadas pela sociedade aracajuense. Esse romance não envolve grandes dramas interiores, pessoais, pois não há conflitos a serem resolvidos. Destarte, essa obra de Fontes não obteve uma recepção positiva como o primeiro, que oferecia ao público um grande drama e tragédia familiar emocionando quem o lia, isso talvez porque o intuito do escritor com esse romance fosse apenas o de mostrar para onde foram as filhas Corumbas e como seriam as vidas delas nos prostíbulos, a rotina e problemas que enfrentariam por lá.

Outro dado importante do autor é ter ele se reunido ao grupo Schmidt, grupo de pessoas que propagavam as ideias da segunda geração modernista, geração essa responsável pela divulgação da literatura no nordeste e que tinha como intuito valorizar o regional. Schmidt abriu uma editora e publicou grandes autores: Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Gilberto Freire e Amando Fontes.

Logo, é notável que Fontes participou de um grupo de renome no território nacional, como também teve seus romances publicados por grandes editoras como

² Otávio de Faria foi romancista (1908- 1980), crítico e escritor, nasceu no Rio de Janeiro. Em 1927, iniciou sua crítica literária na revista dirigida por Augusto Frederico Schmidt. Colaborou em diversas revistas políticas e literárias, como: Boletim de Ariel, Pelo Brasil, Hierarquia, Revista de Estudos Sociais, A época, Letras e Artes, Leitura, Revista Acadêmica, também colaborou em jornais como o Correio da manhã, *Jornal do Comércio* e *Jornal dos Sports*.

Schmidt e Editora José Olympio, sendo a Olympio responsável pela primeira publicação d' *Os Corumbas* e respectivamente *Rua do Siriri*.

Em 1934, Fontes viajou para o Rio de Janeiro para receber seu prêmio de cinco contos de réis, devido ao sucesso d' *Os Corumbas*, pela Sociedade Felipe de Oliveira³, ocasião no qual discorreu sobre o que o motivou a escrever seu romance. Por meio da crítica havia um desconforto no autor, pois às vezes o identificavam como produtor de uma literatura proletária, já que descreveu as terríveis experiências de trabalhadores na cidade de Aracaju, ou como Jorge Amado que o considerou longe de escrever literatura proletária.

Ao longo de toda a narrativa há um tom objetivo e extremamente direto, o que a profissão de Fontes também como jornalista influenciou a sua produção textual, pois seu texto muito se diferencia daqueles que se dedicaram à literatura social, onde o tom panfletário, reivindicatório, comunista e proletário era extremamente visível e acirrado, o que não encontramos em Fontes.

Jorge Amado escritor de algumas obras de teor político, ideário, panfletário afirmou:

Muitas vezes fui acusado de interessado e parcial, de escritor comprometido e limitado por esses compromissos, de escritor político e participante. Jamais tal acusação me doeu ou pesou, jamais me senti por ela ofendido. Qual escritor não é político? (Apud GERMANO, 2012, p. 1)

Fontes também retratando os “enjeitados” socialmente, percebe-se esse tom político, partidário em suas obras. Em toda sua narrativa o autor intentou apenas dar voz aos trabalhadores e aos setores populares sem extrema estigmatização, censura direta, verberação correspondente ao olhar externo descritivo da situação

³ A Sociedade Felipe d'Oliveira foi fundada “em lembrança de Felipe d'Oliveira e culto à sua memória”, em 23 de agosto de 1933, data de nascimento de seu patrono. Os objetivos principais eram: a edição de inéditos ou a reedição de obras de Felipe d'Oliveira, a edição de obras de autores brasileiros e a publicação de um boletim anual que recebeu o nome da obra mais conhecida do poeta gaúcho, Lanterna Verde. Composta por quinze membros: Augusto Frederico Schmidt, Álvaro Moreyra, Rodrigo Otávio Filho, Otávio Tarquínio de Sousa, Tristão da Cunha, Rui Ribeiro Couto, Renato Almeida, Renato de Toledo Lopes, Manuel de Abreu, João Daudt d'Oliveira, Edmundo da Luz Pinto, João Neves da Fontoura, José de Freitas Valle (Jacques d'Avray), Assis Chateaubriand e Ronald de Carvalho, que foi substituído, após seu falecimento, por Alceu Amoroso Lima. Ao fazer a revisão geral do Modernismo, no seu número quatro, de novembro de 1936, declara-o extinto, e apresenta as tendências da literatura brasileira após 1930. O interesse principal do Boletim está justamente a visão crítica do Modernismo.

de sofrimento popular. Ele expôs tragédias de pessoas humilhadas e que tem seus destinos traçados pelo meio externo social, que não podem esperar grandes mudanças em suas vidas, tem sonhos, mas esses nunca se concretizam, pois são pessoas esquecidas e esmagadas socialmente.

Nota-se esse retrato político n' *Os Corumbas* por meio da exposição da sociedade pobre de Aracaju, de operários que buscavam a todo o momento melhorias, o mínimo para sobrevivência, e deixavam sonhos de lado, até que por fim toda a família se separou. Em *Rua do Siriri*, em que são narradas vidas de prostitutas, revela-se que muitas não tiveram outra escolha senão esse caminho, sendo estigmatizadas e muitas tem um final desgraçado. E com tais representações o escritor compôs romances panfletários, pois comumente se registrava na época a ligação de autores à ideias de um partido, ideias socialistas ou marxistas e o próprio Amando Fontes era deputado federal, o que reforça a sua veia política.

A exemplo de ligação nítida de intervenção panfletária, ideias marxistas e socialistas há o escritor Jorge Amado, que em alguns de seus romances produziu documentos científicos, embasou por uma reivindicação revolucionária e trazendo o fim da exploração capitalista.

Cinco anos aturei na fábrica a brutalidade do meu tio. Sinval, aos dezessete, vendera o que possuía em roupas e móveis e tocara para as fábricas ou para as fazendas de São Paulo. A primeira e última notícia que tivemos dele foi dois anos depois. Estava metido numa greve e esperava ser preso a qualquer momento. Depois nem uma carta, nem um bilhete, nada. Os operários afirmavam: –Seguiu o destino do pai – e cerravam os punhos enraivecidos. Mas a fábrica apitava e eles se curvavam, magros e silenciosos. Minhas mãos estavam então calejadas e meus ombros, largos. Esquecera muito do pouco que aprendera na escola, mas em compensação sentia um certo orgulho da minha situação de operário. Não trocava meu trabalho na fiação pelo lugar de patrão. Meu tio, o dono, estava bem mais velho e mais vermelho e mais rico. A barriga era o índice da sua prosperidade. À proporção que meu tio enriquecia ela se avolumava. Estava enorme, indecente, monstruosa. Poucas fortunas em Sergipe se igualavam nesse tempo à sua. (AMADO,1996, p. 7-15)

Fontes, ao falar da verdade em seu romance, declarou:

Tive que ceder à verdade, porém tive que renunciar ao desejo de seguir o caminho de alguns mestres, para ser fiel à interpretação da alma, dos sentimentos de nosso povo, simples, primitivo, expressando ainda as suas maiores dores e tragédias por um gesto

inacabado, por duas ou três palavras de resignação ou desconsolo (Apud LIMA, 2008, p. 9)

O que se percebe nas obras de Fontes, é o contar de histórias de trabalhadores livres e pobres de Aracaju: agricultores e operários, pessoas que vivem na extrema miséria, em busca do pão de cada dia e mesmo assim ainda falta nas mesas; um retrato das pessoas obrigadas de forma indireta pelo meio externo (a seca), a abandonar suas terras, em resumo, sua temática principal é falar de vidas miseráveis e não de lutas trabalhistas ou pensamentos sociais, comunistas ou marxistas que estavam em voga na época.

De 1920 a 1930 ocorria a industrialização, a passagem do campo à cidade, o que ficou conhecido como o processo de êxodo rural, e essa passagem, na grande maioria das vezes obrigatória, uma vez que com a crise a revolução social e literária de 1930, foi uma resposta à crise e ao colapso econômico que envolveu o país após a queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929.

E nesse período de crise, todo o país sentia-se insatisfeito com o domínio da velha cultura cafeeira, o que bem mostrou o movimento tenentista (1922) e a Coluna Prestes (1924-1928). Toda a revolução foi feita pelos setores marginalizados no Brasil, o que foi muito decisivo para os quadros político sociais positivistas, para o novo projeto de modernização do país e o fortalecimento da literatura de 30, que tinha um cunho extremamente social.

As fábricas começavam a surgir, sendo assim as pessoas, muitas dessas que perderam seus empregos no campo, foram onde essas fábricas estavam. O que fica notável ser um processo de crise do meio rural, crise essa que provocou um acometimento pessoal, visto que as pessoas viam-se perdidas, pois teriam que seguir um rumo novo de exclusão social e adaptação no novo meio, como se presencia n' *Os Corumbas*.

Fontes olhava e descrevia o povo, os trabalhadores sempre sobre as penas de um jornalista, algumas vezes com um certo ideal ou utopia em seu romance, ele procurou a representação do homem e da realidade. Almeida ao enfatizar o lado social d' *Os Corumbas* levou em discussão outros romances do período:

Enquanto Jorge Amado, em *Cacau* nos coloca em frente de uma ideologia social e a faz determinante, e Raquel de Queirós no *Quinze*, nos dá o patético pela tragédia do ambiente, Amado Fontes limita-se à narrativa, donde brota a impressionante realidade. Por

isso mesmo o romance é simples e desataviado, estranhamento angustioso e cheio de sugestão. Piedade, revolta ou ódio, ninguém fechará o livro indiferente ao destino da gente infeliz e vencida. E porque quiseram tão pouco, o direito à vida, e na obtiveram, o direito à melancolia, que é uma forma nobre da piedade. E naqueles, que não querem consertar o mundo, ficará ao menos essa impressão e ela justificará o livro. Os outros se deixarão inflamar, e, frementes e audazes, prosseguirão na ânsia de implantar a justiça e vingar Os Corumbas. (Apud LIMA, 2008, p. 8)

De forma extremamente dramatizada e humana Fontes sondou sobre a seca, trabalhadores do campo e proletários da cidade esquecidos pelo governo, pela sociedade, um romance de injustiças, operando assim como grandes escritores da segunda geração modernista, a exemplo de Graciliano Ramos, grande nome da literatura brasileira, que abordou destinos infelizes e desgraçados influenciados pela seca, e nota-se pontos de similaridade particularmente na temática em *Vidas Secas* (1938) e *Os Corumbas*, que de forma geral era uma temática que se repetia muito no romance de 30.

Graciliano discursou, ainda, sobre funcionários públicos (Luís- *Angústia*), fazendeiros empobrecidos (Paulo – *São Bernardo*), jornalistas e profissionais liberais (*Caetés*) ou retirantes da seca (*Vidas Secas*), tipos também abordados em *Os Corumbas*.

Fazer tal comparação com Graciliano mostra- se necessário, já que ele é o grande nome universal do neorealismo, regionalismo brasileiro e provedor de grandes obras que retratam o sertão nordestino, sendo assim por esse viés é permitido analisar se Fontes, fora da linha dos cânones, realizou o projeto de sua geração: doutrinário, o que o artista fielmente o fez e ainda colocando- o lado a lado de um nome que se perpetuou na Academia Brasileira de Letras.

E *Os Corumbas*, assim como muitos outros romances da geração de 30, retratou a desgraça de nordestinos que sofreram pela seca e tiveram por ela seus destinos mudados; vidas proletárias imundas, excluídas e sempre marginalizadas, sem nada a esperar, senão um destino marcado pelo sofrimento e infelicidade.

Foi Caçulinha mesmo que lembrou;
 - Não, mãe, esta situação não pode mais continuar. Assim a gente acaba pedindo esmola na rua. Bela já tem um mês que não trabalha... Tudo já está faltando aqui em casa. Da minha parte, eu estou sem roupa e sem sapato. Tenho pensado muito em tudo isso. E só vejo um remédio: É eu largar a escola e me empregar...
 Fez uma pequena pausa. Depois:

- Quem é pobre é assim mesmo: não pode nunca satisfazer suas vontades... (FONTES, 2003, p. 125)

Nessa passagem, Joana, mais conhecida por todos como Caçulinha, a filha Corumba mais nova, que estudava, um sonho almejado e alcançado com a mudança à capital, vendo as irmãs que fugiram, e sua irmã Bela enferma sem poder trabalhar, destarte todos sem dinheiro para alimento, para nada, decidiu então abandonar a escola e se empregar nas fábricas de Tecidos, algo trágico que mudará seu destino, mas como ela mesmo afirmou “O pobre nunca pode satisfazer suas vontades”, apenas sonha, deseja e se almeja seu objetivo, o destino vem e arrebatando tudo, lembrando- os da onde vieram e quem são.

Em suma, por esse trecho do romance o autor reafirma como o destino da família, o destino de uma região, que em sua maioria a sorte nunca perpetua, põe à mostra o sofrimento e fragilidade de um lugar esquecido, marcado pelas secas e destinos ordinários.

1.1 Recepção da Obra e do Autor

Na atualidade, há um desconhecimento generalizado do autor Amando Fontes diante do público leitor, como também dentre um público mais específico, que são estudantes de letras, que lidam com a literatura em seus estudos. E quando se fala da falta de ciência, não é apenas do romance de estudo *Os Corumbas*, mas também *Rua do Siriri* e outros trabalhos realizados pelo romancista, como sua vida política, participação na Academia Brasileira de Letras e do seu entrosamento com críticos literários contemporâneos a ele.

Amando Fontes foi tão bem aplaudido na época em que iniciou seus trabalhos, como a exemplo do colunista José Condê, que, em matéria para o jornal *Correio da Manhã*, no dia 7 de agosto de 1966, pontuou Fontes como “destacado do pós- modernismo” (1966, p. 12). E hoje a palavra destacado não é cabível mais ao autor, nem a seus romances, como *Os Corumbas*, que na época de sua publicação teve suas edições esgotadas, já hoje é um drama familiar desconhecido.

Um drama narrativo onde Sá Josefa e Seu Geraldo, pais, são dois agricultores do interior de Sergipe: Ribeira. A chuva em 1903 ficou escassa, logo os

dois juntamente com os filhos partiram para Aracaju à procura de emprego nas fábricas de tecido. Àquela altura, a família contava com quatro mulheres e um homem, cada qual havendo de se empregar nas recém-construídas indústrias de algodão da capital. Rosenda e Albertina foram trabalhar nas fábricas, Pedro conseguiu emprego de mecânico e Bela e Caçulinha, as mais novas, matricularam-se na escola.

Rosenda e Albertina começaram a namorar e fugiram com os rapazes que em seguida as abandonaram e elas entraram pra prostituição.

- Vida triste vai ser a minha, condenado a viver longe de você!...Venha comigo, nega!
 - Mas ir, como?- Inquiriu Rosenda, abrindo os olhos.
 - Fugindo! Quando a gente quer bem não encara nada. Vamos?...
 [...] Por casa, não! A gente se casa em Simão Dias. Você sabe muito bem que nosso casamento ainda não se fez por culpa de sua mãe, que tem prevenção comigo.
 [...] Combinaram tudo ali mesmo, sem perda de um minuto. E no dia apazado, uma quinta-feira, pela tarde, encontraram-se pertinho da estação, para tomar o trem que dali a pouco já partia, rumo ao Sul.
 (FONTES, 2003, p. 81-82)

Iludidas de que se casariam todas moças Corumbas fugiram com a promessa e cheias de esperança de tornarem-se esposa, como mostra a cena acima da decisão de Rosenda e seu namorado fugirem, cena essa que praticamente da mesma forma se repetiu com Albertina mais adiante, também fugiu com o noivo, acreditando que se casaria, foi abandonada e tornou-se prostituta.

Já, Pedro que se envolvera com um grupo político de esquerda, foi deportado ao Rio de Janeiro, logo Bela teve que começar a trabalhar para ajudar nas despesas de casa, porém morreu tuberculosa. Caçulinha, sem alternativa, abandonou os estudos e se empregou na Têxtil, para ajudar nas despesas, também começou a namorar e já planejava o casamento, no entanto perdeu a virgindade antes de casar-se e foi abandonada pelo noivo e por isso demitida do cargo de secretária, não sendo mais considerada digna para o cargo, já que perdeu a virgindade e não era casada, assim não restou a ela outro caminho senão entrar na prostituição. Então os pais sozinhos e envergonhados com a desagregação familiar voltaram para o interior, de onde eles disseram que nunca deveriam ter saído.

Esse tocante drama familiar, *Os Corumbas*, na data de sua publicação (1933) teve uma recepção muito positiva pelo público leitor e por escritores, como é o

exemplo de Octávio de Faria, que se referiu ao romance como um dos grandes da época. Todavia, atualmente Amando Fontes é esquecido pela grande maioria dos críticos de literatura brasileira, e a leitura de *Uma história do romance de 30*, de Luís Bueno (2006) – realizador de um abrangente estudo das obras da década de 30- só faz confirmar essa ideia, o crítico é um dos pouquíssimos a colocar Amando Fontes em evidência e mostrar que suas obras são de grande e relevante importância para a literatura brasileira.

O fato é que, geralmente, quando se fala em Amando Fontes, alguns críticos o comparam a Jorge Amado e seu romance *Os Corumbas* ao romance *Cacau*, de Amado, já que os dois foram publicados no mesmo ano (1933) e falam de massa popular, *Os Corumbas* (Amando Fontes) aborda operários como personagens e em *Cacau* (Jorge Amado) pessoas que trabalham na plantação de cacau.

No romance *Cacau*, o sergipano José Cordeiro não queria ser patrão, era operário e orgulhava-se de sua atividade, porém demitido da fábrica foi trabalhar na zona cacauzeira, no sul da Bahia. Lá, na zona do Pirangi, na Fazenda Fraternidade, desenrolou-se sua história, tendo como pano de fundo as condições de trabalho nas plantações de cacau, onde os trabalhadores eram obrigados a aceitarem uma situação de semiescravidão. A sua relação com Maria, filha do coronel e dono da Fraternidade, vai colocá-lo diante da possibilidade de se tornar proprietário; no entanto ele se manteve firme ao lado dos trabalhadores, pois “falava” mais alto sua consciência de luta social.

Nota-se similaridade entre ambos, porque os dois romances abordam condições de trabalhos precárias e desumanas de operários e devido a essa ocorrência de proximidade temática, fez com que os estudiosos sigam esse viés da comparação. Além do que até por Jorge Amado e por outros escritores concomitantes a Fontes terem publicado inúmeras obras, diferentemente desse último, fez e faz com que possivelmente ele seja posto em plano secundário na história da literatura brasileira.

Também para analisar a atual situação de Fontes na literatura brasileira julga-se importante o levantamento da recepção do autor nos livros, mais conhecidos acerca da história e crítica da literatura brasileira, *A literatura no Brasil* (1997), Afrânio Coutinho; *Formação da literatura brasileira*, (S.D), Antônio Candido e, *História Concisa da literatura brasileira* (2006), de Alfredo Bosi, uma vez que esses

sendo livros que mostram o panorama geral da literatura brasileira, permite analisar como Fontes é encaixado nesse panorama.

Antônio Candido e Alfredo Bosi optam por uma divisão diacrônica dos movimentos literários, já Afrânio Coutinho uma divisão estética, fato que se explica devido em *A Literatura no Brasil*, Volume 4: “Era realista era de transição” abordar o realismo (1870) e regionalismo (1930), uma vez que ambos os movimentos literários tinham como primazia representar a realidade, claro que sob pontos de temáticas e abordagens diferentes, o realismo pregava e dava suma importância aos valores morais (familiar, religioso e vida conjugal). Já, o regionalismo prezava pelo retrato do típico regional: terra (seca), costumes, o homem do interior pobre esquecido e explorado socialmente, lutas sociais e políticas, os escritores abordavam um quadro político e econômico que vinha mudando, por isso o regionalismo é extremamente social.

É interessante a divisão abordada pelo crítico, pois o tradicional é a divisão dos períodos literários por data e ambos os movimentos literários que ele coloca lado a lado foram em séculos diferentes e não seguidos um do outro. Há o realismo no século XIX, em seguida há mais outros dois movimentos literários: parnasianismo e simbolismo, concomitantes, em seguida o modernismo em 1922, então sim, tem-se o regionalismo em 1930.

Outro elemento na obra de Coutinho é a citação de autores com abordagens, estilos e ideologia por muitas vezes contrárias citadas ao mesmo tempo, ao citar um autor realista, em seguida já apresenta um regionalista, pois o crítico julga que apresentam determinado(s) elemento(s) de similaridade(s).

Coutinho ao tratar do “regionalismo na ficção” separou a literatura regional por ciclos: nortista, nordestino, baiano, central, paulista e gaúcho e mesmo com essa divisão, o crítico não deu relevo algum a Amando Fontes, o único momento que o romancista é citado foi na página 246, 4 ed. E citação essa que não ultrapassou mais do que um parágrafo.

Se quiséssemos fazer uma comparação com alguns romances posteriores a 1922 poderíamos dizer que *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Os Corumbas* de Amando Fontes, são da mesma trilhagem literária do *Luzia- homem*. (1997, p. 246).

É visível que Coutinho fez uma comparação d'Os *Corumbas* com *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio, o primeiro um romance de relevo social e proletário, romance no qual tematiza a violência e o sadismo que florescem como literatura naturalista. Há um pano das secas que determina o destino do homem sertanejo em ambos, no entanto, no romance de Fontes a temática principal é social, proletária, portanto julga-se que há uma incoerência nessa comparação.

E depois dessa citação acerca de Amando Fontes, Coutinho não citou mais o romancista, não falou de seu segundo romance "*Rua do Siriri*", tampouco da vida pessoal do autor, vida no qual não se sabe muitos detalhes, onde só é encontrada uma biografia escassa, sem detalhes.

Já Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura*, faz uma divisão diacrônica. Primeiramente, em cada capítulo, explica as principais características dos movimentos regionalistas, ou seja, faz uma divisão por regiões do país e cita o nome dos autores, por ele considerados principais, obras e características desses. O capítulo destinado ao regionalismo e ao romance de cunho proletário é o VIII: "Tendências Contemporâneas", onde fala do Modernismo e Brasil depois de 30. O crítico fez a seguinte divisão: romance de tensão mínima; romance de tensão crítica; romance de tensão interiorizada e romance de tensão transfigurada.

Na página 443 da segunda edição, inicia a citação dos autores e obras, e embora tenha falado pouco, o crítico considerou seu romance um dos melhores do ano. A citação que remete ao romancista é na página 446 quando Bosi discorreu sobre Lúcio Cardoso.

Mas a forma naturalista que elegera para o livro de estreia foi, para ele, um engano cultural, de resto explicável naqueles anos em que os melhores romances se chamavam *Cacau*, *Os Corumbas*, *Menino de Engenho* [...] (BOSI, p. 465)

Alfredo Bosi, dentre os três, é o único a caracterizar positivamente o romance *Os Corumbas*, embora não haja pormenores acerca do autor ou de suas obras, a comparação onde o posiciona entre os melhores naqueles anos, já dá ao autor posição de destaque e relevância por um grande crítico da história da literatura brasileira.

Julga-se pelos dados anteriores que se se tem então uma crítica uma leitura um tanto direcionada, conduzindo o leitor, estudante de letras ou um amante da

literatura que busca aprofundamento de conhecimento ou um guia literário, com toda a certeza esse dificilmente lerá Amando Fontes e seus romances, devido ao fato de o autor, de certa forma, não fazer parte dos “guias” literários contemporâneos, ou ser citado de forma sucinta.

Nota-se, então, facilmente, que os críticos contemporâneos acima citados, Coutinho e Candido, não reservam lugar nenhum de importância, nem ao menos de relevância para Amando Fontes na composição do período histórico-literário de que participou: regionalismo. O que de fato, poderia ter sucedido, uma vez que o autor escreveu uma meritória obra que atingiu caráter de expressão e realce para o significado da década de 30.

É fatural que Fontes abordou em seu romance o projeto de sua geração, produziu uma crítica à sociedade, no entanto, quando se faz um estudo da estética d' *Os Corumbas*, e a compara aos cânones, ela é inferiorizada pelos críticos, pois não é uma obra que ganha pela estética, não há tensão em sua obra e o estilo é o mesmo em toda parte, não é exigido um maior nível de atenção por parte do leitor.

Dias Costas elogia a escrita d' *Os Corumbas*, um romance tão bem escrito em todos os aspectos e os romancistas de 30 possuíam o que Flora Sussekind chama de "estética do visível", visto que eles não deveriam chamar a atenção para a linguagem, eles deveriam possuir uma linguagem objetiva, que produzisse uma imagem da realidade, que produzisse no leitor uma linguagem extratextual. E foi assim o que Fontes fez por meio da linguagem, produziu uma imagem objetiva da realidade, pois ele não tentou inventar produzir um romance que exigisse um dicionário, diante de verbetes inusitados.

No que se refere ao nível estilístico, sabe-se que este é um ornamento, e para tal representação é necessário um desvio, no qual em *Os Corumbas*, deveria ser adotada a linguagem natural do proletariado, seus jargões. Devido a este fato apresentado muitos críticos afirmaram que Fontes pecou com sua estética, afirmando que ela estaria mais voltada para o realismo do século XIX, pois os romancistas de 30, para produzir um efeito de maior verossimilhança, adotaram em seus romances a linguagem da camada social de que tratavam. E não foi o que Fontes fez, pois mesmo falando sobre o proletariado, não usou a linguagem dessa classe, veja o que diz Dias Costa:

Se há algum defeito no livro de SR. Amando Fontes é o de ser bem escrito demais. Está tudo bem arrumado, sem nada a cortar, sem nada a crescer. A forma, um tanto antiga para um romance hoje, correto, quase castiço, pouco muda e não se proletariza, nem mesmo nos diálogos de operários, onde não surge nunca, um palavrão. Os proletários de *Os Corumbas* não falam, como deveriam falar, a linguagem um tanto escabrosa dos miseráveis (Apud BUENO, Luís, 2006, p.193)

Costa Dias afirmou que a escrita do romance era muito bem elaborada para o período, no entanto, "era necessário que se proletarizasse mais" (Apud Bueno, 2006, p.193). Sendo este um romance que fala de proletários, deve adotar o máximo de verossimilhança da camada que estava descrevendo, o que houve no romance, não em excesso, mas há verbetes que remetem à população sem estudo e a verbetes regionais: afamado p. 20; engalanada p. 20, bandeirinhas de papel p. 21, palheiros p. 21, o almoço está botado p. 22, caceteira p. 23, , zabumbas p. 24, lata (marmita p. 34, esmolambada p. 37, Ó xente p. 38, apicuns p. 43, rapagarita p. 43, cara de ralo p. 44, aguenta canga p. 50, charque p. 51, se fia (acredita), casa de taipa p. 56, cozimento de farinha p. 57, mode uma briga p. 58, correndo a manja p. 59, bocadinho p. 61, adonde ela se socou p. 62, delambirda p. 62, olhinhos de quixaba p. 68, arre p. 71, esta velha é zarra p. 71, escurecerzinha p. 76, empapuçado p. 91, tardinha p. 95, nonada p. 105, déu em déu p. 108, mode p. 112, barbicanho p. 113, baeta p. 123, borracho. 133, inda (ainda) p. 148, paouco p. 153, tômbolas p. 189, vexasse p. 215, água no bico p. 216, inhor p. 221, s'embora p. 232, (nota- se que são jargões misturados ao discurso tanto do narrador quanto às falas dos personagens e a parti do momento que a narrativa prende-se a falar de Caçulinha há menos jargões, um contraste da menina lúdica que estudou.

Portanto, o escritor produziu, sim, um romance bem escrito, e soube, de forma categórica, representar em cada discurso dos personagens uma adequação de linguagem com o nível cultural e social deles, os que menos estudos tinham usavam mais jargões, como: Rosenda, Albertina e os pais Corumbas, já nas partes do romance destinadas a Pedro e à Caçulinha Corumba essas expressões regionais e sócias são praticamente nulas.

O intuito crucial de Fontes foi a representação da turbulência da passagem do modernismo – regionalismo, romance social e proletário e também a tensão do movimento histórico, da economia que estava em transmutação, antes uma economia pautada apenas e unicamente no meio rural, no entanto surgiram as

fábricas, que fez entrar em decadência a agricultura, os produtores e pessoas que moravam e trabalhavam no campo sentiram essa mudança de forma negativa, já que os produtores em sua grande maioria entraram em decadência, perderam suas terras, pessoas que dependiam da colheita, já que trabalhavam no campo, ganhavam pouco, principalmente num meio como o Nordeste onde a seca predominava e alastrava fazendo-os empobrecer cada vez mais, sendo assim não tendo alternativa senão o êxodo rural e irem procurar emprego nas cidades, como bem ilustra *Os Corumbas*.

Tão violenta foi a seca de 905, que o capim cresceu e secou no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo!

[...]

Mas, o pior de tudo era que, ao cabo de tanto esforço, de tanta energia despendida, só conseguiam reunir umas migalhas, que as despesas ordinárias consumiam.

Naquele ano, a baixa do açúcar veio agravar-lhes mais e mais a situação, de si já tão precária. Os usineiros e senhores de engenho reduziram à metade o jornal da sua gente; e passaram a pagar a tonelada de cana por tal preço, que nem valia a pena planta-lá.

Foi Josefa quem aventou a ideia de se mudarem para o Aracaju.

E enumerava suas razões:

Na capital, havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas Fábricas de Tecidos. Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro ou maquinista... Uma outra vida enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente... Depois, tinha assim uma certeza, uma espécie de pressentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas. As duas mais novas iriam para a escola. Nem precisavam até de trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora... (FONTES, 1967, p. 8-10)

O romancista fez a representação do momento histórico, contemporâneo a ele, por meio de uma narração em sua maioria objetiva e muitas vezes seca, desvinculada de qualquer sentimentalismo ou subjetivismo, destarte um representação fiel, uma literatura engajada, pautada no histórico- social. E fez isso por meio de um drama familiar, embutido de sofrimento, devido à diferença social.

Candido em *Literatura e Sociedade* (2006) afirmou ser de fundamental importância o engajamento de uma representação histórico- social, na literatura, pois quando assim acontece, tem-se a representação, captação do movimento histórico de uma sociedade, então determinada obra possui claramente uma função social,

histórica, ou seja, uma “literatura engajada”, como *Os Corumbas*, um romance engajado.

CAPÍTULO II- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

2. REGIONALISMO

Pode-se conjecturar que Amando Fontes realizou, de maneira positiva, conferindo a suas obras o que propunha o projeto da geração de 30, também conhecida como segunda geração modernista, que se formou após o modernismo (1922). Os escritores e outras modalidades artísticas tinham a consciência do subdesenvolvimento do país, por isso, a partir de então, o intuito era o de valorizar o cotidiano, o único das regiões do Brasil, além de serem escritos recheados de denúncia social, por esses ideais os artistas eram denominados de regionalistas. Esses, acima de tudo, tinham o ensejo de representação da sociedade tal como qual, com suas chagas e mazelas. Maurício de Almeida em seu estudo acerca da tradição regionalista expôs:

Sertão designa, de um modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra possui configuração semântico- sociológica ainda mais definida: aplica-se ali à zona em geral semi- árida do interior sujeita a secas periódicas e caracterizada em termos socioeconômicos, desde o século XVIII, pelo predomínio da pecuária extensiva (a “ civilização do couro”), em contraste com a faixa litorânea, dominada pela cultura da cana e pelo complexo cultural do derivado. (1999. p. 53- 54)

Ou seja, uma representação de costumes arcaicos, uma cultura atrasada em relação aos grandes centros como Rio- São Paulo, onde a industrialização já estava em estágio mais avançado, a cidade já tinha o seu trem há mais tempo, subúrbios, prédios e outros meios de massa e de comunicação que nas regiões do interior demorariam em tê-los e se já o tinham eram escassos e mínimos. Por isso, Gilberto Freyre e muitos outros lutaram pela campanha de revalorização do regional ameaçado pelas alterações que o Nordeste vinha passando o que fez concretizar o 1º congresso Nacional Regionalista do Nordeste entre 7 e 11 de fevereiro de 1926,

onde destaca-se a unificação econômica do Nordeste e a defesa dos valores tradicionais nordestinos.

Essa geração de trinta, considerada regionalista e neorrealista, veio consolidar as inovações propostas pela primeira fase modernista, que teve início oficial com a Semana de Arte Moderna em 1922. Os escritores, músicos e artistas plásticos, defendiam a proposta de reconstrução da cultura brasileira sobre bases nacionais, promoção de uma revisão crítica do passado histórico, tradições culturais, ou seja, uma eliminação do estigma de colonizados e ligados a valores estrangeiros. Portanto, todas elas estão relacionadas à visão nacionalista e crítica, da realidade brasileira.

Os grupos e as obras que surgiam então com tendências inovadoras representavam dois movimentos de duas tendências ideológicas: o movimento Pau-Brasil, que defendia a criação de uma poesia primitivista, construída com base na revisão crítica de nosso passado histórico, cultural e na aceitação e valorização das riquezas e contrastes da realidade e da cultura brasileiras, o que o modernismo mostrou, pois a partir do momento em que a figura do índio como expressão de um herói nacional vai sendo esquecida, é onde o sertanejo começa a representar esse nacional.

E foi embasado nessas ideias que houve na década de 30 o regionalismo, estética literária desapegada de todo aquele cientificismo, característico do determinismo naturalista (1870), considerando que as atitudes humanas derivavam do meio em que se vivia, da raça (genética) ou momento. No regionalismo os representantes pautaram-se pela observação das relações entre o homem versus meio e entre o homem versus sociedade, abnegado um pouco do Naturalismo em virtude das correntes filosóficas.

Amando Fontes ao caracterizar o realismo de sua obra, afirmou:

Tentei construir as figuras de meu romance, tais como os homens nascem e andam pelo mundo. Ora são bons, ora são maus. Às vezes, onde não esperamos um gesto nobre, vemos-lo praticado; e de onde são aguardados atos dignos, vemos surgir uma ação menos meritória. Não tive a preocupação de dignificar o gênero humano; também não tive o intuito dos Flaubert, dos Eça, do Gide, de desmoralizá-lo a toda prova. “Singe de Dieu”, quis imitá-lo apenas, e jamais corrigi-lo (Apud BUENO, 2006, p.191)

Como Fontes mesmo conjecturou, o realismo-determinismo presente em seu romance se deu devido à necessidade de representação do contexto histórico da sociedade, como é intitulado o romance pelo sobrenome da família: Corumba, que tem a definição de velho; sertanejo; localidade deserta ou afastada de outras regiões, temático do que seu autor tencionou mostrar, sertanejos, numa região senão afastada geograficamente, distante em seus costumes rústicos e atrasados de outras regiões.

Uma família sofrendo com o processo de industrialização, e nem por isso deixa-se de evidenciar a presença do determinismo do meio na narrativa, já que o espaço social ditou como os personagens deveriam agir. Caçulinha a abandonar a escola e ir trabalhar na Têxtil para ajudar nas despesas do lar e Bela, já muito enferma a morrer, pois não havia dinheiro para o tratamento.

No romance *Os Corumbas*, como o próprio título já elucida, é contada a história da família Corumba, antes moradores do interior de Aracaju, engenho de Ribeira e, com o agravante da seca, a situação financeira que estava péssima piorou e devido a isso decidiram migrar para a Capital, porque lá tinham a certeza de uma vida mais próspera.

Esse sonho se repetia em muitos romances regionalistas: a fuga do agreste do sertão, isto posto a expressão das figuras, tipos e psicologias humanas são constantes, como padrões sociais que muitas vezes parece se repetir nos relatos regionalistas: a seca que assola, destrói tudo e arrebatava famílias; proletários que trabalham dia e noite e não tem o mínimo para o arroz, só falta; tipos humanos que nada podem esperar de instituições sociais, do governo, que não faz nada por essa camada social; pessoas que não têm e nem podem aguardar pela caridade alheia.

Fontes, na sua apropriação da realidade, de forma dramática e real, produziu uma obra de observação triste, amarga, áspera e crua do meio de Aracaju, um trabalho que se pode dizer científico, pois realizou uma profunda análise da sociedade, retratando tipos humanos sofredores, miseráveis e ameaçados injustamente por um destino social- econômico por causa da carência de recursos e a falta de cultura (estudos), somadas a uma série de circunstâncias não morais desencadeadas pelas filhas que se tornaram prostitutas.

Casos como o de Rosenda, ingênua, que não mediu as consequências quando fugiu, foi abandonada e tornou-se prostituta; vítima da trapaça e jogo dos poderosos, como o médico, que ajudou apenas a irmã Bela enferma, interessado em

conquistar Albertina; o diretor da fábrica demitiu Albertina, pois ela reagiu às suas “cantadas”; Caçulinha a seu contragosto perdeu a sua virgindade com o noivo que a rejeitou e depois a subjugou como indevida ao casamento, mas cabível no papel de amante.

Fontes no intuito de representar a sociedade, com verossimilhança mostrou as condições trabalhistas, pois um dos objetivos do romance era esse, representação da tensão das mudanças do contexto histórico: industrialização; êxodo rural; ideologias sociais e exclusão total dos pobres numa sociedade capitalista.

Eis onde surge outro grande preconceito acerca das ideologias do regionalismo, pois os escritores abordavam problemas e culturas regionais. O regionalismo intentava a representação do que cada região tinha de específico: sul, norte e nordeste, cada qual com sua peculiaridade e indubitavelmente esses escritores tinham por objetivo, acima de tudo um projeto nacional que o modernismo já propunha, mas abordou apenas os grandes centros: São Paulo e Rio de Janeiro.

Logo, é notável o esquecimento de tais culturas regionais, por não participarem do grande centro “cultural”. Gilberto Freyre, grande nome quando se fala do regionalismo, em seu *Manifesto Regionalista* fez um debate da importância dessa literatura, o porquê de sua existência e quais seus objetivos:

Essa desorganização constante parece resultar principalmente do fato de que as regiões vem sendo esquecidas pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os “direitos dos Estados”, outros, com as “necessidades de união nacional”, quando a preocupação máxima de todos deveria ser a de articulação inter-regional. Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais. (FREYRE, p. 55-56)

Um Brasil feito por todas as regiões, e é isso que os autores regionalistas vieram afirmar e confirmar: o que esses locais possuem e que são esquecidos. Freyre afirmou com toda convicção o esquecimento do governo dessas regiões tão carentes até os dias atuais, sofrem com o desprezo político, com a carência das chuvas que prejudica as plantações, fazendo a população ficar sem água, o gado morrer e as plantações de subsistência secarem. Uma região onde não há investimento nenhum de empresários, dificilmente encontram-se empresas de grande porte em uma dessas regiões e muitas vezes quando há, é com o intuito de

conseguirem mão-de-obra barata, escrava e infantil, pois as pessoas lá não tem outra escolha, senão trabalhar num desses lugares, como não há outro meio pra sobrevivência e bem sabe dissoq os empresários.

Os *Corumbas* bem ilustra essa situação, onde a família e outros personagens trabalham nas fábricas de tecidos, a Têxtil e Sergipana, ganham o mínimo para o seu sustento familiar, e mesmo assim ainda falta demais. E também pelos personagens da família mostram-se as precárias condições trabalhistas, todos trabalhavam sem proteção e ainda havia o trabalho infantil na Têxtil, como um menino de quinze anos, o filho de uma operária que morreu no trabalho.

Súbito, uma agitação estranha lá no fundo. Um grito fino, seguido de um clamor. Todas as máquinas pararam, de repente.

Albertina largou o serviço e correu para onde se formara um ajuntamento. Mas logo se deteve. Fechou os olhos, soltou um longo “uai”, e caiu de cócoras, escondendo o rosto entre os joelhos.

A larga correia de uma transmissão, que fazia funcionar todo um grupo de teares, alcançara um rapazelho de quinze anos pelo braço, atraíra-o par a roda, suspendera- o no ar e arremessara- o violentamente sobre a parede que a pequena distância se encontrava. Quando o corpo veio dar no chão, estava já sem vida, o crânio extensamente fraturado.

[...]

Vendo o braço do menor jogado para um lado, o seu craniozinho achatado, de onde escorria o sangue e uma pasta esbranquicenta, o rosto do diretor contraiu-se todo, num esgar de repulsa e de emoção. Mas foi um rápido minuto. Logo retomou suas funções de chefe. (FONTES, 2003, p. 140)

Nota-se a descrição em pormenores do fato, como uma câmera que vai registrando o momento e faz o leitor visualizar tal imagem de horror, crueldade e frieza, substantivos cabíveis a essa cena, onde se percebe que a única intenção do horror foi mostrar a injustiça contra aqueles que não têm condições sociais, como o menino morto. Não foi dito seu nome, pois num espaço como aquele, onde as pessoas sofrem injustiças pouco importa quem elas são, ou seja, a identidade delas, então o nome, o mais importante na caracterização da identidade de cada um, não é revelado, feito proposital pelo narrador.

O chefe da Têxtil pareceu ter um instante de sentimentalismo com o acidente, o que realmente não passou de um brevíssimo momento, mostrando além do mais que aqueles também sem condições não tem reserva nem a sentimento, são vistos como objetos, seres produtores, úteis, senão descartáveis. A mãe do menino morto

de quinze anos, também trabalhava na fábrica e foi surpreendida terrivelmente pela morte do filho. Ela ouviu grande tumulto e questionava quem havia morrido, descobriu então que foi seu filho e entrou em desespero e foi junto ao corpo, onde o capitão Cisneiros interviu dizendo à ela que se conformasse, pois: “- A vida é assim mesmo”. Fala típica direcionada aos injustiçados, que só restam a eles se calarem.

Há também o caso de Clarinha, menina obrigada pela mãe a trabalhar doente na Têxtil, pois provinha da menina o sustento do lar, também Bela Corumba estudava junto com Caçulinha, as únicas a estudarem na família, no entanto, Rosenda fugiu com o namorado, seguida de Albertina a também deixar o lar e ir embora com o namorado, um médico, esses fatos fizeram com que as irmãs mais novas abandonassem a escola e fossem trabalhar na Têxtil.

Portanto, vê-se que o romance de forma profunda e dramática trabalha com vidas humanas, obrigadas pela injustiça social a sujeitarem-se a pouco, para não dizer, nada. Resgatou, o artista em seu romance, aqueles esquecidos pelos governadores e pela sociedade no geral, como propunha o projeto de sua geração.

Não é um romance telúrico, já que o autor não teve a intenção de apresentar os destinos das personagens dependentes de forma direta do meio agreste, mesmo apesar de no início da narrativa a família ter se exilado, uma vez que o agravamento das secas não permitia nem o mínimo para subsistência do lar. Além do que, essa situação financeira da família e de todas outras famílias daquela época que dependiam da agricultura se agravou muito mais com a crise.

Maurício de Almeida considera que ambos romances de Amando Fontes, *Os Corumbas* e *Rua do Siriri* não são propriamente regionalistas, senão em aspectos secundários:

Muitos dos romances (e romancistas) tidos tradicionalmente como regionalistas não o são, ou neles o regionalismo manifesta-se apenas de forma epidérmica. Exemplo disso é a obra de Amando Fontes: que seus dois romances sejam sociais e sejam nordestinos não cabe dúvida, mas não são propriamente regionalistas, a não ser em aspectos secundários.

Rua do Siriri trata da vida das prostitutas na zona de Aracaju. Poderia se passar igualmente no Rio, Salvador, Recife ou qualquer outra cidade sem que houvesse modificação de essência de conteúdo da obra: os problemas abordados dizem respeito à prostituição, não ao Nordeste ou mesmo a Sergipe. Reflexão semelhante aplica-se à obra anterior, *Os Corumbas*. Aqui o tema central- o êxodo do homem do campo para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e remuneração, e as frustrações daí

resultantes-, conquanto possa apresentar na região um caráter mais intensamente dramático, também nada possui de especificamente nordestino. (1999, p. 205- 206)

José Maurício, em partes, tem crédito, uma vez que *Rua do Siriri* realmente é um romance que poderia ser narrado em qualquer centro urbano, a zona do meretrício, um tema universal, no entanto *Os Corumbas*, já inicia falando da seca que assolara a região e fizera João Piancó, onde os pais Corumbas trabalhavam, perder tudo, e se tratando de seca no Brasil, a localidade que mais representa tal até os dias de hoje é o Nordeste, uma seca que assola e mata tudo, como bem expôs o início da narrativa e devido a esse agravante, a família toda teve que buscar outro meio de subsistência, senão a agricultura baseada no plantio de cana. Aí sim em seguida tem-se a segunda parte do romance onde a família de agricultores passa a ser uma família de proletários, que trabalham em fábricas, dessa parte em diante com toda a certeza faz do romance de cunho universal, embora os pais a todo momento falam da saudade do campo, e das tradições mantidas por eles .

Nesse romance, intentou-se representar o meio social vivido nessa época do Nordeste, onde começou haver as fábricas e fez entrar em crise a agricultura, portanto embora o destino dos personagens ao decorrer da narrativa não sejam mandados ou desmandados pelo meio externo, o agreste nordestino há essa mostra no início da narrativa, que determinou todo o destino dos personagens: a luta pela sobrevivência, sendo a única saída o exílio em Aracaju e empregarem-se nas fábricas. Portanto, a segunda parte seria inviável sem a primeira, sem o pano das secas, logo Fontes não fez uma representação de forma “epidérmica”.

Ainda quanto ao regionalismo Gilberto Freyre em seu manifesto alegou que a ideia era de atrair a atenção para temas regionais: cultura, música, comida, religião, ou seja, tudo o que representasse o peculiar de cada região, que num conjunto é o retrato do Brasil. E o regional estava sendo esquecido pelo cosmopolitismo, então deveria se reavivar e conscientizar a todos desse território existente, dessas pessoas esquecidas e que eram, são importantes para a constituição, composição da cultura nacional brasileira.

Regiões como o Nordeste mostram mais temas telúricos, uma vez que nesses lugares o homem está estritamente ligado à terra, as pessoas são agropecuários e agricultores em sua maioria, destarte suas vidas dependem do meio externo, da natureza. As pessoas plantam lá o que consomem e o que vendem e

isso ocorre já que é uma região com poucos investimentos industriais, então não há outra forma de trabalho senão essa. Claro que na literatura regional, uma época onde estavam surgindo ainda as fábricas, não havia investimento no Nordeste que era e sempre foi uma região sem investimento político-econômico, então não restava outro meio de produção, de rendimento econômico senão a terra, de onde retirava-se o que comer.

Uma região totalmente devastada pela seca, que matava os animais, então a vida dos nordestinos sempre estaria ligada a esse tema telúrico de forma na sua maioria sempre trágica, como representou vários romances da época, como o conhecido *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, outro dramático retrato da chaga da seca no sertão.

Nesse romance, Fabiano e sua esposa Sinhá Vitória, os dois filhos, o papagaio e a cachorra Baleia foram forçados a se mudarem. Caminharam por uma longa jornada na terrível seca. Antes que morressem de fome comeram o papagaio, seguindo a viagem o menino mais velho desmaiou, seguiram então carregando o pequeno, foi assim que encontraram uma fazenda abandonada onde se instalaram.

Tudo faltava, eram trapaceados pelo patrão; Baleia, a cachorra teve que ser sacrificada, pois emagrecia e ficou doente; o rio secava e os bichos emagreciam. Os pais permaneciam com esperanças de encontrar uma terra nova, onde os filhos teriam futuros diferentes e eles um presente mais digno onde não precisariam fugir da seca. Só restava ao sertanejo fugir das secas, era a lei da sobrevivência daquele meio: “correr ou morrer”.

Afrânio Coutinho fez a divisão do romance regionalista de acordo com as regiões do Brasil e numa dessas divisões ele intitulou como “regionalismo-nordestino”, onde se nota que pelo apanhado dos romances o tema das secas predominava, seca essa que condenava e arrebatava a vida das pessoas daquela região, logo os romances com temas telúricos, dos que sofriam injustiças sociais são romances que emocionam, são muito dramáticos, mostram famílias sonhadoras, porque sabe-se que é a única coisa que resta a eles, para retirá-los, mesmo que instantaneamente daquela realidade e sofrimento trágico, e mesmo quanto tenta-se uma fuga dessa realidade eles terminam piores que outrora, como em *Os Corumbas*.

Gilberto Freyre que dedicou-se a interpretação dos retratos do Brasil sob a esfera da sociologia ainda acrescentou que o regionalismo era movimento “inacadêmico”:

Regionalistas se ergueram revolucionariamente a favor de uma valorização de temas regionais de todo diferente da regionalista-caipirista, e visando antes o fortalecimento de uma arte e literaturas sub-brasileiras- que, nas suas orientações, revelam afinidades mais com os referidos “regionalistas” do Recife do que com os “Modernistas” do Rio- São Paulo. É o que o regionalismo desses “Regionalistas” nunca foi fechado no espaço estático do tempo (FREYRE, 1933, p. 46-47)

Evidentemente que Freyre expôs acerca do regionalismo nordestino, e também fez uma evidente crítica ao modernismo, essa última estética tinha o intuito de banalizar o romantismo, pois nele buscou-se resgatar valores e figuras ilustrativas do nacional, e a figura que os românticos primavam em representar era o índio, figura do passado histórico do Brasil, só que o índio era o único tido como herói nacional. Todavia esse foi um projeto, segundo os modernistas, extremamente cheio de ufanismo e com tendências europeias, então queriam os modernistas também embasados em ideias europeias, como as vanguardas, recuperar o que o Brasil tinha de nacional, falar do povo brasileiro moderno, das cidades, ruas e fábricas que o Brasil possuía. Os modernistas queriam principalmente revolucionar nas diversas artes: música, teatro, artes plásticas e a literatura.

Esses artistas eram restritos e retrataram basicamente os trechos Rio- São Paulo, tanto que Gilberto Freyre pontuou o esquecimento, pois notava-se entre os críticos e escritores defensores do modernismo que colocava - se à tona um projeto falso e burguês, não aliado e tampouco condizente à realidade nacional. Sendo assim, não há como não se perguntar: e as outras regiões, não eram um projeto nacional? Não construíam num todo o Brasil? Todas as regiões, com suas culturas diferentes entre si compõem todo o cenário brasileiro e os regionalistas vieram revogar esse esquecimento.

Por isso, Freyre afirmou que, na década de 30, já no fim do modernismo, escritores ergueram-se revolucionariamente em prol de um povo, uma cultura esquecida. Até por isso Freyre designou e chamou o movimento de “literatura sub-brasileira”, como uma literatura subalterna, já que assim que era e foi tratada.

O papel da produção regionalista na história literária brasileira é analisado por Antônio Candido em grande parte de sua obra, uma problemática que se encarta na interpretação de um movimento dialético entre localismo e cosmopolitismo que fundamenta os estudos do crítico como elemento condicionador das nuances históricas da literatura. No volume *Literatura e sociedade*, Candido analisou a literatura brasileira do século XX a partir de uma divisão em três etapas.

A primeira etapa foi a escrita entre 1900 e 1922 e denominada pelo autor como “Pós-romântica” e chamada de “literatura de permanência”, pois era a conservação das características desenvolvidas pelo Romantismo e o Modernismo. Essa ideia de permanência e tudo o que ela representa de atávico e conservador serve de argumento para a interpretação que o crítico fez em relação ao regionalismo que se produziu nos anos anteriores a Semana de Arte Moderna, em 1922.

Antônio Candido separou a narrativa regionalista em três fases: o regionalismo pitoresco, separação entre o campo e a cidade, onde as personagens são absorvidas pela paisagem e os costumes; o regionalismo crítico, romances de denúncia crítica das mazelas e o super-regionalismo, onde o regionalismo e o drama humano adquirem um caráter universal. Conforme o crítico, num primeiro momento, no final do século XIX e início do século XX, o regionalismo pitoresco era um desligamento entre o campo e a cidade e as personagens eram absorvidas pela paisagem e os costumes.

É um regionalismo caracterizado pelo tratamento “anedótico” que é dado à personagem, cuja função parece ser servir de espetáculo para o homem da cidade. Essa corrente, com o passar do tempo transformou-se, gerando a literatura sertaneja, que se estendeu após 1930. A partir do decênio de 1930, esse regionalismo pitoresco cedeu lugar ao chamado romance nordestino, com traços de denúncia e aspereza crítica, ou seja, o regionalismo crítico, mencionado anteriormente. Nesse romance, o que antes - personagem e espaço - eram apresentados com objetivo de servir de espetáculo para o homem da cidade, agora aparece com uma complexidade, até então inexistente na narrativa regionalista.

O regionalismo foi um protesto de uma consciência de um atraso evidente, também não originaria outra literatura senão uma de mergulho na análise local por meio de um engajamento social que tomava homem e meio a partir de uma

interpretação sócio-política, daí ser conhecida também e denominada como literatura extremamente engajada a desse período.

Houve três eixos temáticos do regionalismo, de acordo com Candido, que se delineavam a partir da ambientação da trama: na cidade (representação da vida urbana), no campo (trabalho com a vida rural), ou na selva (a vida primitiva seria o cerne da ação romanesca). Já, Coutinho dividiu o regionalismo, ou realismo como ele pontuou em sua obra, por regiões do Brasil, mas em todos os casos eram movimentos que retratavam a cor e a cultura local. Portanto, nota-se uma ânsia de se mostrar a todo país aqueles enfeitados, pela sociedade, cultura, governo e literatura, como deixou explícito o modernismo que apenas abordava o eixo Rio- São Paulo, e ainda assim diziam representar o nacional. Mesmo assim com esse intento essa literatura adquiriu adjetivos que a rebaixavam.

É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-lo no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade. Não é à toa que a “literatura sertaneja”, (bem versada apesar de tudo por aqueles mestres), deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história, invadindo a sensibilidade do leitor mediano como praga nefasta, hoje revigorada pelo rádio. (CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 192. v. 2.)

Preconceito e rebaixamento extremamente evidentes de renegar a literatura regional, a literatura nordestina, devido a grande parte da crítica rejeitar as literaturas que não foram produzidas, que não tem enfoque no eixo Rio- São Paulo, centros do país, eixos esses que predominavam nas narrativas até então, consideradas como mais populares, no sentido de conhecido e até tradicionais. Assim sendo esse fato foi importante por subjugar o regionalismo como subliteratura: uma distinção do romantismo, por querer abordar o nacional do país e uma literatura de fronteira, uma vez que não estava, nem nunca esteve no centro, não ser influente como os outros períodos literários.

Outra característica muito importante e distinta no regionalismo é o papel do herói representante do coletivo, dos problemas sociais de um povo, por isso as narrativas desse período regional tem muito enfoque de lutas políticas, de greves, problemas telúricos de um certo grupo, mas que se estende aos demais da região,

romances que em seu enredo representam o coletivo do pobre marginalizado ou dos problemas da seca que arrebatam vidas e família.

Em *Os Corumbas*, há toda representação do coletivo familiar, uma família que exilou-se devido a seca, no decorrer do enredo a família foi pra um coletivo maior, a fábrica, que representa muitas injustiças sociais, lutas políticas, grupos de esquerda eram formados, liderados pelo pensamento marxista, de uma unidade social e igualitária. Pedro, o filho Corumba entrou pra um grupo político de esquerda, representação de outro coletivo no romance, com a intenção de promover mudanças sociais e trabalhistas.

Pedro é o único personagem no romance que simboliza a utopia, tem o ideal da realidade perfeita, o que não aconteceu com a família, pois apenas pensavam em adquirir algo um pouco mais confortável e melhor a eles que não tinham nada, mas em nenhum momento tiveram um sonho utópico, mas sim um sonho pautado na realidade. Assim se sucedia em diversas narrativas regionalistas, o que também atrai críticas negativas, pois há o julgamento que todas as obras abordam as mesmas problemáticas e temáticas, só que de forma e com personagens diferentes.

Por fim, fica evidente que o fato do romancista ter escrito um romance regionalista foi outro fator que contribuiu para o esquecimento atual de Amando Fontes, para a colocação do autor à margem e se há uma palavra que o descreve e a seus romance é “periferia”, um autor não-central, desconhecido, longe dos autores do centro; escreveu em um lugar periférico, Aracaju; narrou sobre um lugar periférico: Ribeira e Aracaju; retratou vidas periféricas: proletários e prostitutas; uma narrativa com tema periférico: sertanejo e o proletário pobre e excluído; a seca que devasta; a exploração no meio industrial; vidas desgraçadas e uma literatura periférica, o regionalismo. A única condição de ordem central do romance foi o veículo de publicação, a Editora José Olympio, a maior editora daquela época.

Todos esses fatos realçam ainda mais a marginalização do autor e seu romance na história literária, o que sugere a evidência de fatores relevantes para o atual esquecimento de Amando Fontes, já que escreveu num período literário que gerou muito preconceito, por não encontrar-se nos centros, como bem se vê as críticas que tendem ao desaparecimento de muitos escritores.

Infelizmente ainda faltam estudos das obras do escritor d’ *Os Corumbas*, seu romance mais estudado, já que mais complexo e completo e *Rua do Siriri*, bem menos estudado em relação a *Os Corumbas*, e não por ser menos complexo é

menos meritório. Um romance também muito importante, já que trata da situação machista e injustiçada das mulheres que perderam a virgindade, seguindo desta forma o caminho da prostituição.

2.1 Elementos de Tragédia no Romance

Nesta parte do trabalho será feita uma análise do romance, sob o olhar da crítica arquetípica de Northrop Frye, em relação à questão da tragédia clássica, já que esse romance, pela sua temática apresenta todos os elementos trágicos, uma vez que os personagens que antes estavam numa ascendência um a um vão vivenciando uma decadência pessoal.

Foi Josefa quem aventou a ideia de se mudarem para o Aracaju. E enumerava suas razões: Na capital, havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas Fábricas de Tecidos. Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro ou maquinista... Uma outra vida enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente... Depois, tinha assim uma certeza, uma espécie de pressentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas. As duas mais novas iriam para a escola. Nem precisavam até de trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora... (FONTES, 2003, p. 27-28)

Essa família tem o sonho de mudar e ascender socialmente, o que aconteceu, pois Pedro conseguiu emprego como mecânico, as filhas mais velhas Rosenda e Albertina emprego na Têxtil, fábrica de tecidos e como a situação financeira estava favorável, foi possível até as meninas mais novas: Bela e Caçulinha iniciarem seus estudos, como já explicitado anteriormente.

Nota-se a evidente ascensão dessa família, principalmente com a participação das meninas na escola, algo naquela época apenas restrito aos que possuíam uma condição social mais elevada, além do que pouco tempo depois Pedro, sobe de cargo no emprego, já que os patrões gostavam muito dele e já havia até em vista uma posição maior no emprego.

No entanto, com o passar do tempo esse cenário que essa família vivenciava, muda de uma forma rápida e trágica, principiando por Rosenda, que começou a

namorar um rapaz que sempre ia buscá-la depois do expediente, no entanto demoravam a voltarem embora, logo as brigas no lar iniciaram-se. Rosenda de início abaixava a cabeça, mas namorado começa a induzi-la a pensar que a mãe estava errada por tratá-la tal como uma criança, sendo assim a filha após um tempo fugiu com o namorado, e em seguida foi abandonada por esse.

Pedro envolveu-se com um grupo do movimento proletário e passou a acreditar em possíveis mudanças sociais e que conseguiria tais transformações juntamente com os integrantes, no entanto o grupo foi preso e deportado para o Rio de Janeiro.

Albertina sempre foi ríspida quanto às “cantadas” dos homens, nunca deixando nenhum cortejá-la, pois sabia que tal ocorria apenas devido à sua beleza exuberante a chamar atenção aonde quer que ela fosse. Um dia com a irmã Bela muito enferma e toda a família com pouquíssima condição financeira, forçou Albertina procurar ajuda do Dr. Fontoura, médico conhecido como “Papa moça”, aceitando a ajudar a família apenas para conquistar Albertina, ela com muita relutância cedeu aos encantamentos do médico, eles fugiram e após um tempo ele a abandonou com apenas uma guarda-roupa e outros objetos.

Mesmo fugindo com os namorados, Rosenda e Albertina acreditaram que esses homens se casariam com elas, foram abandonadas e não restou outra escolha senão o caminho da prostituição, então essas moças cruzaram novamente uma fronteira geográfica e foram para a Rua do Siriri, onde residiam os prostíbulos da cidade.

Caçulinha teve que abandonar a escola quando Bela ficou enferma e foi trabalhar no posto de secretária na Têxtil. Numa festa conheceu Pedro, começaram a namorar, logo mais noivaram, no entanto, um dia sozinha com o noivo Caçulinha perdeu a virgindade e acreditou que nada mudaria em seu relacionamento, como ele havia prometido, todavia após tal ocorrência ele não a considerou mais digna para o casamento, mas sim possivelmente para a função de amante.

A moça na qual se concentrava a fuga da sina das moças da família – a prostituição, também atravessou a fronteira familiar e geográfica, já que também saiu de seu lar, tornou-se prostituta de luxo e foi morar numa casa como amante de um homem rico da cidade.

Essas moças que tornaram-se prostitutas procuraram outro espaço geográfico devido à vergonha tanto familiar, já que após tal ocorrência Albertina e

Rosenda não voltaram mais aos seus lares, não visitaram mais a família e sentiam vergonha, pois no dia em que Caçulinha perdeu a virgindade estava no trem com o noivo e ela avistou Albertina que abaixou a cabeça devido a tamanha vergonha do caminho seguido e também constrangimento do julgamento por toda a sociedade, logo nota-se que passar da moralidade para a “imoralidade” é algo extremamente doloroso para toda a família Corumba, razão pela qual eles têm sua queda.

5. Resta, entre estas situações extremas, a posição intermediária: a do homem que, mesmo não se distinguindo por sua superioridade e justiça, não é mau nem perverso, mas cai no infortúnio em consequência de algum erro que cometeu; neste caso coloca-se também o homem no apogeu da fama e da prosperidade, como Édipo ou Tiestes ou outros membros destacados de famílias ilustres. (ARISTÓTELES, p. 19)

Assim como as moças e o filho Corumbas, não eram pessoas más, perversas, mas apenas um erro (como julgado pela sociedade) impôs o infortúnio a toda a família, do abandono do lar e os pais decepcionados com a trajetória dos filhos voltaram a Ribeira, pois foram para a cidade cheios de sonhos e viram desmoronar um por um, começando com a caída consecutiva dos filhos, intrinsecamente ligada à caída social da família, que por encontrar-se mutilada, não se pode mais dizer família, porque antes eram um coletivo, agora já foram individualizados e a cada um restou seguir seu destino.

Nota-se que houve com essa família uma dificuldade de integração social, não pelo banimento das pessoas, ou sociedade, mas sim do próprio sistema social. E como Frye expôs: “no sonho há uma dialética semelhante, pois há tanto o sonho que realiza um desejo, como o que realiza angústia, ou o sonho que é um pesadelo de aversão”. (1957, p. 108)

E é bem evidente com a trajetória dessa família que o mesmo sonho a realizar o desejo foi o responsável pela angústia da família, pois quando a família se exilou tudo o que essa buscava era uma ascensão social, no entanto, esse mesmo sonho foi responsável pela desgraça da família, logo como Northrop mencionou, um pesadelo de aversão, que foi a mudança da família para a Capital. E essa angústia foi notada tardiamente, como bem ilustra a última cena do romance, onde os pais voltaram a Ribeira, lamentando que era o lugar de onde nunca deveriam ter saído.

O responsável pela não realização do sonho de toda a família é o sistema social, que automaticamente exclui os pobres, já que a família Corumba tentou uma ascensão social, conseguiram ao chegar na capital o que a mãe almejava: emprego e escola para os filhos, todavia, eles que eram seres marginalizados socialmente, não reverteram esse cenário, uma vez que, com a partida de um dos filhos, essa família foi abalada financeiramente, logo cada vez mais foram arrastados à margem, pois ajuda, caridade de alguém era algo impossível de conseguir, principalmente num lugar com tantas mazelas sociais.

Aconteceu com a família um movimento cíclico, socialmente voltou ao início, já que não houve nenhum tipo de mudança, eles não tinham o mínimo para subsistência, logo toda a trajetória dos personagens e os fatos se inclinaram para que essa situação permanecesse igual e depois de um tempo até pior do que antes, do engenho de onde fugiram.

E nesse movimento cíclico há a queda de um por um dos personagens, uma vez que cada um traça o caminho da sua degradação social e moral, as filhas tornam-se prostitutas, porque a moça que perdesse a virgindade fora do casamento naquela época não era mais digna para exercer a função de esposa, ou ser tratada como moça “digna” pela sociedade, ou seja, eram consideradas imprestáveis e Pedro é deportado ao Rio de Janeiro.

Logo os pais, ligados aos destinos dos filhos, consecutivamente sofrem também uma degradação social, pois dependiam dos filhos para comprar os mantimentos e pagar as dívidas e uma degradação moral, pois veem um por um dos filhos seguirem, optarem por um caminho não sonhado por eles e um caminho que não poderia ser mais modificado. Por tudo exposto, é evidente a degradação moral e social, queda dos personagens.

Northrop Frye (1957, p.168) em sua *Anatomia da crítica*, ao pontuar a teoria acerca da tragédia, expôs um exímio exemplo, chamado de princípio da repetição como base da ideia fixa: “numa tragédia o Édipo Rei- é o exemplo corrente- a repetição leva logicamente à catástrofe”, ou seja, uma situação que pode ser condicionada, como a situação das irmãs, prostitutas.

Rosenda foi a primeira irmã a fugir com o namorado e em seguida a tornar-se prostituta, o mesmo aconteceu com Albertina, já, a trajetória de Caçulinha parecia ser diferente, por fim a única condição divergente é que ela não fugiu com o namorado e não foi para a Rua do Siriri, onde residia os prostíbulos da cidade e

para onde foram as irmãs, pois ela após perder sua virgindade tornou-se prostituta de luxo e morava em uma casa, amante e sustentada por um homem que se encantou pela sua beleza.

Pela prostituição é perceptível a repetição de destinos, trajetórias dos personagens, que não procuraram seguir o mesmo destino de forma intencional, mas esse foi um fado inerente a elas, que por fim ocasionou a desgraça e catástrofe de cada uma.

Caçulinha, após perder sua virgindade, soube que não restaria outro caminho a seguir: “Não fique triste, mãe. Não fique. Da minha parte, eu já estou conformada. Não era essa a minha sina? Pois bem: estou cumprindo...” (FONTES, 2003, p.227). Não restou outra saída senão se conformar com seu destino, pois sabia que mais nada poderia ser feito.

E esse não é o único momento em que se usa a palavra sina para falar do destino dos filhos, Geraldo ao tomar conhecimento da fuga de Albertina, a segunda filha a fugir, disse: “Se você quer, eu falo, Zefa. Mas não adianta nada...Pode crer...Isso é da sina da gente. Só mesmo Deus pode mudar...” (FONTES, 2003, p. 163). Nota-se a ênfase e repetição da palavra sina, fado, sorte, que não era nem um pouco a favor da família, e na qual estava embutida toda a desgraça de todos.

Frye também pontuou “os heróis trágicos envolvem-se no mistério de sua comunhão com algo além do qual só podemos ver através deles e que é a fonte de sua força e também de sua sina”. Assim a força da família Corumba estava centrada na necessidade, sonho de ascenderem socialmente, o que não passou de uma ilusão, sonho que os fizeram deslocar-se de uma cidade a outra, onde tudo era novo, sonho no qual também foi toda a sina da família, a fatalidade a que estariam sujeitos, a repetição da prostituição.

Mesmo que se tenha o desejo de ver a trajetória dos personagens diferente, não se conjectura se os destinos dos protagonistas seriam mudados, isso porque Amando Fontes representou a saga e sina daqueles que estão à margem e só resta a eles sonharem, pois tudo colabora para os afastarem de concretizar seus sonhos.

Com sua queda, cada personagem se isolou, Pedro de maneira forçada, pois foi deportado ao Rio de Janeiro e as meninas que se tornaram prostitutas cada uma foi para longe de casa, de conhecidos, embora na mesma cidade, para evitarem a vergonha e condenação de terem se tornado prostitutas e os pais

voltaram à cidade natal, tristes, devido a derrocada do lar e envergonhados pela trajetória dos filhos.

Sendo este o centro da trama, pois como pontuou Frye “o centro da tragédia está no isolamento do herói” (1957, p. 205). E após o isolamento de cada personagem, é evidente a onipotência de um destino exterior, como afirmada em toda tragédia, pois há uma limitação do esforço humano, assim como esses personagens que lutavam contra as adversidades, no entanto, por fim são arrastados mais à margem do que se encontravam no estado anterior, o que se pode comparar com a tragédia grega, onde o destino era mais forte do que os deuses, pois a tragédia parece conduzir a uma epifania da lei, aquilo que é e deve ser, como os personagens d’ *Os Corumbas*, à margem social e assim deveriam ser.

Porém “a interpretação fatalística da tragédia confunde a condição trágica com o processo trágico: o destino numa tragédia normalmente se torna exterior ao herói, apenas depois do processo trágico ter sido desencadeado”. (FRYE, 1957, p. 206). Assim como n’*Os Corumbas*, no momento final, onde se sabe que não há mais nenhuma possibilidade e esperança para essa família, não de ascensão, mas de uma possível reconstituição moral ou familiar.

Apesar de a catástrofe ser o fim normal da tragédia, isso é ao mesmo tempo contrabalançado por algo significativo, um paraíso perdido, tal como a família Corumba que se exilou na busca de um sonho, vivenciaram um pouco do tão sonhado paraíso, no entanto a queda de cada personagem, cada filho traçou a linha destino da catástrofe da família, o que eles, por fim, alcançaram, a sina deles, uma perfeita lei arbitrária, pois são vidas que parecem ser livres, só que ao mesmo tempo essas são restringidas, pois os personagens, tinham seus destinos traçados.-

Frye afirmou que há a mistura de heroísmo que dá à tragédia seu esplendor e animação característicos (1957, p. 207), tal como se sucede no romance, pois a família ao longo de todo o enredo vai apresentando atos heroicos. O primeiro deles é mudarem para um lugar desconhecido, sem saberem o que lá encontrariam e se lá realmente conseguiriam ascender socialmente.

Outros atos de heroísmo dessa família são conseguir passar por toda adversidade familiar, o abandono dos filhos e ainda assim continuarem, terem esperança, como é o caso de Caçulinha, na qual os pais depositaram a esperança de um futuro diferente, e ainda o ato de todos os filhos seguirem em frente, independente do modo, como prostitutas ou ainda Pedro deportado, que ainda

assim, acreditava que no Rio será mais fácil de perpetuarem as lutas por direitos dos proletariados.

Todos esses elementos são atos heroicos, não como os heróis míticos com poderes sobrenaturais, mas sim como heróis modernos, contemporâneos, do dia-a-dia, que lutam contra as adversidades da vida cotidiana, lar, emprego, filhos, clima e adversidades sociais.

Há uma teoria interpretativa da tragédia, a de que o ato que desencadeia o processo trágico deve ser primariamente uma violação da lei moral, seja humana, ou seja divina, em suma, a de que a armatília aristotélica deve ter uma ligação essencial com o pecado ou com o mal (FRYE, 1957, p. 207)

O que explica a tragédia final da família Corumba, já que o que culminou na catástrofe e desgraça da família foram as filhas mulheres, Rosenda, Albertina e Caçulinha, terem abandonado o lar e terem se tornado prostitutas, assim forçando o rompimento do lar, do conceito de família e ocasionando um terceiro exílio (sentimental) para todos.

E sabe-se que a prostituição é uma violação da moral, principalmente naquela época onde causava grande estigmatização e gerava preconceito pela sociedade e tal ato estava intrinsicamente ligado ao pecado, pois sugere-se que as moças naquela época, pela representação feita no romance, deveriam permanecer virgens até o casamento, ou seja, “guardarem-se” para seus esposos.

E uma vez que foi quebrada essa “lei moral” os personagens que ocupavam o lugar de heróis passaram a anti-heróis, devido à queda e desgraça que vivenciaram, escolhendo um caminho sem volta, e que no qual toda família carregaria essa chaga, logo esses atos desencadearam o processo trágico da família, ou seja, a ruptura do coletivo do lar, separação de todos os filhos e pais.

O “Augenblick”, momento ápice de declínio, como Aristóteles pontuou, se dá no romance na cena onde Caçulinha perdeu seu posto de secretária na fábrica, considerada impura, pois perdera a virgindade e os pais Corumbas que concentraram a esperança de um destino diferente, longe da prostituição, para a filha veem que esse destino diferente das outras não é possível, nesse momento podem ser vistas simultaneamente a estrada para o que poderia ter sido e a estrada para o que será.

No caso, imagina-se que se Caçulinha não houvesse pedido folga no emprego e se não encontrasse o noivo e fossem a casa dele, naquele dia em que perdeu a virgindade, tudo seria diferente. O herói, anti-herói, não pode imaginar tal fato, pois aqui a “roda da fortuna”, o destino dos personagens inicia seu inevitável momento cíclico para baixo, nada mais poderia ser mudado, feito ou sonhado, o destino de Caçulinha e juntamente os dos pais, que tinham seus destinos ligados aos dos filhos estavam traçados.

Por fim, no romance, como em toda a tragédia sucedeu a “anagnórisis”, outro conceito aristotélico, ou seja, o descobrimento pelo herói trágico do que lhe aconteceu.

E assim, de pensamento em pensamento, foram repassando as últimas ocorrências de suas vidas.

Há seis anos tinham vindo, tão cheios de esperanças... A cidade, com o ganho das fábricas, o casamento para as meninas, o professorado de Caçulinha. Fora tudo ilusão, que por água abaixo descera.

Melhorar?... Não o conseguiram nunca. Perderam, mesmo, o único bem que possuíam: os filhos, desgarrados por esse mundo, a outra morta, afastados todos do seu convívio... (FONTES, 2003, p.236-237)

Essa é a cena final do romance, onde os pais estavam no trem de volta a Ribeira, pensando em tudo o que se passou e por fim concluíram que nunca deveriam ter saído de lá, onde aconteceu, de acordo com Aristóteles, o “Angst”, a sensação de um destino perdido, de um sonho que não poderia ser mais realizado ou os acontecimentos que poderiam ser mais consertados ou mudados.

Caçulinha é a personagem mais bem modelada dessa família, delicada em gestos e pensamentos, põe uma nota de beleza e lirismo em tudo que diz e faz. Ela consegue invadir o coração do leitor com tal força e simpatia, e é com grande piedade que o leitor vê a jovem ir desistindo de tudo e tomar o mesmo caminho das outras irmãs.

É uma figura completamente realizada, viva, normal. A sua alma é simples, sem complicações, O seu sonho de felicidade é o sonho ingênuo e puro, devido a isso a sua desgraça e decepção são muito mais dramáticas e amargas.

1. A mais bela tragédia é aquela cuja composição deve ser, não simples, mas complexa; aquela cujos fatos, por ela imitados, são

capazes de excitar o temor e a compaixão (pois é essa a característica deste gênero de imitação). Em primeiro lugar, é óbvio não ser conveniente mostrar pessoas de bem passar da felicidade ao infortúnio (pois tal figura produz, não temor e compaixão, mas uma impressão desagradável). (ARISTÓTELES, p. 19)

E pelo encadear de todas as ações da narrativa e principalmente pelo seu desfecho ela faz suscitar no leitor o sentimento de compaixão, pois se vê pela tragédia uma imitação da vida, que causa, como Aristóteles pontuou acerca da mais bela tragédia “uma impressão desagradável”, mesmo sabendo que tais personagens atuam como atores no teatro, no entanto representam situações reais da vida humana.

2.2 Enlaces do Exílio

Quando se procura estudos sobre o exílio, várias são as definições: degredo; expulsão da pátria, deportação, retiro. Todas as definições das realizações de tais ações são para falar daquele que está longe de casa, seja essa uma escolha de ordem voluntária ou forçada, ação essa que leva apenas a um sentimento: tristeza, devido a saudade de um passado. Não é apenas uma ação, reação restrita do mundo moderno ou contemporâneo devido à ditadura, ou ainda fluxos migratórios. O exílio acontece desde há muito tempo, e está presente na literatura e histórias reais da história do homem.

Abordando o exílio de forma forçada pode-se denominá-lo como cativo, já que isso impede a pessoa de voltar para sua terra natal e o sentimento que domina e que invade a pessoa que sofre o exílio geográfico forçado é apenas a saudade da terra natal, destarte os infelizes desterrados, glorificam o passado. “A paisagem natal compraz e dá alento, exalta e deprime.” (QUEIRÓS, 1998, p. 49). Para um exilado, nunca a nova terra será igual a sua terra natal, onde viveu, cresceu e criou raízes, raízes essas difíceis de serem amputadas sem nenhum sentimento.

Como Queirós afirmou: “Nas rupturas a que obriga, entre o cotidiano, o sentimento, a razão e a imaginação criadora, a ausência age como acicate: o espírito prevalece”. (1998, p. 15- 16). O que faz entender que a essência, a razão, a alma da pessoa devido a essa ação fica mais sensível, mais aflorada.

O auto- exílio também pode ser realizado quando as pessoas querem ascender socialmente, para isso mudam- se de cidade ou até de país.

Todos os exílios configuram uma ideologia- religiosa, mítica, política, econômica ou social. E no caso de tribos, povos e comunidades inteiras, o exílio- voluntário ou compulsório-, se resolve num ato fundador. À tristeza e ao sofrimento se sucedem a determinação, a coragem, a fortaleza de animo. Ao desespero da perda de quanto se deixa para trás se sobrepõe a esperança do recomeço (QUEIRÓS, 1998, p. 29- 30).

Muitas pessoas cansadas de passarem fome, de viver na guerra buscam o exílio para ascenderem, como Queirós declarou: “o exílio é condição, meio, instrumento” (1998, p. 34), essas pessoas veem como única solução mudarem-se de lar, ir para outra cidade, ou até mesmo outro país, como foi o exemplo dos japoneses imigrantes no Brasil. São pessoas guiadas unicamente pela esperança, pois na maioria das vezes não sabem o que encontrarão, são corajosos e de certa forma lançados à sorte que pode ser positiva ou não. Sobrepõe-se a esperança nesse novo recomeço: vida, família e trabalho.

Exemplos conhecidos da *Bíblia* são dos povos que migram de região em região até acharem a terra prometida, terra essa que traria fartura, acabando assim com a miséria em que o povo se encontrava, como a história de Moisés, que levou toda uma nação do Egito, o povo de Israel, ao exílio para saírem da tirania do rei, de toda a agonia e sofrimento que assolava toda a nação, assim esse povo o fez e chegou à prometida Canaã.

Essa ação tem se repetido até hoje, é só pensar na Capital de São Paulo, idealizada por muitos que viviam em condições de subsistência baixíssima e que sonhavam, tinham a esperança de nessas cidades alcançarem uma melhora social e tal fato sucedeu a partir principalmente da década de 90, quando se iniciava a industrialização. A crise teve seu início em 1920, devido ao excessivo e descontrolado aumento da safra de café, o fato é que se produziu demais e exportou de menos, também já havia uma série de falências antes da quebra de “Wall street” e só em setembro de 1929 o jornal *Correio da Manhã* anunciou setenta e duas falências e concordatas.

Então muitas pessoas do interior e devido à crise do café com leite e a industrialização fez aumentar a grande procura pelas capitais, pessoas em massa

que perderam seus empregos sentiram-se atraídos às oportunidades que surgiam nas fábricas, mesmo lá indo morar em lugares com condições precárias, como foi o caso dos cortiços que aumentavam em grande número ao redor de toda a cidade, aglomerado de pessoas de diversos lugares do país que foram trabalhar e estavam cheios de esperanças de através do auto- exílio haver a mudança social tão esperada que a capital parecia ofertar.

Esperanças de uma vida diferente, de um futuro melhor, longe da miséria: da fome, das secas, da falta de emprego, Esperavam encontrar nas cidades uma vida plenamente diferente, ganhando bem, morando bem, ou seja, vivendo bem, assim optando por abandonar suas raízes.

No entanto o exílio geográfico em qualquer instância e motivo que é buscado sempre causa uma fratura no ser humano:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003, p. 46)

Fratura é algo que é quebrado e jamais pode ser reconstituído e o exilado por questão de sobrevivência tem que refazer sua vida e essa jamais será como antes do exílio, permanecerá sempre a nostalgia pelo passado, onde um único sentimento perpetuará a vida dessa pessoa: a saudade. Saudade que se dá principalmente porque o exilado não teve outra opção em sua vida senão a busca do exílio por qualquer fator que seja fuga ou exílio forçado, a pessoa que o pratica deixa para trás algo que foi impelido a ela devido uma situação forçada pela vida.

Mesmo quando há o autoexílio, esse é buscado como última saída para resolver uma determinada situação.

Setembro já fora escasso de chuvas. Os “camboeiros do São Francisco”, infalíveis em outubro, falharam dessa vez. E assim, sem que do céu pingasse uma só gota d’água, chegou-se março.
- Se não chover agora, vamos ter seca, e da braba! – exclamavam os sertanejos, temerosos. (FONTES, 2003, p. 19)

Inicia-se assim *Os Corumbas*, expondo uma das, senão a maior e mais temida chaga dos nordestinos: a seca que assolava tudo e mandava e desmandava no destino e vidas das pessoas daquela região, fato esse exposto pelo narrador, já no primeiro parágrafo, ilustração descritiva daquela região, que fazia parte da vida, um misto de pesadelo e sonho, pois rezavam e de tudo faziam para que as chuvas viessem, como rituais e promessas.

Essa chuva veio, no entanto não tardava para a seca assolar aquela região novamente.

Tão violenta foi a seca de 1905, que o capim cresceu e secou no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo!
 João Piancó, doente, não pode salvar as reduzidas criações. E morreu de desgosto.
 Geraldo, a esse tempo, tinha já três filhos. Lutou contra a miséria o quanto pôde. Josefa o ajudava dia e noite.
 Mas tiveram de desanimar, como outros tantos. Perceberam que só lhes restava o recurso de desertar, fugir para sempre daquele torrão maldito.
 Arrumaram alguns objetos indispensáveis, as poucas roupas que tinham, e puseram-se na estrada.
 Destino certo, não levavam. A Continguiba, o vale rico do Japarutuba, qualquer lugar onde houvesse água e onde não se morresse de fome.
 Foram andando, foram andando...
 O Engenho de Ribeira, no município da Capela, estava acolhendo retirantes. Pediram pouso, e ali ficaram. (FONTES, 2003, p. 25- 26)

A seca é o fator inicial que ocasiona o primeiro exílio da família Corumba, o exílio geográfico, buscado unicamente para resolver ou no mínimo amenizar aquela situação, por isso a família refugiou-se, saindo de sua terra natal, indo para um lugar desconhecido por eles até então, não são expulsos diretamente, apenas de forma indireta pelo clima da região do nordeste mandar e desmanda na vida das pessoas, define a trajetória de famílias que tem na terra a subsistência pela agricultura.

A família encontrou abrigo no engenho de Ribeira, mas tudo ali era incerto a eles, não sabiam quanto tempo ali permaneceriam e principalmente por quanto tempo o clima e a situação econômica seriam favoráveis ali. Seguindo o fluxo da leitura sabe-se que viveram dezessete anos em Ribeira, não se sabe pelo narrador como eles viviam em detalhes, apenas que os pais já contavam com três filhos ao mudarem para lá, local onde nasceram mais três filhos, e o último um menino que morreu quando pequeno.

Os pais, família de agricultores, queixaram-se do fato de terem quatro meninas e um menino, já que homens rendem mais fisicamente na colheita de cana, então assim sendo cada filho fazia aquilo que podia para ajudar no lar, uma menina descascava mandioca, outra ajudava na moenda de cana e as menores auxiliavam um pouco em casa ou na roça. Contudo, tanto esforço não rendia para praticamente nada, apenas “migalhas”, como pontua o narrador, para as despesas do dia-a-dia que levava todo o “salário” da família.

E, para agravar ainda mais a situação daquela família, houve a baixa do açúcar, o que levou os usineiros e senhores de engenho a reduzirem a metade o salário dos trabalhadores, pagando a cana por tonelada, o que não fazia o seu plantio compensar. Por isso a família propõe a mudança:

Foi Josefa quem aventou a ideia de se mudarem para o Aracaju.
E enumerava suas razões:

“ Na capital, havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas fábricas de tecidos. Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro ou maquinista... Uma outra vida, enfim. Vestia-se melhor, andava-se no meio de gente... Depois, tinha assim uma certeza, uma espécie de pressentimento, de que lá as filhas logo casariam. Isso, as mais velhas. As duas mais novas iriam para a escola. Nem precisavam até de trabalhar. Caçulinha, que era tão viva e inteligente, bem poderia chegar a professora...” (FONTES, 2003, p. 27- 28)

A família assim como várias pessoas daquela época que buscavam uma condição social melhor, mudavam principalmente para as capitais do país e o Nordeste, devido às secas e às péssimas condições de vida, é uma das regiões do Brasil onde há maior abandono pelo fluxo migratório, um grande exemplo foi São Paulo que na época da industrialização recebeu vários nordestinos.

A família, por sua vez, considerou a Capital Aracaju para prosperarem socialmente, não fugindo assim mais uma vez do exílio.

Mas há exílio e exílio. Imposto ou voluntário. Ato de obediência a agentes externos, ditados por vontade soberana ou por interesses superiores, ou ato de consciência- resposta a opção íntima, irrefutável. Não se confundam por isso as reações que os determinam. E convém considerar, in extenso, as conotações consequentes, associadas, à noção física- de separação da terra natal, seguida ou não de banimento definitivo as regiões distantes, mas promovida, sempre por agentes externos, como também, à

noção íntima- de autodegrado do mundo, seguido de mergulho no Eu. (QUEIRÓS, 1998, p. 31)

E todo agente externo (agreste) e meio social foram responsáveis por gerar o exílio social, uma vez que essa família saiu de Ribeira, terra onde se encontravam e onde exilaram-se geograficamente, devido às condições financeiras que eram precárias, pois viviam com o mínimo e mesmo esse mínimo não era suficiente para as despesas ordinárias, o que obrigou a família a optar pelo degrado. Portanto o único meio de “tentarem” melhorar de condição social foi um autoexílio.

É interessante que quando a família opta pelo exílio, esse não carrega apenas sonhos, como a mãe ponderou, devido a esse, também é inevitável uma mutilação emocional, como o narrador do romance ao pontuar a mudança de lar: “levavam saudades dos amigos, da vida plácida do engenho, da própria terra que deixavam” (FONTES, p. 29). Nota-se que é impossível não olhar para trás e não deixar o mínimo de saudade dos laços afetivos construídos.

Após esse segundo exílio, o narrador já apresenta a segunda parte do romance que na 25ª edição pela editora José Olympio, página trinta e três, a família já se encontra em Aracaju: “ Quatro horas acabavam de soar, lentamente no grande relógio da Sergipana” (2003)

A narrativa introdutória d’ *Os Corumbas* é significativa para selar a passagem do campo para a cidade, revelando o fim do meio rural e o início da vida proletária. E como houve a crise da baixa do açúcar em todo o Brasil, a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, afetando todo a economia mundial e não obstante o Brasil estava se industrializando. Uma economia que antes apenas pautada na agricultura, começa a ter seu cenário e economia mudada.

E a imagem representativa de mudança de cenário meio rural para industrialização é quando o narrador fala que o grande relógio da fábrica Têxtil, Sergipana, soava, sendo essa símbolo da mecanização que introduz esse novo cenário da família Corumba, antes agricultores, agora operários.

No romance, tal representação ocorreu pelo fato de grande parte do cenário do romance girar em torno das fábricas, onde as filhas Corumbas trabalhavam e por não mais ser citado no romance qualquer tipo de trabalho que envolva o campo, ou seja, trabalho agropecuário, pois até o pai emprega-se na fábrica Sergipana como vigia noturno; Pedro conseguiu emprego como mecânico; Rosenda e Albertina, as

mulheres mais velhas trabalhavam na Têxtil, fábrica de tecidos, já, as mais novas, Bela e Caçulinha, assim como sonhado pela mãe, começaram a frequentar a escola.

Conforme o desejo da mãe, antes de se mudarem para a Capital, almejaram e alcançaram tudo aquilo que foi sonhado por eles: empregos para os mais velhos e escola para as mais novas. No entanto tal não induz a uma ascensão para a família, mas apenas uma melhora daquilo que estava péssimo.

Tudo a princípio parecia ser bom, mas como já discorrido, no decorrer do tempo Rosenda fugiu com o namorado, foi abandonada e tornou-se prostituta, Albertina que mais tarde também fugiu com um médico foi abandonada e tornou-se prostituta, Pedro foi deportado ao Rio, por envolver-se em um grupo político de esquerda e Caçulinha se recolheu em uma casa como prostituta de luxo. Ambos vivenciaram o exílio não apenas o exílio geográfico, mas ainda o exílio pessoal, sentimental, pois esses filhos não mais moravam com os pais, mas cada um vai para o lugar que denominava e caracterizava as ações e condutas dos filhos.

A partir do momento que tomaram atitudes “erradas” perante a sociedade e a família, essas não encontraram emprego e apenas tiveram seu único meio de renda em seus corpos, e a prostituição sempre acarretou “maus olhos” no meio social e isso causaria um constrangimento se elas permanecessem perto de sua família, com toda a certeza sofreriam diariamente ofensas, pois eram consideradas imprestáveis, sendo assim todas optaram pelo refúgio, exílio sentimental ou exílio individual, Caçulinha a única voz de todas as filhas após o exílio sentimental, despedindo-se da mãe que iria embora de Aracaju, disse: “A senhora não calcula como gostei de sua visita... É tão ruim a gente viver assim sozinha... Mas deixe estar... Daqui a tempo, quando tudo estiver mais esquecido, eu vou passar dias inteiros com a senhora...” (FONTES, 2003, p. 232).

Caçulinha e todas as irmãs sabiam de seus destinos após a escolha pelo caminho da prostituição, é só observar como a mãe, reflexo do pensamento da sociedade tratou o fato:

- Veja só, Senhor meu Deus, pra essa vergonha! Com que cara a gente vai andar na rua, agora? Uma filha se faz mulher perdida!... Nunca pensei que Deus me desse esse castigo! Eu... (FONTES, 2003, p. 83)

A palavra “mulher perdida” já induz a conclusão de que a partir do momento que essa perdia a virgindade e não era casada, ela era tida como inútil a sociedade e para a família e nunca mais poderia reconstituir sua vida novamente, como Caçulinha, com extrema consciência do fato disse à mãe que seria o melhor, por isso com certeza o exílio foi senão melhor, a única alternativa, pois a família não aceitava tal fato, tampouco o retorno dos filhos ao lar, já que isso era considerado uma desgraça para todos, uma vez que tal atitude poderia influenciar as pequenas, além do estigma que caíra sobre a família. “os exilados individuais nos forçam a reconhecer o destino trágico da falta de lar num mundo necessariamente implacável”. (SAID, 2003 p. 55)

Parece algo bem objetivo como os fatos são narrados, sem sequelas:

“Todo um ano se escoara. E a vida, na casa de Geraldo nenhuma alteração sensível apresentava. Sempre o mesmo labor quotidiano, as mesmas dificuldades; e, como sempre, raros os motivos de alegria”. (FONTES, 20013, p. 84)

Efetivamente não há muita lamentação pelo narrador, pois esse que mais parece um jornalista, igualando-se ao escritor Fontes, é bem breve, sem muitas descrições demoradas, o único relato que induz a tristeza é Albertina ficar sem animo após a ida da irmã Rosenda, pois ainda vizinhas questionavam se era verdade que ela fugiu com Inácio. Há a

Necessidade do exilado de reconstruir uma identidade a partir de refrações e descontinuidades... O páthos do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra: voltar para o lar está fora de questão. (SAID, 2003, p. 51)

Sabe-se que o caminho, a decisão de uma ação que não pode ser refeita, tampouco regressar no passado. As meninas se desviaram do caminho que deveriam seguir perderam de vez aquilo que para a sociedade as definia como família: valores morais, e a perda deles numa sociedade implacável, fez com que elas conscientes ou inconscientes jamais cogitassem a volta para o seio familiar. Assim como sucedeu com Pedro Corumba e seus amigos no momento de deportação:

Mil pensamentos maus doidejavam em suas cabeças. De nada sabiam, entretanto, pois nem sequer interrogados tinham sido. Estavam todos juntos, silenciosos, os corações pesados. Olhavam tristemente o casario da cidade, que ia ficando para trás; a Rua da frente; um bonde que passava; os coqueirais da ilha, na outra banda. No fundo, ressaltando ante seus olhos, o Morro do Urubu, verde-escuro; a igreja de Santo Antônio; as chaminés das fábricas, que vomitavam rolos de fumo branco... Passando em frente da capitania, o vapor lançou um apto muito longo. Pelo estado em que se achavam suas almas, aquele som lhes pareceu mais triste e doloroso do que nunca. Três, dentre eles, choraram... (FONTES, 2003, p. 107)

Aos rapazes exilados sabiam que ficava para trás algo que não poderá ser retomado tão cedo, quiçá nunca e o sentimento definidor do exílio, a nostalgia, já domina a alma desses rapazes e vão vendo o filme que ficará apenas em suas memórias.

Pedro, o filho Corumba, exilado de forma obrigatória é o único a escrever no exílio, conta como está tudo no Rio de Janeiro e ele é o único que mostra contato após o exílio, como quando Caçulinha estava noiva, ele desejou felicitações, falou da pretensão de voltar e que ainda continuava com as mesmas ideias comunistas de mudança, sonhando com uma melhora do proletário.

É relevante o fato de só ele mandar cartas, o que aconteceu por ele ter sido exilado de forma obrigatória, ao contrário das mulheres, a se auto-exilaram individualmente, e apagaram toda a possibilidade de retorno e qualquer contato com os pais.

Após o exílio de Pedro, a mãe pontuou: “A desgraça, quando vem, vem de chorrilho”. E o narrador complementou:

De fato, as ocorrências que se passaram com o filho, além de abatê-los moralmente por vê-lo preso e deportado, como se fora um vil ladrão, acarretou-lhes dificuldades financeiras, as mais sérias. Porque afinal, agora somente o velho e Albertina trabalhavam para sustentar toda a família. E como se tudo isso não bastasse, o antigo reumatismo de Geraldo recrudescera com tal violência, que o deixou prostrado quase um mês, sem poder ir ao serviço e sem ganhar. (FONTES, 2003, p. 110)

Como não havia as leis trabalhistas ainda no Brasil responsável pelo regulamento dos direitos do trabalhador, portanto o velho doente sem poder ir trabalhar não ganhava e em sua casa a condição financeira só piorava. A

decadência financeira da família estava gravíssima, eles passaram do estado de pobre para paupérrimos, pois a cama feita de tábua, sobre caixões de querosene, feito improvisado para a chegada, não teve oportunidade de ser trocada por melhores, fato no qual revela o grau de miséria da família.

Rosenda no momento da prisão de Pedro já havia fugido, logo Josefa desesperada com as despesas, cogitou a ideia ao esposo de Bela trabalhar, no entanto ele se enfureceu com a notícia e questionou se ela suportaria resistir a poeira do algodão e ir embaixo de sol e de chuva, já que a menina sempre teve a saúde debilitada.

Como não havia alternativa, Bela prontamente aceitou e saiu da escola, contudo o frio foi rigoroso naquele inverno e a menina um dia não conseguiu levantar da cama, e a cada dia minguava mais e mais, já relutava para se alimentar, não tomava mais remédio, sua mãe dera a desculpa de que não adiantava mais, quando na verdade não possuía mais nenhum dinheiro para tal, pois nem para comida havia e Sá Josefa, no momento em que Bela caiu doente e não conseguia levantar para o trabalho, já estava comprando o alimento fiado na bodega.

A menina só piorava, até que padeceu de vez e morreu tuberculosa, em vista disso é a única dos filhos a não sofrer um terceiro exílio, apenas aconteceu a ela o exílio geográfico, primeiro exílio e o exílio social, quando se mudam para Aracajú.

A moral e coração da família já estavam corrompidos, dilacerados e depois da morte da irmã, Albertina fugiu com o médico que cuidava de Bela, foi abandonada e tornou-se prostituta, o que trouxe uma maior tristeza para o lar. A família então passou a ser apenas Geraldo, Sá Josefa e Caçulinha. A menina que já estava trabalhando na Têxtil arrumou um namorado, logo passou se a concentrar nela a esperança de tirarem o peso de toda a vergonha pelo qual haviam passado.

“Os exilados individuais nos forçam a reconhecer o destino trágico da falta de lar num mundo necessariamente implacável.” (SAID, 2003, p. 55). Extremamente trágico essas filhas devem exilar-se individualmente, no lugar que caracteriza suas ações, pois não podem retornar ao que deixaram e o que eram, pois a sociedade era extremamente implacável em seu julgamento e exclusão.

Com a degradação completa do conjunto familiar, os pais sozinhos e envergonhados optaram por retirarem-se novamente, voltar para Ribeira, um exílio assim como aos dos filhos, sentimental, pois a decisão de voltar é acima de tudo uma forma de tentar amenizar todo sofrimento vivido e de apagar, ou no mínimo

colocar um borrão nas tragédias passadas com os filhos, que tanto pelos pais como acima de tudo pela sociedade da época era considerada como imoral.

Portanto, não falo do exílio como um privilégio, mas como uma alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna. No fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece. Mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável). (SAID, p. 56)

Essa família teve que vivenciar o exílio por uma questão de sobrevivência, não foi uma questão de escolha, e desde o momento que vivenciou o exílio social, no intento de haver chances de reparar a vida de necessidades que estavam vivendo, aconteceu totalmente o contrário, começou a cada momento haver uma perda que acarretou sentimentos e decisões desorientadoras na família.

Na vida moderna o exílio é inerente ao ser humano, vida essa que de forma externa (meio social, seja ele urbano ou interior ou secas) indiretamente obriga as pessoas a se auto-exilarem, na busca da saída de um passado, de uma situação angustiante, como bem ilustrou o romance. E como bem pontuou Said, o exilado deve cultivar uma subjetividade escrupulosa, cuidadosa, e assim a mãe Sá Josefa a todo momentos cuidava dela e dos filhos, via o que acontecia na vizinhança e os alertava para que não sucedesse o mesmo com suas crianças.

Há no romance os males do exílio, exílio que não acrescentou nada de bom aos personagens, visto que a família antes era representada como um coletivo, sempre unidos, já a partir do exílio social esse cenário se dilacerou, filho por filho tomou um rumo que o faz abandonar o seio familiar e afastar-se por um longo tempo, e o mal do exílio se confirmou com a volta dos pais à Ribeira, lugar que Josefa, pontuou de onde nunca deveriam ter saído, pois lá estavam fincadas suas raízes e a saudade de um lar, de uma família que não mais existia.

Na terceira e última parte do romance, o cenário é a nova casa de Caçulinha, e lá a mãe chegou sozinha, sem Geraldo para se despedir. Caçulinha a questionou, e a mãe ponderou que vão morrer em seus cantos e que depois que a desgraça tomara conta de suas vidas, Geraldo não falava em outra coisa, senão em voltar e retratou o que o velho falava à Caçulinha:

Raiva, mesmo, não teve. Ele tem é tristeza de ver... você e as outras duas... nessa vida. Ele só faz é lastimar... Queria tanto bem a vocês todas! Não se esquece de nenhuma... Mas cuida que se lembra mais de todas da defunta. Só queria que você estivesse vendo! Não tira o nome dela da boca. Inda hoje me dizia que foi só ela que não lhe deu desses desgostos... (FONTES, 2003, p. 234)

A mãe resumiu o exílio sentimental dos pais: a vergonha, e desgosto do caminho que as filhas seguiram. Nessa mesma cena a mãe despediu-se, Caçulinha que falou que vai ajudá-la, pois ganha bem, a mãe mesmo tentando recusar não o pôde, já que ela e o pai não tinham nenhuma economia. Caçulinha prometeu que vai escrever, o que não se sabe se o faz, já que a narrativa finda relatando o momento em os pais retornam para Ribeira no trem, objeto símbolo da passagem e da mudança.

Ambos, em grande silêncio e na tentativa de quebrar “a tortura daquele silêncio”, Josefa murmurou ao esposo:

- Está custando! A gente vai sair daqui bem tarde...
Como Geraldo não tivesse respondido, ela o olhou, e viu que ele chorava. Grossas lágrimas, abundantes, corriam- lhe pela face, gotejando sobre o peito da camisa de cretone.
A mãe de caçulinha estremeceu...
Quis reagir, dizer qualquer coisa que pudesse reanimar o companheiro. Mas não pôde transmitir- lhe uma só palavra de conforto. Estava já sem forças, abandonada de todas as suas energias, ante tanto infortúnio acumulado, que acabava por obrigá-los àquela retirada, à volta humilhante para as senzalas da Ribeira.
(FONTES, 2003, p. 237- 238)

Essa é a cena onde esbanja maior emoção no romance, nem com a morte de Bela, tampouco com a queda de uma a uma das filhas os pais se lamentavam, pois o narrador em sua descrição não expunha maior emoção, o que sugere que esses pais sabiam que a eles, pobres não resolveria se lamentarem, pois a vida seguia adiante, no entanto com a derrocada de uma vez do lar, essa vida dos pais baseada no conceito íntegro familiar, nos filhos, em todos reunidos, viram que suas vidas não poderiam seguir mais adiante, só restava a eles esperar a morte, como a mãe mesmo falou para Caçulinha e esperar por essa morte no lar deles.

O pai chorou por todos os momentos em que não o fez, todo aquele choro guardado e ressentido, a mãe já não tinha forças, ambos não tinham forças nem

alegrias, depois de tanta desgraça e tristeza acumulada, a eles restavam a volta, retirar-se daquele lugar que a todo o momento os lembravam das desgraças e vergonhas enfrentadas, sendo assim, exilaram-se em Ribeira, não foi como o exílio social já enfrentado anteriormente, já não voltam como vieram de Ribeira, fazem o inverso, voltam com menos do que tinham, sem sonhos, esperança e sem seus filhos.

Aqueles pais que foram cheios de sonhos em suas bagagens, retornaram perdidos e extremamente frustrados:

A fantasia ofende a pobreza. Pois as coisas mesquinhas só possuem encanto para o espectador. E não obstante a fantasia necessita da pobreza a que faz a violência : a felicidade que ela persegue está inscrita nos traço do sofrimento. (ADORNO, 1993, *Minima Moralia*, p. 149)

O que Adorno expôs resume toda a saga da família, pessoas carentes em busca de um sonho passaram do estágio de pobres a paupérrimos e tem sua família degradada, cada um no fim do romance está em um lugar e o sentimento que caracteriza o fim o enredo é um agudo sofrimento, e principalmente a nostalgia de um passado que não era perfeito, mas toda a família em Ribeira estava reunida e o lar não estava corrompido.

2.3 O Híbrido no Romance

Como visto no capítulo anterior, os pais voltaram para o engenho de Ribeira, devido a não sorte na Capital, que conciliou com a desgraça dos filhos, todas as filhas tornaram-se prostitutas, exceto Bela. Pedro foi preso, deportado ao Rio, portanto os velhos voltaram, pois como repetiam no fim: a desgraça assolou a família deles, estavam envergonhados de verem como seus filhos estavam, o destino que eles traçaram.

Nota-se que desde o início do romance o narrador faz questão de enfatizar o coletivo, o primeiro coletivo são as fazendas onde Sá Josefa e Geraldo se conheceram e trabalhavam. É narrado sobre engenho, colheita, onde o coletivo tem que se fazer presente para haver resultados.

No entanto as atitudes dos filhos começam a mudar a partir do momento em que os personagens sofrem o segundo exílio geográfico e social, estritamente responsável pela hibridização dos personagens do romance:

A cultura industrial massiva oferece para os habitantes das sociedades pós- modernas uma matriz de desorganização-organização das experiências temporais mais compatível com as desestruturações que supõem a migração, a relação fragmentada e heteróclita com o social. (CANCLINI, 2013, p. 363)

Essa desorganização bem representa a estrutura familiar que começava a mudar, a começar por Rosenda a mais velha, que iniciou seu namoro com o sargento. A mãe e o pai como uma família tradicional exigiam que o rapaz os visitasse, o que ele nunca o fez, pois apenas se encontrava às escondidas com a namorada, o que aumentava a ira e a desconfiança da mãe.

Na vizinhança já havia casos de meninas que fugiram com os namorados e foram abandonadas, Sá Josefa então, preocupada com a moral e com a desagregação do lar alertava a filha, que já começava a mudar as suas atitudes, não ouvia mais sua mãe.

Rosenda interroga a mãe: - Virgem! Mãe está ficando de uma forma, que nem quer que a gente dê um passeinho...
 - Eu estou ficando?! Não estou ficando coisa alguma!
 E, batendo com a mão espalmada sobre o peito:
 - Eu sempre fui a que sou hoje. Vocês, sim, é que mudaram...
 Quando a gente morava na Ribeira não havia passeios toda noite, nem amiguinhas, nem namoros. Mas, lá, vocês eram tementes. Aqui é que engrossam o pescoço. Fazem o que bem dá na veneta, andam acima e abaixo pelo mundo, como bois soltos no pasto, e depois, pai e mãe que se calem... Ah! Quanto eu me arrependo de ter deixado o meu engenho!...(FONTES, 2003, p. 63)

A mãe ainda questionava as meninas que nunca reclamaram antes de trabalhar, agora já o faziam, elas queriam viver com “a cara lambuzada de pintura”, viver como bonecas e ainda a mãe ponderou um dia acabar com as saídas noturnas de Rosenda, e a moça respondeu novamente que a mãe pensa que elas, as filhas, são burros de carga e isso aumentou ira da mãe, que disse que a menina só “sabe ser malcriada”.

Rosenda falava para seu namorado a razão da mãe em falar do horário de seu retorno ao lar, porém ele argumentava que sua namorada não era mais criança

e Dona Josefa de forma exagerada implicava com a filha. A moça aos poucos se convencia disso, continuava a chegar tarde em casa e sua mãe algumas vezes batia nela por ela não lhe respeitar, tampouco obedecer.

O futuro namorado dela chamava-se Inácio dos Santos, um cabo que onde tivesse cachaça e viola lá estaria ele e o rapaz começou a cortejá-la, e Rosenda devido a sua falta de beleza, como expôs o narrador, ela fora lisonjeada apenas três vezes na vida, logo ouvindo tal ficou “toda embaraçada” e não demorou a se apaixonar pelo cabo.

A moça começou a namorar o rapaz, mas desde o primeiro momento os pais receberam com hostilidade o namoro, pois como eles mesmos afirmaram ele era um “vira-copo”. E como a vizinha disse à mãe:

- Não se vexa tanto assim, mulher! Não dizem nada demais. Isto é... Todos falam é porque ela anda só com o namorado por tudo quanto é canto... Nisso, deixe lá que o povo tem sua razão... Não é mentira, não, senhora. Me desculpe: mas inda ontem, escurecerzinha, eu encontrei sua menina com o Inácio na estrada da Getimana...

- Como? A senhora viu?!

- Com esses olhos que a terra fria há de comer...

Sá Josefa não respondeu. À sua primeira impressão, angustiada, uma onda de raiva sucedera. Tinha a respiração forte e apressada; seus olhos lançavam chispas. (FONTES, 2013, p. 76)

Quanto mais a mãe reprova a filha, mais ela se unia ao rapaz e se separava de sua família. Inácio interrogava Rosenda que ela já era adulta e ela não podia mais aceitar que sua mãe batesse nela, o que Sá Josefa fez: espancaram-na até sangrar, o que fez a menina evitar mais os encontros com o namorado.

Com a chegada de dezembro iniciaram-se as festas populares e nesse tempo Inácio anunciou à namorada a sua transferência para Simão Dias e sua partida, mas faria isso com grande dor no coração por de deixá-la e acrescentou : “ Vida triste vai ser a minha, condenado a viver longe de você!...Venha comigo, nega! (FONTES, p. 79)

A moça questionou como, e ele disse falou que se casariam em Simão e argumentou que se não se casaram ainda foi por conta da mãe da menina e ela por fim concordou, no entanto como ela ainda tinha dúvida o rapaz perguntou se ela duvidava dele, e ele vitorioso fez com que nesse mesmo momento combinassem a fuga.

Foi numa quinta- feira a fuga e o ocorrido veio com muitas lamentações, a mãe indignada, maldizia a filha por não pensar na desgraça de tal ocorrência para a família e a má influência às mais novas e ainda acrescentava que Rosenda havia feito aquilo para se vingar dela, por ser contra a sua relação com Inácio.

Um ano havia se passado desde a ida de Rosenda e Pedro, numa rapidez alcançara uma das melhores posições na oficina e ele começou a estudar e aprendeu a ler de forma rápida. José Afonso, vendo tal progresso o incentivava mais e mais a ler. E essas leituras baseavam-se em Tolstoi, Lenine, Trotsky, e Pedro se interessou particularmente por Trotsky e Lenine, revolucionários integrando- o ao comunismo.

A sociedade proletária de Aracajú foi reativada, Pedro participava do grupo tendo com o líder José Afonso, responsável por deixar o jovem deslumbrado com seus argumentos. Esse grupo sustentava a luta contra as fábricas, pois não pagavam salários noturnos com bonificação aos seus funcionários.

Os patrões sabiam da extrema miséria daquele lugar, assim sendo não se sentiram ameaçados, uma vez que as pessoas precisavam e os chefes até contra-argumentaram que quem não fosse trabalhar perderia o emprego.

E nesse meio enérgico se envolvia Pedro, no movimento proletário de Aracajú e sua mãe já demonstrava grande preocupação quanto a isso:

- Escute aqui, Pedro. Você por que não larga umas certas companhias, que andam virando a sua bola? Não, não se zangue... Eu falo é pro seu bem, pro bem de todos nós... Se há um que não pode se queixar, esse é você. Seus patrões lhe tratam como um filho; sobem você de posto cada dia... Por que, então, essa história de querer sempre ganhar mais, só oito horas de serviço, e mais isso e mais aquilo? Bem que pensando, é até uma ingratidão de sua parte... (FONTES, 2003, p. 93)

É notável a imensa preocupação da mãe com o filho, e como ela mesmo argumentou, a mudança dele o prejudicaria no trabalho e em sua vida pessoal, e sucessivamente também afetaria a toda família, levando à conclusão de que se houvesse uma mudança nas atitudes, ações de cada um dos filhos isso refletiria em toda a família, pois a unidade e elo familiar seriam abalados e a mãe estava na tentativa de mostrar a sua luta pela integra da unidade familiar, no entanto, Pedro não a ouviu e falou ser melhor não discorrem sobre tal fato.

De fato esse alerta e medo da mãe se concretizou, pois Pedro se tornou o homem de maior confiança do tipógrafo, cabeça do grupo operário, e Pedro estava ansioso para a desforra do governo e proprietários de fábricas. Isso até o momento do grupo ser traído e denunciado. A “Sociedade”, nome do movimento, tinha um espaço para reuniões e numa determinada noite com a denúncia todos integrantes presentes foram presos, inclusive Pedro Corumba.

A mãe nessa noite não dormiu tranquila e quando pela manhã o pai veio com a notícia da prisão de aproximadamente trinta grevistas, tinha-se um filho a menos no lar Corumba e Sá Josefa como tantas outras mulheres choraram seus maridos e filhos.

Em seguida já há a fala de Sá Josefa, de que “A desgraça quando vem, vem de chorrilho” (p. 110). Pois a desgraça sucedida com o filho iria abatê-los moralmente, pois Pedro foi deportado como um ladrão, além do que isso iria prejudicava família financeiramente, pois a esse tempo contava-se com dois membros da família a menos: Rosenda e Pedro, ou seja, sem duas fontes de renda .

A mãe então preocupada com a condição precária desesperadora da família, cogitou a saída de Bela da escola, o que não foi nem necessário a mãe dizer, já que a menina mesmo se ofereceu para tal, embora o marido discordasse, porque a menina não gozava de boa saúde, no entanto a realidade era uma só: o rendimento não seria necessário e Bela foi para a Têxtil.

O inverno foi forte e Bela num certo dia não conseguiu acordar para ir trabalhar, pois estava sem força alguma. Albertina muito preocupada procurou ajuda do médico Dr. Fontoura, conhecido como “papa- moça” e ele prontamente, já pensando em tirar vantagem de Albertina, portadora de muita beleza, aceitou“ ajudar a família”.

Devido ao estado de saúde de Bela as visitas do médico deveriam e passaram a ser constantes e principalmente como uma forma do Dr. conquistar Albertina e com várias declarações e insistência inicia seu namoro com a jovem.

Fontoura tinha a perseverança dos grandes conquistadores amorosos. Não se deixava desanimar somente porque a mulher requestada persistia em suas negações . Segundo a sua maneira de expressar-se, manifestada nos solilóquios em que, não raro, se engolfava, “o sabor da vitória estava na razão direta das dificuldades a vencer”. (FONTES, 2003, p. 142)

E como sua conduta já era conhecida em toda a cidade, logo o “papa-moça” um mestre na conquista, soube o momento certo de iniciar as promessas e presentes, chegou até a cortejar Albertina com uma corrente de ouro, onde havia suspensa uma cruz de madrepérola.

Bela morreu, Caçulinha devido à crise financeira teve que abandonar a escola, mesmo com o espanto e pesar de todos, pois ela era tão inteligente e poderia se tornar uma professora. Quando a viram sem o uniforme escolar e com o uniforme da fábrica chegaram a falar que era uma pena ela entrar num meio com muitas promiscuidades, ela tão inocente, no entanto o pobre não tinha escolha.

Já no meio das fábricas, Caçulinha foi a uma festa e lá conheceu o Sargento Zeca que começou a cortejá-la e nesse meio tempo o namoro de Albertina e o médico já muito comentado em toda a cidade, tornou-se um escândalo. Isso porque ninguém acreditava no desejo dele querer desposar a operária, mas sim unicamente desfrutar de seu belo corpo.

E assim o foi, a moça passou a sair por volta de três da tarde das fábricas e o namorado ia buscá-la com seu automóvel e com a cortina toda fechada lá passavam toda a tarde. O povo já começava a falar mal, logo não tardaria para ela seguir o caminho das outras, umas diziam ter pena dos pais, pois aquilo parecia uma praga, já outras acarretavam a culpa somente a eles, que tratavam os filhos com muitos mimos. Chegam a falar: “– A senhora sabe, Dona Engrácia? Aquelas meninas todas tem queda pro que é ruim... E isso é do sangue... (FONTES, 2003, p. 161)

E mesmo que esses relatos não fossem retratados diretamente aos pais, eles já estavam desconfiados há muito tempo, devido a alguns indícios, principalmente devido a modificação no humor de Albertina, como os pais mesmo ponderaram ela estava “malcriada” e fazia seus deveres com pouca vontade. A mãe pediu para o pai falar com a moça, pois ela ouviria mais ele, e ele respondeu: “Se você quer, eu falo, Zefa. Mas não adianta nada... Pode crer... Isso é da sina da gente. Só mesmo Deus pode mudar... (FONTES, 2003, p. 165)

Foi festa de São João, Albertina estava com Caçulinha e lhe disse que iria à casa de Do Carmo, sua amiga, quando na verdade foi se encontrar com o seu namorado para fugirem, Albertina em sua inocência ainda pergunta e questiona o namorado para esse não abandoná-la depois e ele diz que apenas se fosse um miserável e como todos falavam que era, ele o foi.

Foi a segunda filha que entrou para a prostituição e a impressão de desonra foi maior aos pais, pois sabiam que provavelmente entre Albertina e o médico nunca seria cogitado o casamento, por ele ser rico e a moça paupérrima, além do mais a mãe também pensava que as outras pessoas diriam ser do temperamento de Albertina entregar-se ao primeiro rapaz que visse.

O sargento Zeca, namorado de Caçulinha, com a aprovação positiva dos pais, pensava em pedir a menina em casamento apenas quando passasse no concurso, entretanto vendo o clima negativo que a desonra trouxe ao lar Corumba precipitou o pedido e pediu a mão da moça aos pais.

Infelizmente, como já foi levantado anteriormente, Caçulinha, num dia, decidiu comprar seu enxoval e encontrou o noivo que a convidou para visitar sua casa e conhecer a empregada, o que ela nunca havia feito, em razão de a casa estar sem ninguém, Caçulinha perdeu sua virgindade com o noivo e esse mudou de forma abrupta com ela, pois a não considerava mais digna para o casamento, e ainda ele culpado, argumentava para si mesmo, que as outras irmãs já eram prostitutas e provavelmente esse seria o destino dela, por estar no sangue.

Caçulinha desde esse maldito dia, sabia sua sina e mostrava-se extremamente preocupada: “Devagar e sempre. – Correr pela rua dá uma impressão de pavor. A queda da vítima já está imitada na tentativa de escapar dela.” (ADORNO, 1993, p. 142). Assim como a menina tentava escapar, foi impossível, e desde o maldito dia, o noivo mudou, até o dia que não apareceu mais, Caçulinha e a mãe denunciaram o jovem.

O único resultado “positivo” foi que, através dessa ida à delegacia, a moça despertou atenção pela sua beleza e conseguiu e recebeu o convite para ser amante, prostituta de luxo, onde mantinham uma casa só para ela, diga-se resultado positivo, pois como fez-se menção outrora, fugiu da má sorte das irmãs que findaram na Rua do Siriri, rua dos prostíbulos de Aracaju.

Diante dessas mudanças e desgraças em que todos os filhos caíram, exceto Bela, os pais inconformados com a mudança que dos filhos, alterações essas que acarretaram a desgraça, voltaram para o engenho de Ribeira.

Nota-se que antes toda a família representava um conjunto, um coletivo, no entanto a partir do momento em que se mudam para Aracaju é perceptível a mudança brusca e inesperada de atitudes dos filhos e consecutivamente o

distanciamento desses dos pais. Todas essas ações causam enorme vergonha e decepção nos pais: a prostituição de todas as filhas e a prisão de Pedro.

Cada desgraça em que os filhos caíram um por um foi causando aos poucos um abalo psicológico e moral em cada membro da família. Como a mãe sempre falava, desde a primeira filha a fugir, que aquele fato abalaria as meninas que ficaram, como assim sugere ter sido. Os pais ainda insistiam em aconselhar, mas não eram ouvidos.

A função social do velho é lembrar e aconselhar- memini, moneo- unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. (Apud BOSI, 1994, p. 18)

Esses filhos, todos, recusaram a sabedoria dos velhos, que apenas falavam para alertar os filhos do mau caminho e de pessoas de má índole que cruzavam os caminhos deles e que poderiam e que estavam os influenciando, no entanto, não eram ouvidos, mas sim ignorados.

A partir do momento em que há a mudança para a cidade há a mudança dos filhos, então esses filhos começam a mudar, porque o ser humano é condicionado a tudo aquilo com o qual ele entra em contato, o que se torna imediatamente uma condição e faz parte de sua existência. Eles vivenciam o exílio, mas não choram a saudade de um passado. Não houve a nostalgia de algo que ficou no passado e não podia mais voltar, pois todos os filhos, com exceção de Bela, que morreu, sofreram um processo de hibridização.

Hibridização na área biológica é proveniente de duas espécies diferentes, ou seja, que têm elementos diferentes em sua composição, já na sociologia é um método sociocultural onde estruturas ou práticas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Assim como ocorreu com os filhos, que vieram do interior e quando são colocados em meio às práticas da cidade industrializada, na Capital, consecutivamente suas ações são moldadas mediante ao novo meio.

A família Corumba, como exposto de forma sucinta anteriormente não sofreu com o processo de mudança, sempre o cruzar de fronteiras requer um processo de adaptação, o narrador não colocou de forma explícita nenhum problema de adaptação da família, pois de início não se nota nenhuma lamentação pelo passado

ou tradições de outrora, pelo contrário devido aos êxitos iniciais dos personagens, não houve relato de nenhuma queixa ou reclamação com o novo.

O híbrido remete à história da mestiçagem, pois se sabe que a palavra remete ao cruzamento de duas espécies, só que, no entanto esse conceito que era estrito à área da biologia começa a fazer parte de outras áreas, como “práticas culturais”. Stelamaris Coser afirmou que “as formas culturais híbridas, por sua vez, adaptam-se com mais rapidez a contextos novos e podem apresentar uma infundável combinação de traços e características”. (Apud COSER, Stelamaris, 1999, p. 171) .

Formas híbridas culturais são as assimilações, aceitações de uma cultura, um ser que já tinha suas crenças, tradições, costumes, não as deixa de lado, tenta conviver com as duas, com conflitos ou não, já que a aceitação do novo sempre gera conflitos internos.

Houve ao chegar à capital um cruzamento cultural, meio rural versus o novo meio que estava se industrializando, consecutivamente gerou uma mudança de comportamento de todos os filhos que estavam no processo de formação de suas identidades.

As meninas tornam-se prostitutas, já que perderam a virgindade, logo são estigmatizadas como degeneradas por toda a sociedade e o filho Pedro, com comportamento anormal, no conceito de seus pais, já que ele tinha um emprego bom e perde tudo por entrar num grupo comunista. Há a mudança também do papel patriarcal, pois quem ditava as regras da casa agora era unicamente a mãe, a voz de ordem do lar que dominava todo o tempo. Por fim, há uma decomposição do lar, já que todos se separam, exceto os velhos, que findaram sozinhos.

Ocorreu com os filhos tal forma cultural híbrida, uma vez que houve a mistura cultural tradição versus “inovação”, no que se refere ao processo de industrialização que mudou todo o contexto social, econômico do país e familiar, no referente à família. Quando pega-se a etimologia da palavra hibridismo ela não aparece apenas como cruzamento, mas também como degeneração das espécies e alguns cientistas afirmaram que o cruzamento das espécies poderia gerar decomposição ou degradação.

As meninas são tidas não só aos olhos da população, mas também aos dos pais que se envergonham delas, como erradas, a mãe, a todo o momento, falava “mudaram a cabeça dela”, “foram as amizadas” isso para explicar as mudanças que os filhos tiveram, ou seja uma degeneração, pois houve uma perda das boas

qualidades e valores pregados e impostos pelos pais e por toda a sociedade, uma corrupção, ou seja, uma depravação da moral e conduta social dos filhos, de acordo com que a sociedade patriarcal e os pais estabeleciam.

Os costumes, tradições familiares e valores pessoais que a família vivenciava no interior era sempre lembrada, a todo o momento, pela mãe:

Não obstante o tradicionalismo aparece muitas vezes como recurso para suportar as contradições contemporâneas. Nessa época em que duvidamos dos benefícios da modernidade, multiplicam-se as tentações de retornar a algum passado que imaginamos mais tolerável. Frente à impotência para enfrentar as desordens sociais, o empobrecimento econômico e os desafios tecnológicos, frente à dificuldade para entendê-los, a evocação desde tempos remotos reinstala na vida contemporânea arcaísmos que a modernidade havia substituído. (CANCLINE, 2013, p. 166)

Esses pais representavam toda tradição arcaica que os filhos resistiram, eles insistiam em manter tradições e costumes que estavam embutidos neles do interior, mas como se leu em muitas passagens do romance, as mudanças das meninas ao tornarem-se prostitutas não foi apenas com a família Corumba, mas muitas outras meninas da vizinhança, que fugiram com namorados entraram para o mundo da prostituição, o que a mãe Corumba ouvindo esses relatos a todo o momento alertava as filhas.

Coser em seu texto Híbrido, Hibridismo e Hibridização pontuou que todo esse processo é extremamente complexo, contraditório desestabilizador, uma vez que influi no processo de criação e pode-se até dizer de afirmação, reafirmação de novas identidades. Por fim em seu texto Coser conjecturou que:

[...] Todas as sociedades são complexas e híbridas. O híbrido não está convenientemente circunscritos às margens, aos guetos de imigrantes, aos bairros, aos espaços alternativos, ou apenas aos dias atuais. Híbridos não são os outros: híbridos somos todos nós, são todas as culturas e todas as histórias. (1999, p. 186)

E esses seres híbridos, assim, se tornaram devido aos diversos tipos de margens por eles sofridas, margem social, geográfica e por fim individual, devido a toda transição por eles sofridas, como dito anteriormente. E queira ou não, todo ser híbrido assim como, Caçulinha, Albertina, Rosenda e Pedro realizam uma metamorfose, uma mudança totalmente brusca. Não se inclui Bela, já que morrera ,

assim os filhos de forma totalmente inconsciente participaram desse processo de hibridização, até porque eram jovens e estavam, no processo de formação de suas identidades, assim como o movimento estava em mudança, os filhos também o estavam.

Todo o processo de mudança, a dualidade do novo e do antigo, aceitar a mudança, tornar-se um ser híbrido, gera tensões e sempre quando se fala em cruzamento cultural há o embate do moderno versus a tradição- redação. E a simbologia do moderno no romance é a capital, que compõe as fábricas (processo de industrialização), os filhos e a tradição (arcaico) é representada por Ribeira, pela plantação, pelo engenho e pelos pais Josefa e Geraldo.

O engenho, a plantação, são trocados pelas fábricas de tecidos, do mesmo modo ocorre com os pais, são trocados pelos filhos, que preferem o que a cidade pode lhes oferecer, seus destinos determinam o moderno, representado por namoros, lutas políticas e prostituição.

O simbólico do romance é mostrar o arrebatamento do que menos força tem no processo de industrialização: os pobres, logo a família Corumba não teve vez, seres sempre à margem, assim sempre o seriam, já que toda representação do arcaico, tradição familiar, o coletivo da família que não parecia se dissolver, foram engolidas de forma abrupta e dramática, feitos de toda uma mudança política e socioeconômica: o capitalismo e industrialização.

O impasse do cruzar fronteiras implica numa só questão cultural, a questão do ser (permanecer) e o tornar-se, que nada mais são do que afirmações da identidade, necessidade de todo ser humano. Os pais com relutância de mudar o comportamento dos filhos, como não o conseguiram culmina na volta deles com um enorme descontentamento. Os pais assimilam o novo apenas quanto a inversão dos papéis no regimento e ordem do lar, pela mãe Corumba que se tem mostra de uma posição social que começa a mudar e a mulher passa a ter mais voz.

Os filhos são extremamente representativos e identificam o tornar-se, o modificar-se, a partir do momento que foram suscetíveis a mudança em suas ações, modos de pensar e até sentir, tornaram-se seres híbridos culturalmente, mesmo que não precisem cruzar a fronteira de um país. Tem-se de início, principalmente representado pela capital, não uma cidade centro, uma vez que Aracaju não entra no rol de cidade central do Nordeste, mas almejado por ser uma cidade maior que

Ribeira, possui fábricas, lugares propícios ao encontro de uma multiplicidade de referências de identidades.

Os pais sentiram-se deslocados, foram incluídos e excluídos ao mesmo tempo, como bem representado no enredo do romance, na segunda parte toda a família foi incluída, pois permaneceram, continuaram como chegaram: à margem, no entanto não houve um declínio e conforme a trama narrativa vai se desenvolvendo são excluídos um por um, até o final onde os pais representam toda essa exclusão, que gerou seres deslocados dentro de um espaço que começava a mostrar-se como não pertencer, daí o cruzar fronteiras pela segunda vez pelos filhos e pelos pais, uma vez que houve uma degradação individual com cada filho e não lhes restou outra alternativa.

Logo aos pais só restou a nostalgia do passado, o que caracteriza muito bem seres que cruzam a fronteira, que se exilam que não mudam seus pensamentos e sentimentos, pois sentem falta de como tudo antes era, não se adaptam ao novo, sendo assim excluídos, o único lugar de felicidade plena para os pais é no passado, então esses seres recorrem à memória para desfrutarem de um passado pleno de harmonia no lar e voltam à Ribeira, representativa da felicidade e conjunto do lar, que não mais se tem.

Inúmeras facetas do espaço urbano cosmopolita onde se depreendem as categorias do móvel, do transitório, do fragmentado e as mutações perpétuas (...) se afirma enquanto espaço de infinitas possibilidades que confere à literatura o estatuto do lugar de passagem, de troca e de transformação. (PORTO, 2005, p. 236)

Hanciau ainda afirmou que a fronteira, o entre- lugar, o terceiro espaço, são “zonas criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade” (2006, p. 127). Ou seja, a unidade, a totalidade de laços, de qualquer tipo de relação social, grupal se torna quase impossível.

A ideia ressaltada a todo o momento com a trajetória dos filhos, é a ocorrência de uma fragmentação nos personagens, enquanto impingiu a eles novas possibilidades de ver, pensar e agir. E a significação de terceiro espaço se dá no romance, pois a partir do momento em que os personagens se tornaram híbridos criaram um espaço de “conforto” interno, para não sofrerem com o que foi deixado para trás, ou seja, um espaço híbrido.

Ainda, quanto ao espaço urbano, a Capital, cidade de Aracaju “pano principal” da construção do romance, possui inúmeras facetas, lá se pode encontrar do mais diverso, referente às pessoas, suas ações e a moral. A tradição arcaica nesse espaço dificilmente se mantém, devido ao processo de industrialização, como já referido antes, que consecutivamente muda tudo e faz-se fragmentar, o capital, é o que move as pessoas promove isso e o século XVII criou o individual, oposto ao sentido de comunidade. (o século XVIII foi onde se perpetuou o capitalismo e daí em diante ocorreu uma gradação).

E assim, de pensamento em pensamento, foram repassando as últimas ocorrências de suas vidas.

Há seis anos tinham vindo, tão cheios de esperanças... A cidade, com o ganho das fábricas, o casamento para as meninas, o professorado de Caçulinha, fora tudo ilusão, que por água abaixo descera.

Melhorar?... Não o conseguiram nunca. Perderam, mesmo o único bem que possuíam: os filhos, desgarrados por esse mundo, a outra morta, afastados todos do seu convívio...

[...] (Josefa, a mãe) Estava já sem forças, abandonada de todas as suas energias, ante tanto infortúnio acumulado, que acabava por obriga-las àquela retirada, à volta humilhante para as senzalas da Ribeira. (FONTES, 2003, p. 237- 238)

Posto isso, se estabelece que há em todo o processo que a família sofreu: cruzar de fronteiras, industrialização e hibridização a geração de uma violência no romance. Violência social, uma vez que, as filhas enganadas pelos rapazes não podiam mais reestabelecer suas vidas junto ao seio familiar, pois perdida a virgindade, a sociedade as tachou como impuras, um belo exemplo é quando Caçulinha e a mãe foram à delegacia prestar queixa do noivo que tirou a virgindade da filha, com o propósito dele reparar o erro e se casar com a moça, no entanto nada podia ser feito, pois Zeca tinha uma família com muitos bens, logo a causa foi deixada de lado e por fim a notícia “correu” dentre toda a sociedade e a menina foi demitida do seu posto de secretária.

O trabalho fronteiroço da cultura exige um encontro com o “novo”, como ato insurgente, e não parte do continuum do passado e do presente. Gera uma produção artística que não apenas retoma o passado- causa social ou precedente estético-, mas o renova, refigurando- o como “entre- lugar” contingente, que além de inovar, interrompe a atuação do presente. O “passado- presente” torna-se parte da necessidade (e não da nostalgia) de viver. (HANCIAU, 2005, p. 134)

Passados seis anos, o momento em que os pais estão no trem de volta ao interior é o único momento que a nostalgia no romance se faz presente, nostalgia pelo passado, como bem disse Hanciau o passado aqui é tido como uma necessidade, uma fuga, e não por simples nostalgia, mas uma necessidade, infelizmente confrontada e sentida por essa família, num momento onde não há mais como reverter tal situação.

O híbrido tomou conta do lar Corumba, os filhos com o exílio mudaram toda tradição de um lar que os pais almejavam em embutir e manter, a todo momento com muita relutância, pois não muito tempo com a chegada na Capital veem todo conceito familiar e moral sendo desfeitos um por um, devido a toda mudança comportamental vivenciada pelos filhos, em contrapartida os pais e toda a sociedade não aceita tal mudança, veem os filhos com olhos negativos e como pessoas impuras, portanto os pais numa tentativa de voltar ao passado idílico, retornam a Ribeira, pois lá estava toda tradição de um lar que eles queriam ainda que os filhos mantivessem e futuramente passasse adiante na formação de suas famílias.

CAPÍTULO III

3 A Representação Sócio- Cultural da Mulher em Amando Fontes

Amando Fontes em ambos romances *Os Corumbas* e *Rua do Siriri* deu ênfase ao papel da mulher na sociedade. Em *Os Corumbas* depois do casamento os pais eles tem apenas um filho homem e quatro mulheres, o pai mostra o seu desconforto a essa relação, uma vez que a contribuição das mulheres para a renda da família seria menor, pois elas não possuem tanta força física quanto um homem, logo, não poderiam trabalhar nas lavouras de cana- de- açúcar, onde os pais trabalhavam. O narrador cita que as meninas até se esforçavam e ajudavam no que podiam.

E desde as sociedades mais primitivas, a união e o número de filhos eram provenientes da necessidade de subsistência familiar, já que nas sociedades agrícolas e pastoris, a produção seria maior e consecutivamente a condição de vida melhor à proporção dos números de filhos.

E mesmo não imperando no Nordeste uma cultura primitiva, ainda essa era pouco desenvolvida e toda a subsistência da família era mediante a agricultura, e não fazia diferença apenas o número de filhos, mas sim o número de filhos homens para ajudarem na lavoura, pois o rendimento das mulheres nessa é inferior.

Embora essa família mude de cenário econômico, antes a renda baseada na agricultura, quando eles moravam no interior, já em Aracaju são proletários de fábricas, o que não muda a questão da dependência da renda por meio do conjunto dos filhos, pois se um perde o emprego, há todo uma falência do dinheiro das contas. Fato ilustrado por vários romances proletários, como em *Germinal*, de Zola:

[...] e finalmente, para cúmulo dos males, a prostituta da Catherine resolvera fugir com um homem! A casa ia por água abaixo, só o pai continuava trabalhando e trazendo dinheiro. Como é que haviam de viver sete pessoas, sem contar Estelle, com os três francos do pai? Ah, o melhor era atirarem-se todos juntos no canal! (ZOLA, p. 155)

Tal preocupação se perpetua nas famílias proletárias, pois como se noticiou em ambos os romances, o conjunto do dinheiro era o que valia e mesmo quando a família Corumba sai da agricultura, engenho de Ribeira e vão para as fábricas, o conjunto importa, porque são operários, assim como representado em Zola, eles ganham muito pouco, logo cada filho dá a seus pais o dinheiro para as despesas da casa, e ainda assim muitas vezes nem para o alimento dá.

Quando Catherine, em Zola, resolve fugir com um homem, isso aproxima ainda mais os dois romances, pois com a fuga de Catherine a renda familiar ficaria prejudicada, a mãe entra em total desespero, nessa cena desfiava desgraça em seu rosário e há gritaria, mediante ao desespero. Fato que também perpassa em *Os Corumbas*, primeiro Rosenda foge com o cabo Inácio, a mãe entra em desespero, logo Bela que frequentava a escola abandona os estudos e vai trabalhar na Têxtil, devido a renda do lar que não seria a mesma, em seguida Pedro é deportado e adiante Albertina foge com o médico Dr, Fontoura, sendo assim não é apenas a vergonha do lar destituído que faz a mãe Corumba entrar em desespero e agonia, mas também porque o dinheiro mal estava dando para as contas e não restando outra escolha Caçulinha, a única filha a permanecer no lar, abandona a escola e se emprega na fábrica de tecidos.

As mulheres que outrora apenas ficavam em seus lares cuidando do lar, de suas famílias tem esse cenário mudado devido a crise financeira, e ainda mais em famílias de classe pobre como representado em *Germinal* e n' *Os Corumbas* as filhas devem trabalhar para complementar a renda, portanto essa é uma diferença social que começava a mudar na obrigação do trabalho e da renda e no âmbito cultural uma mudança lenta.

O cheiro da carne açulara o olfato de Lénore e Henri, que se divertiam fazendo córregos no chão com a água derramada. Ambos foram para perto do pai, o menor na frente. Seguiam com os olhos cada pedaço; cheios de esperança, viam nos partir do prato e, consternados, assistiam ao desaparecimento deles na boca do pai. Finalmente, o homem notou o desejo voraz que chegava a torná-los pálidos e lhes punha água na boca.

—As crianças já comeram disto? —perguntou. E como a mulher hesitasse:

—Sabes bem que não gosto dessas injustiças. Tira-me o apetite vê-los ao meu redor, mendigando um pedaço.

—Mas claro que já comeram! —

exclamou ela, encolerizada.—Se começa a apiedar-te acabas dando o que te toca e mais a parte dos outros, e eles comerão até estourar. Alzire! Não é verdade que todos nós já comemos Chouriço? —É, sim, mamãe —respondeu a corcundinha, que naqueles casos mentia com a desfaçatez de um adulto.

Lénore e Henri permaneceram imóveis, surpresos, revoltados ante tal mentira, eles, que eram açoitados quando não diziam a verdade. Com a revolta no coração, sentiram uma enorme vontade de protestar, de dizer que não estavam presentes quando os outros tinham comido (ZOLA, p.89)

Nesse trecho em Zola, Maheu questiona à esposa se os filhos comeram, onde se vê uma diferença gritante nos direitos reservados ao pai, sendo que ele já não era mais o único provedor do lar, mas mesmo assim há a predominância dos aspectos de uma cultura extremamente patriarcal, onde sempre os direitos do pai impera, embora no romance o pai Maheu questione a esposa se todos se alimentaram, ela afirma que sim, porém não era verdade.

Embora as filhas e crianças trabalhem, pois numa família de classe baixa, e podendo até dizer miserável, como em *Germinal*, mulheres trabalham na mina e n' *Os Corumbas* esse cenário começa a mudar de forma gritante devido à necessidade econômica familiar. Nota-se em *Os Corumbas* o cenário da fábrica composto em sua maioria por mulheres:

Nesses dias as fábricas largavam mais cedo, depois de efetuado o pagamento. Em frente aos seus grandes portões formava-se uma pequena feira, que servia de distração aos proletários.

Para lá acorriam sírios, com suas caixas de bugigangas; pretas velhas, com seus tabuleiros de doces e frutas; roceiros, com enormes balaies de aipim e de beijus...

Além dos vendedores, havia ainda muita gente. Homens, que vinham esperar as namoradas; mães, que iam aí encontro das filhas portadoras do dinheiro tão preciso; bandos de soldados do exército e da polícia, a chalacear com as raparigas; malandros e curiosos, atraídos pelo ajuntamento de mulheres. (FONTES, 2003, p. 177)

A imagem das mulheres aglomeradas, que a partir de agora compunha das fábricas da cidade, dava um caráter peculiar às cidades, com chuva ou com sol lá estavam elas. Já perto do pagamento, como expõe o excerto acima, fazia-se feirinha do lado de fora, muitos curiosos iam apenas para ver tantas mulheres reunidas juntas; mães esperavam o pagamento das filhas e mesmo se alguma mãe

ali não ia, era obrigação da filha discriminar todo seu pagamento, senão grande parte dele para o lar. Há uma mudança apenas nesse cenário econômico que a mulher se inclui, mas não aos direitos sociais diferentes, senão aquele determinado pelo patriarca, chefe da família, ou seja, cabe a ela apenas obedecer ordens.

E quando a família Corumba muda para a capital de Aracaju há uma mudança de comportamento dos filhos, até porque esses que residiam no interior eram em sua maioria crianças, já na capital crescem e se tornam adultos. Logo em Aracaju toda a desgraça que incide sobre o lar é devido ao comportamento “inadequado”, de acordo com a sociedade, das meninas ao perderem a virgindade, não tendo outra escolha, pois a sociedade machista não aceitava para casar aquelas que não eram virgens, portanto seguiram o caminho da prostituição, pois não eram mais úteis ao matrimônio, tampouco à formação de uma família, como estabelecido pela sociedade. Assim sendo, há toda a desestruturação e corrompimento do lar.

O próximo romance de Fontes *Rua do Siriri*, ilustra como eram as vidas das prostitutas da cidade e conseqüentemente como viveriam as filhas Corumba. Nessa história mostra-se o total desprezo da sociedade mediante as prostitutas, pois se deixa nítido que ao decorrer da narrativa a prostituição é como uma chaga, como se as mulheres que ali viviam tivessem uma doença transmissível, tanto que moram em um lugar distinto do restante da sociedade “de bem” e quando frequentavam outros lugares da sociedade eram olhadas com desprezo e evitadas.

Para o arrebanhamento de fregueses, tinham as mulheres por costume, nas últimas horas da tarde, percorrer em vários sentidos da cidade. Tomavam um bonde, que as levava da Fundação a Chica Chaves; outro, que ia da Praça Pinheiro Machado a S. Antônio; ou ainda o que fazia a volta da Avenida.

Vestidas simplesmente, mas de um modo todo particular, característico; rostos excessivamente empoados; os lábios rubros de carmim- quem quer que as visse, logo as identificava entre dezenas. As famílias, sobretudo, as conheciam e as evitavam. Voltavam a face à sua passagem; não se assentavam no mesmo banco onde delas estivesse. (FONTES, 1961 p. 266- 267)

Nota-se a separação delas onde o início do romance revela que isso não era apenas mais uma intenção, mas sim de agora em diante uma questão de lei e ordem:

LOCALIZAÇÃO DO MERETRÍCIO

De ordem do Ex. Sr. Dr. Chefe de Polícia do estado, ficam intimadas tôdas as mulheres de vida fácil que hoje residem nas Ruas de Arauá, Estância Própria e Santa Luzia a se mudarem, no prazo improrrogável de 8 (oito) dias, para a Rua do Siriri, no trecho compreendido entre as Ruas de Laranjeiras e Maroim.

Aracaju, 1º de dezembro de 1918.

Rua do siriri

O Secretário,

Manuel de Barros Maciel. (FONTES, 1961, p. 165)

Publicado no *Diário Oficial*, no Edital da Polícia, por essa carta percebe-se a intenção da sociedade querer cada vez mais excluir as prostitutas da cidade e isolá-las em um lugar restrito a essas e onde elas não teriam contato com a “sociedade de bem”, até porque pelo indicio do que as moças falam ao ver a reportagem, o novo lugar era distante, sem bonde por perto e estavam receosas, pois poderiam até perder clientes.

No início do romance, já é revelado que as prostitutas são tratadas sem o mínimo respeito e valor, algo que elas sabem ao optar por essa vida, e elas teriam que sair do lugar onde se encontravam, já que a Rua do Siriri era mais afastada.

Portanto, por toda relevância dada à mulher, Fontes intentou mostrar o papel de exclusão delas na sociedade daquela época, onde estava havendo toda uma mudança no quadro social, primeiramente quadro econômico, onde elas começam a participar ativa e efetivamente da economia familiar e consecutivamente social e cultural, pois como já dito a economia antes apenas embasada na agricultura, começou a mudar esse quadro devido à crise e ao surgimento das indústrias, o que concomitantemente muda o comportamento cultural das pessoas.

E as mulheres com a crise, principalmente as da classe média e baixa, já não podiam apenas ser “donas de casa”, trabalhar no lar, como ilustra *Os Corumbas*, Rosenda e Albertina, as filhas mais velhas devem trabalhar nas fábricas de tecido para ajudarem no sustento familiar e a todo o momento o narrador cita que no ambiente da fábrica há em sua maioria mulheres e crianças.

Tudo isso ocorreu porque o processo de modernização nas capitais nordestinas, como em todo o Brasil, obrigou grande parte das mulheres a saírem do âmbito da casa (clausura doméstica) para o domínio da rua (trabalho nas fábricas)

como em Recife, onde as mulheres são admitidas para trabalharem nas fábricas de charuto e logo são a maior mão de obra dessas fábricas.

Ser charuteira significa, antes de tudo, ser mulher e ser trabalhadora, fatos que traduzem condições socialmente construídas no tempo e no espaço. Ser mulher revela os variados significados de uma cultura masculinizante e de uma história de lutas, sejam estas abertas ou camufladas, pela conquista de sua autonomia no campo das relações sociais, na construção de sua cidadania.(SILVA, 2001, p. 67)

Há sim essas lutas, porém uma luta com muitos receios e com medo, não se fala necessariamente de um combate de massas ou de grandes grupos, mas a luta que a mulher trava no lar com seus esposos, pais mães e no emprego com seus patrões. Uma luta pela simples igualdade de ir e vir e até de falar, já que houve um tempo em que à mulher cabia apenas se calar.

No entanto, mesmo com a admissão das mulheres em ambientes masculinos, em fábricas, mostra-se o não preparo cultural masculino para tal, como ilustra o caso de Albertina Corumba, funcionária da Têxtil, fábrica de tecidos, e uma mulher que por apresentar grande beleza física recebia “cantadas” excessivas do chefe, o que faz ela se exaltar e perder seu emprego.

Foi Misael, o contramestre da minha seção... Miserável! Ele não gosta de mim, porque eu não sou como as outras que lhe dão confiança... Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com ele. Gritei- lhe no focinho: “ Atrevido! Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!” O povo todo viu... Ele ficou danado comigo, e por isso vive de prevenção... Hoje, só porque cheguei um bocadinho mais tarde- ainda não tinham fechado o ponto- o infame disse que eu não entrava nesse quarto. E veio logo com enxerimentos: “Se eu quisesse esperar por ele de noite, no Beco da Cerimônia...” nem deixei que acabasse. Dispamparei, xinguei tudo, e vim m’embora... Com toda certeza agora o miserável vai dar parte de mim... Também, eu que me importo! Não volto mais para trabalhar naquele inferno. Não volto, não volto, pronto! (FONTES, 2003, p. 48)

A moça foi procurar o gerente, para explicar e recorrer, pois sofrera uma injustiça, mas ele, de ordinário tão afável e risonho com ela, nesse dia a recebeu de fisionomia trancada, carrancudo. Desiludiu- a logo às primeiras palavras: “- Não! A

senhora é boa operária, faz um trabalho limpo, não há dúvida. Mas não sabe tratar os seus superiores com respeito”. (2003, p. 53)

A renda de Albertina fazia muita falta ao lar, uma vez que a sua contribuição era uma das maiores, e a mãe resolve rogar ajuda ao Doutor Barros, conhecido na cidade por ajudar a muitos com indicação de emprego:

É assim, seu doutor- reatou Sá Josefa.- A gente veio da Capela, do Engenho da Ribeira, não faz ainda muito tempo, e fui morar ali na Estrada Nova. Eu, o marido e a filharada.... Pois bem: esta, que o senhor está vendo aí, dava mais do que todas nas despesas. Agora, perdeu o emprego, mode uma briga que apareceu lá no serviço. Mas o senhor pode me crer que ela está coberta de razão. O contramestre saiu com enxerimentos; ela partiu com ele... E, só por isso, olho da rua. Procurou lugar no outro tecido. Disseram que não tem vaga. A gente não é daqui, tem pouco conhecimento. Só seu doutor, pelo que as outras me disseram pode dar um jeito nisso... (FONTES, 2003, p. 57-58)

Embora a mulher saia “às ruas” para trabalhar, requiere seus direitos, assim como Albertina que não se calou diante do abuso ao seu corpo e enfrentou o contramestre, a sociedade ainda não está preparada para tal. A mulher é maltratada pelos homens, como chefes e devem ser humilhadas e permanecerem caladas, senão perdem o emprego, como aconteceu com Albertina, que caso quisesse reverter tal situação era para se encontrar a sós com ele, incitando que ela conseguiria uma mudança por meio de seu corpo.

O chefe julga-se no direito por estar num cargo maior poder fazer o que quiser, e assim pode tirar vantagem das pobres mulheres que dali dependiam, como bem ilustra a passagem, Albertina tinha toda razão, no entanto não direitos, pois era subalterna a um homem extremamente machista e ela “ apenas” uma mulher para a sociedade, pois ainda quem mandava, desmandava eram os homens e as mulheres sofriam reclusões por toda parte, como o chefe acrescentou que Misael era o gerente e deveria acreditar nele, pois se desse crédito a Albertina todas se achariam no direito e as ordens dele nada valeriam. Tal fato é de subserviência histórica:

Com o advento do patriarcalismo e sob o seu signo instituiu -se a dominação do homem sobre a mulher. No Brasil, o primeiro indício do patriarcalismo pode ser identificado no padrão português, a partir do século XVI com a chegada das donzelas, as "órfãs da rainha", moças pobres e/ou com pequenos dotes que configuraram a

importância social e econômica do matrimônio, instalando o modelo da dependência da mulher ao poder masculino na Colônia. A partir de então, se organizou e se consolidou com o "estabelecimento de uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata", que favoreceu a instalação de uma sociedade do tipo paternalista, fazendo do Norte seu espaço por excelência. Contudo, o patriarcalismo expressa-se conforme a organização social e o processo de elaboração mental e cultural de cada povo em cada tempo, agindo como princípio ideológico norteador da família e da sociedade, à medida que molda-se aos processos de desenvolvimento político e econômico que oferecem maior ou menor respaldo as suas ações. (SILVA, 2001, p. 70)

No início do século vinte XX, data de escrita do romance e passagem da narrativa, afigurou-se com características de hierarquia, onde a figura masculina detentora do poder estava apoiada no fundamento e base econômica e no seu papel exercido na sociedade.

Já, na segunda metade do século, a configuração da família vinha passando por modificações intensas devido a toda influência social, política e econômica, o que foi responsável em boa parte pelo surgimento de uma nova compreensão e concepção sobre as questões de gênero: o masculino e o feminino. E a condição feminina começou a se modificar principalmente a partir do momento em que a mulher começa a trabalhar.

Outra mudança é a mulher chefe de família que substitui o papel estritamente patriarcal, como a mãe, Josefa Corumba que representava esse poder, já que o pai saía para trabalhar à noite, logo ela exercia a função do pai, portanto no romance de estudo há essa mudança do regimento do papel patriarcal dentro da família, pois no lar Corumba não é o pai quem dita as regras, mas sim a mãe.

Nos centros urbanos a autoridade do patriarca era vivida de forma mais amenizada, em oposição aos rigores do aplicado no mundo rural. Nos meios mais pobres e, sobretudo, no mundo urbano os valores predominantes eram igualmente propagados, mas aceitos conforme seus modos de vida e dentro das possibilidades culturais e materiais de sua existência.

No Nordeste, por exemplo, nos dias atuais ainda é diferente, pois a cultura muitas vezes patriarcal e hierárquica impera, devido aos aspectos econômicos, extremamente atrasados que influenciam na cultura e determina esse quadro social.

E toda essa mudança no quadro cultural de gêneros não foi vivenciada pela família tradicional nordestina, portanto sob o regime hierárquico patriarcal absoluto. Fato notado na narrativa, pois mesmo com a mudança econômica, que forçava a mulher a trabalhar, as filhas não adquire direitos.

Tanto que Albertina mesmo estando certa, teve que rebaixar-se e voltar ao mesmo emprego. Isso destaca a condição feminina no romance regionalista, onde mesmo com pequenas mudanças, ainda a estrutura patriarcal e de submissão das mulheres predomina. Há a emancipação delas a partir do momento em que saem às ruas, para trabalhar em outro ambiente, senão seus lares, o que acarreta uma total mudança na estrutura familiar, mesmo contragosto.

Mudança uma vez que elas começam a ter contato com outros ambientes e pessoas e também porque elas indo trabalhar “fora”, ganham seu próprio salário, automaticamente almejam por liberdade e direitos maiores, e não aqueles apenas ditados pelo “homem da casa”, como se costumava dizer, seja esse o pai ou marido, que determinavam o destino e atitudes das mulheres, se ela se casaria e com quem; que não sairia de casa sozinha e se o fazia era apenas para ir à igreja; quem poderia ter de amiga ou não.

E tal retrato do conceito que a figura masculina representa para mulher se expande até em seu meio de trabalho:

Assim, as charuteiras levavam para o trabalho as determinações sociais de seu sexo e viam na figura do mestre não apenas uma chefia, mas a chefia masculina por excelência, aquele a quem deviam obediência como se fosse o seu pai ou marido, como expressa Dalva Damiana: mas a gente tinha um respeito a ele igual um filho tem respeito ao pai, bastou dizer assim: e vem seu Valdo! Ele era difícil dá um carão, mas só no olhar dele de lá pra cá a gente já tava se tremendo, quer dizer que não batia em ninguém, mas o respeito é tudo né? (SILVA, 2001, p.110)

Tal trecho é de uma pesquisa com as mulheres empregadas nas fábricas de charuto, onde uma delas revela a posição da mulher que tremia e temia diante do homem, e mesmo sabendo que esse estava errado não podia inquerir nada. Esse fato é relevante para mostrar toda submissão feminina não apenas no interior das

fábricas aos seus chefes de trabalho, mas, sobretudo, o chefe familiar, o que revela a condição social e cultural delas na sociedade da época: trabalhar como um homem e calar diante dele.

A imposição aos filhos é permeada em toda narrativa d' *Os Corumbas*, onde apenas há exigência dos pais e no romance a mãe chefe Corumba representa toda ordem, pois no lar Corumba o patriarca não tem nenhum destaque, e devido a toda trajetória da mãe, pois a essa foi imposto regras e ela deve de acordo com os costumes impor isso a seus filhos, devido a falta do pai em virtude do trabalho, como mostra a cena a seguir:

- Ah!- exclamou em dado instante. – Essas meninas estão é tomando sopa comigo! Quem já viu uma coisa dessas? Já passa muito das nove e aquelas duas moças sozinhas pela rua! Qual!... Isso precisa entrar nos eixos...

[...]

- Não! Eu não criei filhas pra andarem vagabundando até alta noite pelas ruas! Vocês estão se enganando comigo! O que é que ficam fazendo lá por fora? Namoros, com certeza... Muito bonito, isso! Se tem namorados, se eles estão sérios, com boas tenções, que venham ver vocês aqui em casa. É melhor! Eu não me importo! O que não me cheira bem são esses passeios até tarde, ninguém sabe por que cantos. (FONTES, 2003, p. 61)

O relógio da Têxtil soava dez horas quando Albertina chegava em casa e a mãe no papel paterno representa toda ordem e regras familiar, como a própria mãe afirma que tal situação precisava entrar nos eixos, todas demais situações de ordem e moral familiar é dominada unicamente pela mãe na narrativa. Induz-se até a passividade do papel masculino onde reinava a ordem familiar, pois Geraldo Corumba, o pai, pouco aparece.

Tal fato revela que intentou- se pelo romance o desvendamento do papel no âmbito familiar e social. Como tal passagem denuncia, a filha que outrora só saia acompanhada dos pais, começa a querer ter direitos como a filha Albertina questiona após tal incidente sua mãe: “ Ora, mãe, deixe de raivas... Então a senhora não quer que a gente se distraia um bocadinho?... (FONTES, 2003, p. 61)

A mulher trabalha tanto quanto os homens, mas apenas isso. E essas meninas ao chegarem a capital crescem. Rosenda já está com aproximadamente trinta anos, Albertina uma mulher, já Caçulinha e Bela são mais moças. Não se pode afirmar que as moças se encantaram pela capital e que essa as fizeram “perder- se”

no mundo, mas a partir do momento em que vão trabalhar querem o direito de se divertir um pouco, passear com as amigas ou vizinhas.

Rosenda ao começar a namorar o Cabo Inácio, no entanto, começa a voltar tarde e a mãe num determinado dia a espanca até sangrar e logo em seguida essa foge com o noivo, não é revelado por meio do pensamento dessas uma revolta, no entanto como mesmo diz o cabo Inácio, a mãe tratava como crianças, mulheres que trabalhavam e eram adultas.

Pela não aceitação de seu namoro, Rosenda foge com o namorado; adiante Albertina também faz o mesmo, ambas na promessa de um falso casamento. Eles as abandonam e elas tornam-se prostitutas, pois elas já não eram mais virgens e a família e a sociedade não as aceitariam de volta. O mesmo sucede com Caçulinha, perdeu a virgindade com o ex- noivo, ela é abandonada por ele, demitida do cargo de secretária, por ser considerada impura e um perigo às moças, pois essa poderia contaminá-las.

Toda a desgraça dessas moças se dá unicamente pelo símbolo da virgindade que ditava quem essas moças eram: se de caráter ou não e que caminho a seguir uma vez perdida a virgindade: a prostituição ou trabalhar na parte interna das fábricas sob o signo da humilhação constante.

Mudou-se o conceito familiar, devido à mudança do contexto cultural e econômico, o ser humano é intrínseco ao meio em que faz parte, ou seja, as ações do homem refletem o meio em que vive, por isso houve essa mudança modificação no conceito familiar, pois os filhos sendo híbridos a toda essa mudança histórica e social dificilmente manteriam toda tradição arcaica imposta pelos pais, já que o próprio ambiente da Capital não permitia tal.

E o contexto histórico de 1907 onde se inicia a trajetória da família Corumba, contexto de industrialização implica no êxodo rural, autoexílio de muitas famílias, assim sendo essa família proveniente do interior de Aracaju, engenho de Ribeira, entra em contato com um novo mundo, tudo diferente: mundo das fábricas, namoros, partidos sociais, prostituição.

Nesse contexto histórico a sexualidade do casal era vista, como ainda o é, de forma diferente, o homem tinha uma liberdade sexual maior, como representa bem o romance *Rua Do Siriri*, onde homens casados frequentavam bordéis. Em *Os Corumbas*, os namorados tiram as virgindades das moças, aproveitam-se

delas para satisfazerem seus desejos de ordem sexual, no entanto uma vez que elas perdem a virgindade com eles mesmos não são mais aptas para o casamento, como mesmo conclui o ex-noivo de Caçulinha .

Até há pouco tempo, as mulheres não tinham autonomia. No início do século XX, era frequente as mulheres serem analfabetas, como ilustra as mulheres que trabalham na parte interna das fábricas de tecidos, são as que não obtiveram estudo, logo vão para o lugar mais sujo e perigoso e onde há correntes acidentadas em serviço. Já as que trabalham como secretárias são as que tiveram estudo e que tem uma moral de acordo com os parâmetros sociais da época, como Caçulinha que frequentou a escola, logo o seu posto era de secretária, no entanto, assim que perdeu a virgindade foi desclassificada para lá trabalhar.

O Estatuto da Mulher foi apenas promulgado em 1962 no Brasil tirou a mulher desta condição, pois os valores familiares estavam fundamentados no desempenho profissional do homem, na parte econômica e nas qualidades morais. E o indivíduo era considerado em relação aos êxitos que sua família conquistava, centrando-se nesta o foco das atenções.

E a esses êxitos conquistados ou não pela família se ateu o romance, pois Josefa Corumba, responsável pelos cuidados e moral do lar mantém-se sempre atenta à vida de seus filhos, se demoram para voltar do trabalho, o que fazem , com quem saem, quem são seus amigos e sempre em alerta ao que a sociedade, representada no romance pela vizinhança falam de seus filhos, como quando uma vizinha fala de sua filha, a mãe já se mantém em alerta e providencia medidas o quanto antes. Nota-se que a mãe não vive a sua vida, mas sim em função da vida de seus filhos e a partir do momento que há a desonra do lar, onde não há mais êxitos e apenas desonras, não há mais uma família, essa encontra-se desestruturada.

Embora haja um processo de mudança no contexto econômico e cultural, o que se refere a questão de gênero muda de forma extremamente lenta, isso quanto à representação do romance, isso não em questão nacional, ou seja, todo o Brasil, mas principalmente ainda quanto ao Nordeste, ambientação mais rústica e que preserva ainda nos dias de hoje muitos costumes familiares patriarcais.

Enquanto que as mulheres dessa família são desenhadas pela literatura regional como sinônimo de benevolência e passividade, de silenciosas matronas ou obedientes mulheres que calam, engolem o choro e as palavras, que gaguejam quando vão pedir ou falar algo a seus maridos. São mulheres que sentem, mas nem sempre extravasam, que pensam, mas raras vezes falam; que choram em silêncio, porque chorar é agredir os ouvidos dos seus senhores. Sendo ao mesmo tempo fortes, guerreiam junto aos homens em meio as macambiras e mandacarus, porém sem deixar de serem consideradas frágeis, que devem ser submissas e obedientes aos seus maridos.

Tais estereótipos sociais adquirem em nossa literatura regionalista um peso tão grande que influencia muitos outros discursos que passam a ser aceitos sendo intrínsecos à família nordestina, dos homens e mulheres que são fortes como a seca que aí castiga e dá solidez e dá desenvolvimento a esse sentimento.

Tais estereótipos sociais adquirem em nossa literatura regionalista um peso tão grande que influencia muitos outros discursos que passam a ser aceitos sendo intrínsecos à família nordestina, dos homens e mulheres que são fortes como a seca que aí castiga e dá solidez e dá desenvolvimento a esse sentimento. (RODRIGUES, p. 273)

Tal figura, representação da mulher nordestina, não mudou muito com o passar dos anos. E tal estudo da família em Graciliano Ramos, onde se fala do papel da mulher na sociedade nordestina é o que os romances regionalistas interpretavam da realidade vivida, e assim o foi em Amando Fontes. As filhas não podiam falar ou questionar algo que os pais falavam.

Soou sete horas quando Rosenda chegou:

A velha que a esperava na porta de seu quarto, puxou-a violentamente para dentro, sob uma chuva de bofetões e de improperios. Conseguiu pôr-lhe uma mão sobre a garganta, encostou-a à parede, e assim pôde surrá-la à vontade.

Respeito dos filhos aos pais

Ante o inopinado do ataque a moça ficou apalermada, sem ânimo até de defender-se. Limitou-se a baixar a cabeça, para esconder o rosto; e sem uma queixa, um gemido, recebia os golpes que Sá Josefa lhe vibrava. Mas aquela atitude teve o efeito de aumentar o exaspero da velha, que levou à conta de má-criação e de capricho. Abaixou-se então, numa fúria, tirou o tamanco de um dos pés, e com ele bateu fortemente nos ombros, na cabeça, até no rosto da filha.

Só aí Rosenda pôs-se a gritar e a debater-se. O sangue lhe descia do nariz. Um apancada sobre a nuca tonteou-a.

- Não me mate!- implorou.

E com um bruto safanão pôde escapar, debandando a correr para o fundo do quintal.

Sá Josefa ainda a perseguiu até a porta da cozinha, onde ficou a blaterar, o peito arfante de cansaço:

- É assim, sua sem-vergonha! Você leva a gente pra desgraça, mas eu te quebro de pancada! (FONTES, 2003, p. 76- 77)

Quem tinha o poder de controlar horário e moral do lar era a mãe, enquanto o pai trabalhava, e como a vizinhança já falava das saídas e namoro de Rosenda com o cabo Inácio, namoro no qual a mãe desde o início não aceitou, devido a má fama do rapaz.

E nesse excerto do romance nota-se que mesmo Rosenda, uma mulher de quase trinta anos ser espancada pela mãe, pelos passeios com o namorado, a moça não revida, responde, nem mesmo gesticula, o que é um exato retrato da mulher nordestina que não tem voz e cala diante dos pais, uma mostra não só de respeito, mas também da mulher subjugada e mostra dessa passividade de todos os filhos diante das ordens dos pais, não apenas o pai, mas sim também diante da mãe quando esse o falta.

Pela cena pode-se analisar que não há o estabelecimento de nenhum diálogo com os pais e filhos, o que a família embasada em conceitos patriarcais não permitia, pois a mãe acredita piamente no que as vizinhas falam sobre Rosenda, que vive com passeios com o Cabo Inácio, o que é verdade, no entanto, a mãe não opta pela conversa para mudar os pensamentos de sua filha, mas sim pelo espancamento, o que de início faz haver uma mudança nas atitudes da moça, como é chamada pelo narrador, no entanto essa depois foge com o Cabo.

Também se vê o tratamento de imposição que o homem dá a mulher: “- Eh! Zefa! Estou com fome. Bote aí alguma coisa pro velho mastigar [...] Zefa- gritou ele à mulher, que trabalhava na cozinha. - Estão batendo aí. Vá ver, que a porta está fechada. (FONTES, 2003, p. 47) .

Tal imposição de ordem, de colocar a comida, de mandar a esposa abrir a porta enquanto o homem nada o faz, já que estava trabalhando fora remete à posição social sempre existente no papel da mulher e do homem, o homem impunha as ordens, a mulher obedece e quando o pai está fora do lar cabe à mãe tal imposição: o homem dita como e quando fazer, ou seja, ele é responsável pela ordem familiar.

No entanto, na época da história da família Corumba, em torno de 1922, como representado pela família as mulheres já vão trabalhar, porém apenas isso, já

que não adquirem direito nem à mínima igualdade, tampouco à voz. Pela representação da fala do pai, nota-se que a esposa é tida como uma empregada pessoal, pois ela pelos costumes da tradição familiar devia sempre servir ao esposo e ao lar, como bem mostra a narrativa, e também como é vista pela cena absurda de Rosenda, que mesmo trabalhando como um homem, de manhã até de noite na fábrica, não tem direito de igualdade, nem de falar e a mãe a trata como uma criança, que deve obedecê-la a qualquer custo, pois às filhas só cabe trabalhar como homens e agirem tal como mandam e ordenam os pais, sem mostrarem ou demonstrarem opinião ou vontade própria, pois como há o ditado histórico onde os pais pronunciam “nós sabemos o que é melhor para vocês”.

Tudo ilustra que a mulher embora trabalhe tanto ou mais que os homens, como Clarinha n’ *Os Corumbas*, menina de apenas quatorze anos obrigada a trabalhar doente, essas saem do âmbito familiar para ajudarem no sustento, muitas vezes entregam todo o dinheiro a seus pais, mas não veem seus direitos mudarem perante a sociedade, direito de falar, de expressar sua opinião ou sentimento, essas ainda são vistas ser fruto de uma sociedade extremamente patriarcal e machista, que muitas vezes julgam e maltratam as mulheres de forma injusta, e elas sabem que o melhor a fazer é calar-se, pois sempre o mundo, as pessoas, e a própria família devido a toda cultura patriarcal imperante estaria contra elas, como bem ilustra quando Caçulinha perde a virgindade contra a sua vontade, o noivo promete que nada mudaria entre eles e eles se casariam, como combinado anteriormente:

Sargento Zeca fazia essas reflexões de pé, no meio da rua, onde parara de repente. Por fim, depois de acender novo cigarro, retomou o seu caminho, esforçando-se por banir da mente tudo que pudesse lhe arrefecer o desejo de reparar o mal causado.

“ Fora uma loucura verdadeira, de que a ele, somente, cabia toda a culpa! Facilitara demais, confiando na força de seu bom-senso...”

Lembrou-se do quanto ela se afligira e quisera logo regressar, quando encontraram a casa a sós, naquela tarde.

“ De uma coisa, porém estava tranquilo. Não lhe atormentava a consciência o peso de uma premeditação. Fora, tudo, consequência única do acaso... Tudo...”

Aí, sargento Zeca novamente estacou, para exclamar, em tom sarcástico:

- Sim, senhor! Muito bonito! Casar com uma pequena deflorada!

Aquela idéia contrariava-o, causava-lhe sempre o maior constrangimento. Tinha a impressão de que não somente ele, porém todo o mundo sabia do ocorrido. E compreendeu, ainda naquela ocasião, que seria uma vergonha acompanhá-lo pela vida, uma humilhação eterna diante de si mesmo, ligar seu nome, e seu destino a uma mulher...

Mas, nesse instante, a imagem de Caçulinha surgiu-lhe na lembrança. Chorava, o rosto escondido no lenço, justamente como na ocasião do desvario. Comoveu-se. Chegou a murmurar, a voz molhada:

- Coitadinha!

[...]

- O homem não passa de um ser egoísta e ignóbil! Olha, primeiro que tudo, o seu interesse!

Ele queria com essas palavras duras contra si mesmo proferidas, aludir à dúvida, que no momento o assaltara, de estar agindo com recuos unicamente por força da oposição irremovível que a família fazia àquele enlace. Porque, nos últimos tempos, suas relações com os parentes haviam melhorado. Já teria, decerto, voltado à mais completa boa graça de toda a sua gente se não fosse aquele noivado com uma “operária do tecido”. Recordava-se, sobretudo, da sua última entrevista com o avô, que lhe dissera, com a rudeza do seu temperamento de antigo senhor de escravos:

- Não, Zeca. Pra você tornar às boas com nós todos e ter a nossa ajuda na vida, precisa tomar juízo de uma vez. Comece por acabar com esse casamento desigual. Essa menina não é digna de você. Lembre-se bem : “ Mulher e cão de caça, pela raça.”

Ele respondera que não, preferia continuar pobre e lutando, como estava. Protestou contra o conceito pouco lisonjeiro do parente, Chegou a zangar-se. Mas, agora, aquelas palavras ásperas do velho lhe repontavam, a cada passo, na memória.

“ Pela raça!... Lembrou-se de Albertina e de Rosenda. Quase se convenceu de que o avô tinha razão. De Caçulinha, que sempre lhe parecera boa e pura, nada se podia ainda afirmar. Era jovem demais. “ Quem sabe o que viria a se tornar, depois de feita mulher? Esse, o grande problema a resolver... Sim. Porque não havia tortura maior para a vida de um homem do que uma esposa leviana ou desonesta. Para ele, com o gênio violento e impulsivo que era o seu, seria, por certo, as grades da prisão. (FONTES, 20013, p. 205- 207)

Essa passagem da narrativa é logo após o incidente de Caçulinha ser convidada a ir até a casa do ex-noivo, no entanto lá chegando não havia ninguém e a menina perde a virgindade. Como o próprio Zeca aludira, a culpa teria sido exclusivamente sua tal ato, porém, mesmo assim, após o incidente Caçulinha teme a mudança do noivo, o que de fato acontece.

Ele começa a cogitar que ele não tinha culpa por tal ato, que apenas fora culpa do acaso, em seguida fala que como podia ele casar como uma mulher que não era mais virgem, sendo que o próprio tirara a virgindade de sua noiva e ainda

acrescentou que tal era muito humilhante e não conseguiria carregar tal fardo, e as desculpas só são acrescidas, pois depois ele lembra-se das palavras do avô falando que eles eram de classes sociais desiguais e, por fim, Caçulinha assim como as irmãs, provavelmente poderia se tornar prostituta, como ele disse “pela raça”, como já dizia o determinismo naturalista, que estava no sangue de Caçulinha se tornar prostituta.

Todo esse excerto resume o grande machismo de uma época, onde as mulheres com grande esforços têm lutado para ser deixado para trás. Nota-se a escala de desigualdade no papel da mulher e do homem perante a sociedade, o homem que em todos os papéis sociais era superior ao da mulher, esse podia tratá-la como objeto e não teria culpa nenhuma de alguma consequência futura, como o caso de Caçulinha, onde o noivo realmente abandonou a menina e como ele mesmo pontua no decorrer da narrativa, que talvez mais à frente ela servisse para o papel de amante, mas não mais para o de esposa, algo totalmente incoerente, pois a ele cabia à responsabilidade pelo ato, toda a culpa é unicamente transferida à mulher.

Diante disso a notícia de que Caçulinha não era mais virgem corre dentre a cidade, ela é vista com maus olhos por todos e demitida do cargo de secretária da fábrica, pois como a carta de demissão que ela recebeu dizia, lá não era permitido que trabalhasse moças impuras, o que caçulinha agora era considerada por toda a sociedade e até por seus pais. E a moça devido ao que acontecera seguiu o caminho da prostituição. Algo totalmente injusto que a sociedade patriarcal e machista acometia às mulheres: determinar o que elas seriam, fariam e que as consequências de qualquer ato seria estritamente delas, fato que resume toda a sociedade daquela época.

O Sargento Zeca parece entrar uma luta com sua consciência, dizendo a si mesmo que ele era o culpado por tal ato, mas sendo a mulher o sexo frágil, o homem sempre determinava seu destino direta ou indiretamente, como o romance ilustrou. A desgraça da prostituição acometida pelo homem quem paga eternamente pela humilhação é a mulher e a sua família, família que não acolhe a sua filha nem a defende.

Pois mesmo quando Caçulinha vai com a mãe à delegacia para denunciar o noivo, essas já vão lá sabendo que não haverá resultado algum, pois um homem dificilmente seria preso por tirar a virgindade de uma mulher e consecutivamente desampará-la, situação que se agravava, pois a família do noivo de Caçulinha era muito rica. E quando levou o caso à polícia o chefe de polícia ria e falava: “– Boa... Seu Gustavo! Essa é das boas!...” (FONTES, 2003, p. 218). Por fim concluiu, sabendo que de nada adiantaria: “- Faz pena! Aquela está perdida para sempre...” (FONTES, 2003, p. 223).

Comentava-se na delegacia que Caçulinha era moça instruída, induzindo a sua falta de culpa, mas de nada adiantou, a partir do momento que uma jovem perdesse sua virgindade seu destino estaria traçado ou a prostituição ou viver sem casar-se, a não ser amasiar-se, pois um homem jamais aceitaria tal fardo, já que desde então era considerada por toda a sociedade uma moça perdida.

Ser mulher, assim como ser homem, não significa o fato de nascer fêmea ou macho naturalmente, mas o de assumir papéis socialmente estabelecidos e hierarquizados, fazendo com que homens e mulheres sejam categorias culturalmente construídas, historicamente impostas aos seres masculino e feminino, "posições normativas que não são produtos de um consenso social, mas de um conflito". (RODRIGUES, p. 69)

O conceito dessa masculinidade e conceitos patriarcais, presentes ao longo de toda a narrativa, foram estabelecidos historicamente e baseiam-se unicamente numa relação de desigualdade, devido à repressão e injustiça mediante à mulher tanto em espaços públicos(trabalho, vida social), como em espaços privados (lar, família e vida conjugal), que devido à toda fragilidade da imposição de seu sexo, há uma enorme divergência quanto ao papel de normas e condutas sociais e principalmente a defesa dessa, algo que se vê desde tempos remotos, como pode-se observar na *Bíblia*, histórias que datam mais de 2015 anos, onde sempre prevaleceu o controle sob a mulher a níveis de injustiça.

É revoltante tal condição, pois não houve uma simples mostra determinista naturalista como prescreveu Zola, que o homem é simples produto do meio, a raça e momento, e esses determinam e influenciam as atitudes humanas, assim como o ex-noivo de Caçulinha afirmara, que estaria no sangue, pois isso seria muito simples. A intenção de Fontes foi ir mais além, mostrar a chaga de uma sociedade que se

modernizava quanto ao seu meio de produção: máquinas; modo de vida agrária que se modificava no nordeste; mulheres que passaram a trabalhar para ajudar no sustento, no entanto isso bastava à elas, o cancro social está na diferença injusta imposta por todo patriarcalismo histórico pregado e imposto pelos homens, que determinava, subjugava e acometia injustiças não apenas contra o corpo feminino, mas também à vida e destino da mulher.

Tal situação na sociedade demora a mudar, as mulheres do romance, mesmo que se fosse num romance contemporâneo tardariam a mudar tal concepção, devido à cultura atrasada do Nordeste que tem alicerces na economia, logo há uma subordinação dentre todas as classes, não subordinação do pobre diante do rico, mas a subordinação das mulheres em todas as camadas sociais, sejam essas pobres ou ricas, a mulher sendo de uma classe social superior não dá mais ou menos direito diante dos homens, a única coisa que a diferencia é que ela não precisa ajudar na renda familiar, portanto não sai de casa para trabalhar.

A família, nesta época de tantas modificações, muitas vezes vê-se confusa em suas próprias transformações. O ser humano, ao nascer em um sistema familiar, recebe todas as influências culturais do momento em que vive, acrescidas das informações transmitidas através das gerações por seus ascendentes. Necessita, então, poder elaborar em si mesmo os novos comportamentos, ideias, sentimentos, valores, etc. integrando-os adequadamente aos recebidos transgeracionalmente. (HINTZ p. 18)

As mudanças quanto ao gênero passam a ser expressivas para a sociedade de uma forma bem lenta. As relações entre os membros do casal tornaram-se mais iguais no que era relativo à ordem. Houve uma reforma do papel masculino e feminino na relação conjugal, o que favoreceu o surgimento de novos padrões comportamentais para ambos, e o movimento feminista contribuiu de forma considerável para a ocorrência de tal.

Mais tarde, as mulheres adquiriram direito ao voto em 1934. Em 1960, a mulher era considerada relativamente capaz, o que não se viu ser vivenciado pelas mulheres Corumbas, já que o tempo da história termina bem antes de tal data.

E assim vários aspectos vão sendo transformados ou conquistados, ao longo do tempo, como: decisões compartilhadas, em relação aos filhos; atividades financeiras; direitos e deveres que tendem com o tempo a ir tornando-se cada vez mais recíprocos.

Nota-se que não havia diálogos tampouco expressões de afeto entre os membros das famílias, mas apenas expressões de ordem, onde o modo imperativo do homem à mulher reinava, mas com tais fatores externos ao grupo familiar, modifica-se também o afeto nas relações da família.

A mulher passou a trabalhar fora diante da necessidade econômica, com a finalidade de aumentar a renda família o que a faz aos poucos querer ampliar seu campo de trabalho, como integrar-se em atividades educativas, profissionais, culturais, artísticas e políticas. A mulher, mesmo que de forma tardia começa a ingressar em maior número nas universidades, o que a faz alargar seu campo de trabalho e a levando a passar mais tempo fora de casa.

As mulheres estão no centro destas questões em decorrência dos diferentes papéis exercidos por elas em várias áreas da sociedade, como na saúde, educação, fertilidade, trabalho e na habitação. A autonomia da mulher e o seu desenvolvimento nestas áreas proporcionam uma nova posição a elas dentro de suas famílias, assumirem o papel do chefe de família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos o estudo do romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes verificamos primeiramente que a intenção do autor não foi em nenhuma instância escrever um romance revolucionário, tampouco unicamente de fundo proletário, como muitos afirmaram, o que o autor intentou, como ele mesmo disse em seu discurso, foi mostrar como os homens caminham e andam no mundo, sem dignificar ou reduzi- los a animais, pelo contrário, fez uma representação fiel da sociedade de sua época e de sua terra, do nordeste na década de 30.

Se o romance fosse proletário como se pode notar em Zola em *O germinal*, haveria luta proletária, como foco do romance, do proletário em luta, em guerra, em greve, o que *Os Corumbas* não enfatizou em nenhum momento, há sim mostra das condições precária das fábricas, mas relatos curtos e a menção maior que há no romance que dá o indício de revolta proletária é por meio de Pedro Corumba que começa a ler livros de revolução e participa de reuniões onde se fala que o proletário deve reagir, mas não passa disso, esse grupo não luta, são ideais apenas pelas falas e tal grupo é preso, sem ao menos protestarem ou revoltarem-se publicamente.

Já em Zola há grande luta proletária que faz até derrubar a mina, as pessoas nesse romance passam até fome, pois se recusam a trabalhar caso não haja mudanças, o que não conseguem, pois os patrões ameaçam trazer mineiros estrangeiros e eles sabiam que não teriam onde trabalhar caso tal ocorresse e a miséria não poderia mais se perpetuar.

O que não poderia acontecer em Fontes, pois *Os Corumbas* é o romance de uma família pobre de agricultores que sai do interior de Aracaju, se auto- exilam do engenho de Ribeira, pois não havia mais trabalho nas lavouras devido a seca, e por fator se auto- exilam em Aracaju na esperança de lá melhorarem de vida e terem o mínimo para subsistência: moradia, alimento e o sonho de terem as filhas mais novas: Caçulinha e Bela na escola, portanto há um exílio geográfico e social.

Na chegada conseguem o que almejam escola para as mais novas e Pedro o filho homem trabalha de mecânico, o pai de vigia noturno na Sergipana e as mais velhas: Albertina e Rosenda trabalham nas fábricas de tecido. Embora almejem o que sonharam a capital proporciona a hibridização de todos os filhos, visto que eles

estavam na formação de suas identidades, saíram alguns jovens outros crianças do engenho e na Capital já são jovens e adultos, portanto, começam a ver o mundo de forma diferente e não apenas isso, mas também agirem fora dos parâmetros sociais impostos.

E realmente a capital era um novo mundo que se abria a todos eles: mundo das fábricas, amizades, amigos, namoros e movimentos de luta social, no que se restringe a Pedro. Diante disso, os filhos que apenas viviam para a o lar e mantinham-se sob um regime extremante patriarcal começam a querer e a formar suas próprias identidades, com suas próprias vontades: ter passeios com as amigas, vizinhas, namorar, o que outrora jamais faziam, como a mãe mesmo dissera: “antes as filhas não chegavam tarde em casa, o filho não tinha esses pensamentos, as meninas não pensavam em namorar.”

Portanto, há uma mistura de toda tradição do interior imposta pelos pais, onde os filhos viviam apenas para o lar com a cultura da capital, onde passam a trabalhar fora e não mais na lavoura. Tendo em vista isso, há todo um processo de hibridização onde os filhos foram inseridos.

A mãe, responsável por toda ordem do lar, já que o pai trabalhava à noite, sempre alertava os filhos pelas mudanças que eles vinham apresentando, podendo corromper o lar e a si mesmos. E embora o contexto histórico e econômico estivesse mudando ainda havia grandes vestígios na sociedade nordestina de conceitos tradicionais e patriarcais, uma vez que sua economia era atrasada, logo a mudança social e comportamental também atrasadas não eram aceitas pela sociedade, que ditava como os filhos e mulheres deveriam agir.

A zona canavieira do Nordeste tornou-se, desde o início da efetiva ocupação territorial até o final do século XVII, o pólo econômico mais importante do Brasil. Em torno da lavoura canavieira criaram-se as primeiras formas estáveis de colonização, uma colonização de tipo patriarcal, baseada na monocultura, no latifúndio e no trabalho escravo, e que deixou marcas profundas na paisagem física e humana da região (ALMEIDA, 1999, p. 191- 192)

E essas marcas profundas de um regime histórico patriarcal imperante perpetuavam mesmo fora do trabalho das lavouras, como no romance, pois esse regime hierárquico do homem, devido à economia antes dominada unicamente por eles, consecutivamente toda ordem e regimento familiar estariam unicamente nas

mãos deles, e como o texto mesmo expõe, algo que deixou não apenas marcas profundas na parte física, mas na parte humana, pois esse regime tardaria muito ainda para mudar.

Como no romance, todas as moças Corumbas, com exceção de Bela, que morreu, tornam-se prostitutas, pois começam a namorar, no entanto, devido as artimanhas dos rapazes, elas acreditam neles e no casamento prometido, perdem a virgindade, logo por toda estigmatização e grande preconceito da sociedade da época, que não aceitava “mulheres da vida”. Há uma separação das moças de “bem” e das moças “da vida”, como vulgarmente a sociedade as classificavam, pois essas moças a partir do momento que perdiam a virgindade, não eram consideradas aptas para o casamento, nem para certos cargos de trabalho, como ocorreu com Caçulinha, a qual perde seu posto de secretária, tal como justificado na carta de demissão entregue ao pai “ela poderia contaminar as moças de bem”.

Algo extremamente injusto, que indiretamente obriga essas jovens a seguirem o caminho da prostituição e se exilarem, um exílio sentimental, para fugirem de todo preconceito que enfrentariam, logo elas mudam-se para longe de seus pais, devido a vergonha do “caminho errado” que tomaram.

E as prostitutas, como posto no romance posterior de Fontes, *Rua do Siriri*, evidencia pelos relatos de vida que são separadas do restante da sociedade não apenas fisicamente, já que são obrigadas a mudarem-se, mas sim porque as pessoas as evitavam, pois se elas estavam sentadas no trem, outras pessoas, senão as prostitutas ali não sentariam, as pessoas tinham nojo delas, como se transmitissem doenças contagiosas, e elas sabiam disso.

Mas a expulsão de Pequena em nada influenciou para que a Polícia abrandasse o seu rigor. Durante alguns meses o patrulhamento da Rua do Siriri tornou-se tão exigente e tão intenso, que um simples bate boca entre mulheres determinava o inquérito e prisões.

Sofreram tantas impertinências e injustiças que, ao fim, Esmeralda já andava propondo às companheiras:

- Vamos trocar de vida, minha gente. Pra se andar assim nesse cortado, é melhor viver de esmola ou de carregar gamela de lama na cabeça, nas salinas da Getimana ou do Socorro... (FONTES, 1961, p. 274)

As prostitutas sabem o que sua profissão representa à sociedade, e assim também as filhas Corumbas ao terem que optar por esse caminho o sabiam, que seriam um cancro à toda sociedade, e que seriam excluídas até o fim de suas vidas.

Ao filho Pedro o exílio é forçado, pois o seu grupo que se reunia toda noite para discutir uma possível greve foi preso e deportado ao Rio de Janeiro. Já os pais, vivenciam o terceiro exílio, pois devido ao declínio familiar, e vergonha que passaram, resolvem voltar para onde estavam embutidas suas tradições familiares e pessoais que na Capital fez- perder. Esses voltam para Ribeira sem os filhos e sem nada, pois na Capital não conseguiram uma mudança social.

Essa família é obrigada diretamente pela ordem econômica, de declínio da cana de açúcar a se adaptar e ir trabalhar nas fábricas, um novo meio econômico que a industrialização impôs ao mundo, ao Nordeste, a todo o Brasil. As mulheres, principalmente as de família pobre devido a toda crise do lar saem de casa para irem trabalhar, e essas começam a ser massa em grandes fábricas, como as fábricas de tecidos, que o romance apresenta, embora isso muitas vezes represente um fardo, pois:

Ser trabalhadora, na realidade brasileira, representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que não tiveram como propósito reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos, ora mantendo-as excluídas do processo produtivo, reduzindo sua contribuição social apenas ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico, ora explorando a sua força de trabalho como reserva de mão-de-obra, à sombra do homem trabalhador, além das péssimas condições de trabalho, não havendo uma substantiva valorização social da trabalhadora. (SILVA, 2001, p. 67)

Essas mulheres não ajudam apenas parcialmente no sustento da família, já que a grande maioria entrega todo o seu salário as mães ou pais, e nota-se que mesmo essas trabalhando fora por longos períodos, igual ou mais que os homens, a mudança cultura e social não acompanha a econômica, pois elas ainda devem rebaixar- se e calar-se diante de seus patrões; devem calar e obedecer no lar como crianças, são subjugadas, sofrem preconceitos e injustiças perante a uma sociedade ainda patriarcal embasada no machismo de séculos, que a economia atrasada do Nordeste alimentava todo esse atraso cultural.

Nota-se que toda essa subjugação da mulher dentro da sociedade acarretou a tragédia do romance, pois a família antes era um conjunto, um todo, e a partir do

momento que há a queda moral de cada filho eles saem do lar, cada um para um lugar e os pais retornam à cidade natal. Não se diz que eles se veem ou se verão novamente, sendo assim não havendo mais o conjunto familiar não há mais necessidade de haver narração, não há mais por quem os velhos viverem e lutarem, e quando Caçulinha, a última filha a ir embora, há a simbolização de todo esse fim, e o término do romance.

O ciclo da tragédia para os pais se completa com a queda da última filha, pois Caçulinha era uma personagem extremamente doce, inteligente e instruída e a trajetória dela ao deixar o lar, não faz acreditar que essa também se tornaria prostituta, pois até um momento mesmo pela tristeza das outras filhas terem ido embora, por meio dessa, de seu casamento toda moral e felicidade seria reconstituída e devolvida aos velhos Corumbas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia*. Reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Teoria Estética*. Trad. Artur Morao. Lisboa: Edições Setenta, 1970.

ALMEIDA, Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ALONSO, Angela. *Críticas e contestação: o movimento reformista da geração de 70*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4146.pdf>>. Acesso em 30 fev. 2014.

ARISTÓTELES, *A Arte poética*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>>. Acesso em 22 set. 2014.

ARRUDA, Gilmar. *Natureza, Fronteiras e Territórios*. Londrina: Edeal, 2005.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares* (introdução a uma antropologia da supermodernidade). Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BHABHA, Homi. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Disponível em: <[http://www.ciadono.com/walter-benjamin-o-narrador1%20\(1\).doc](http://www.ciadono.com/walter-benjamin-o-narrador1%20(1).doc)>. Acesso em: 1 jun. 2014.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Níveis de realidade em literatura*. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/agosto2007/textos/nivelliterario.pdf>. Acesso em: 12 fev 2011.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Candido, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. vol 2, 4 ed. São Paulo: Martins, S.D.

_____. *Liiteratura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 10 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHAUÍ, M. 1994. Os trabalhos da memória. In: E. BOSI, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 15ª ed., São Paulo, Cia das Letras, p. 17-33.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 3 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

CONDÊ, José. *E o deputado Daria Lima*. In: Correio da manhã. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=73835&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 10 jun. 2014.

COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: Era realista era de transição*. 4 ed. São Paulo: Global, 1997.

DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6 ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EURIDICE, Figueiredo. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FILHO, Carlos Alberto Farias de Azevedo. *Hibridismo e ruptura de gêneros em João Antônio*, 2008, Tese (Doutorado em Literatura), Assis.

FONTES, Amando. Dois romances: *Os Corumbas; Rua do Siriri*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7 ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Marcus De Martini São Paulo: Cultrix, 1957.

GAGLIETTI, Mauro. *A Questão da Híbridação Cultural em Néstor García Canclini*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0585-1.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2014.

GERMANO, Patrícia Gomes. *Jorge Amado: Romancista de trinta e/ou escritor de utopias?* Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/410.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

HANCIAU, Núbia Jacques. "Entre-lugar". In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 125-141.

HINTZ, Helena Centeno. *Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade*. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1363010551_hintz_novos_tempos,_novas_fam%C3%ADlias_-_complementar_8_abril.pdf>. Acesso em 15 set. 2014.

JÚNIOR, Manuel Diégues. *Imigração, urbanização e industrialização: Estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil*, Centro Brasileiro de pesquisas educacionais, série VI- Sociedade e Educação, vol 5, 1964.

LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LIMA, Cleverton Barros de. *Figuras da exclusão na escrita do romance social brasileiro de 30*. Disponível em: <<http://ojs.gc.cuny.edu/index.php/lljournal/rt/prinFRIENDLY/512/591>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

PENNA, Lincoln de Abreu. *Os panfletários da República: a campanha do petróleo na imprensa nacionalista*. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu-n7-Penna.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

PORTO, Maria Bernadette. "Literaturas migrantes". In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

QUEIRÓS, Maria José de. *Os males da ausência ou a Literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RODRIGUES, Maria da Conceição Alves. O papel da família para Graciliano. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7112.pdf>>. Acesso em 02 dez. 20014.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Fora de Lugar*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil Qual Romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SILVA, Elizabete Rodrigues. *Fazer charutos uma atividade feminina*. Disponível em: <<http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/Fazer-charutos-uma-atividade-feminina.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2001.

SILVA, Roberto José da. *Inferno Urbano: Estudo do espaço em Os Corumbas, de Amando Fontes*. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000375011>>. Acesso em 20 ago. 2014.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. *Narrativa e Fronteira Cultural*. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Artigo%20Felipe%20Charbel%20Teixeira.pdf>>. Acesso em 02 abr. 2014.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Disponível em: <http://ciml.250x.com/archive/literature/portuguese/zola_germinal.pdf>. Acesso em 30 out. 20014.